



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

CURSO DE LETRAS-TRADUÇÃO FRANCÊS

FERNANDA MENESES RIBEIRO

**DISCUTIR A TRADUÇÃO DE TEXTOS CIENTÍFICOS: GÊNERO
TEXTUAL, TERMINOLOGIA E TOPONÍMIA**

Brasília, 2018



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FERNANDA MENESES RIBEIRO

**DISCUTIR A TRADUÇÃO DE TEXTOS CIENTÍFICOS: GÊNERO
TEXTUAL, TERMINOLOGIA E TOPONÍMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras da
Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel
em Letras- Tradução Francês.

Orientadora: Alice Maria de Araújo Ferreira

Brasília – DF

Junho, 2018

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores do curso que ao longo dos anos compartilharam conhecimentos e experiências comigo. À minha orientadora pela motivação e atenção dedicada a esse projeto. Aos meus pais, irmão e amigos que me apoiaram e estiveram ao meu lado durante essa jornada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma tradução para o português do texto *La traduction comme appropriation : le cas des toponymes étrangers* de Thierry Grass. Propomos uma análise do texto de origem a partir da teoria de gêneros textuais de maneira a evidenciar características próprias do texto científico, tendo como base uma abordagem sociodiscursiva da linguagem. Quanto ao processo de tradução desses tipos de texto, discutiremos questões ligadas à terminologia da linguagem de especialidade, assim como os aspectos caracterizadores desse tipo de texto, uma vez que ambos orientam o fazer tradutório. Considerando a área de conhecimento do texto em questão, os Estudos da Tradução, surgem questões relativas à tradução de topônimos e a busca pela padronização dessas traduções.

Palavras-chave: linguagem sociodiscursiva; linguagem de especialidade; tradução de topônimos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 CAPÍTULO I – O TEXTO DE ORIGEM	8
2.1 Apresentação do texto e autor	8
2.2 As teorias de gênero textual	9
2.2.1 A teoria de Bakhtin	9
2.2.2 Formalismo e funcionalismo	11
2.3 O gênero textual artigo científico	15
3 CAPÍTULO II – O TEXTO TRADUZIDO	19
3.1 Panorama dos Estudos da Tradução	19
3.2 Tradução e texto científico	20
3.2.1 A perspectiva sociodiscursiva da linguagem	21
3.2.2 O estudo de gêneros como orientação	22
3.2.3 A internacionalização da ciência	22
3.3 A unidade de tradução	23
3.3.1 Normas de redação científica	26
3.3.2 Terminologia	30
3.4 A tradução de topônimos	39
3.4.1 Os topônimos como unidade de tradução	43
4 CAPÍTULO III – TRADUÇÃO COMENTADA	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
ANEXOS	89
1 Tradução final	89
2 Tabelas de unidades de tradução	105

1 INTRODUÇÃO

A busca por um texto a ser traduzido para este trabalho iniciou no meio de textos científicos, devido a uma preferência pessoal pela tradução de textos técnicos e científicos que se desenvolveu ao longo de aulas práticas de tradução do curso de graduação. O desafio de traduzir textos dos Estudos da Tradução se mostrou relevante e capaz de desdobrar diversas questões comuns às traduções de textos cujo gênero textual é o científico. Além disso, a possibilidade de traduzir um texto que questiona e problematiza o próprio processo tradutório me permitiu escolher um tema de interesse pessoal dentro da Tradução.

O interesse pela tradução de topônimos apareceu anteriormente a este trabalho, durante a tradução de um texto científico, de outro domínio não relacionado à Tradução, em que me questionei sobre a padronização da tradução de topônimos e pude perceber o envolvimento de questões não só linguísticas, como também geográficas, temporais e políticas. O texto *La traduction comme appropriation: le cas des toponymes étrangers* permitiu entender um pouco sobre a tradução de topônimos de uma língua de origem que não domino, o alemão, para uma língua de trabalho, o francês. O título do artigo científico já traz em si a opinião do autor sobre a tradução de topônimos, se trata de uma apropriação.

Acredita-se que exista uma tendência em apropriar nomes próprios, entre eles os topônimos, através da tradução, da transliteração ou da transcrição, conceitos explicados por Thierry Grass ao longo do texto. O texto escolhido para a tradução mostra como a língua francesa tende a se apropriar dos topônimos em alemão, sempre buscando alguma proximidade com a língua de origem e ao mesmo tempo adaptando à língua de chegada. Percebe-se que essa tendência existe também na tradução de topônimos para a língua portuguesa.

O presente trabalho se estrutura em dois âmbitos diferentes. O primeiro é propriamente a tradução do texto em que aparecem questões relativas ao gênero textual, terminologia, linguagem de especialidade e características argumentativas que guiam tomadas de decisões da tradução. Já o segundo âmbito está ligado ao próprio assunto

discutido no texto traduzido que é a tradução de topônimos e suas estratégias. Discutimos a prática de tradução de textos científicos, assunto abordado pelos Estudos da Tradução muitas vezes em comparação com a prática de textos literários, e questionamos o papel da Terminologia e da linguagem de especialidade nesse processo.

O primeiro capítulo deste trabalho é dedicado ao texto de origem escrito em francês por Thierry Grass. As análises se voltam para a questão de gêneros textuais, partindo da premissa de que se trata de um artigo científico, e, verifica-se a hipótese de que o gênero do texto influencia em questões tradutórias. Em seguida, temos o segundo capítulo cujo objetivo é analisar o processo tradutório do francês para o português à luz de teorias relacionadas à tradução de textos científicos e à presença de terminologia nesses textos. Por fim, o último capítulo é um mapeamento do processo tradutório em que os textos de origem e a última versão da tradução estão segmentados, espelhados e acompanhados de comentários sobre as questões surgidas durante a tradução e as estratégias encontradas.

2 CAPÍTULO I – O TEXTO DE ORIGEM

2.1 Apresentação do texto e autor

O texto escrito em língua francesa cuja tradução para a língua portuguesa é o objeto de estudo deste trabalho, se intitula *La traduction comme appropriation : le cas des toponymes étrangers*. Trata-se de um texto publicado em dezembro de 2006 pela editora Les Presses de l'Université de Montréal e divulgado pela Érudit. Esse texto é um dos capítulos do volume 51 da revista Meta, por sua vez intitulada: *La traduction des noms propres (1) et Langue, traduction et mondialisation : interactions d'hier, interactions d'aujourd'hui*.

O veículo em que o texto foi publicado, Meta: Journal des traducteurs/ Meta: Translator's Journal, é uma revista universitária internacional fundada em 1995 que trata de pesquisas nas áreas de tradução e interpretação, e suas subáreas: tradutologia e teorias da tradução, pedagogia, estilística, estudos terminológicos e linguísticos, entre outras. Quanto ao público alvo da revista: “ Elle s'adresse plus particulièrement aux chercheurs en traduction, en interprétation ainsi qu'en terminologie et en linguistique appliquées à la traduction, mais aussi à tous ceux qui s'intéressent aux phénomènes langagiers mis en jeu dans la communication interculturelle.”¹

A revista Meta atualmente tem sua publicação online divulgada pela Érudit, uma plataforma existente desde 1998 que visa à difusão e a valorização de publicações nas áreas de ciências humanas e sociais. Essa é uma iniciativa de universidades canadenses, dentre elas a Universidade de Montreal.²

Quanto à autoria do texto, esse foi escrito por Thierry Grass, um pesquisador e professor universitário nascido na França e atualmente docente da Universidade de Estrasburgo onde leciona disciplinas de tradução profissional e terminologia nos departamentos de Línguas estrangeiras aplicadas e Linguística informática. Entre outros

¹ “Ela se dirige principalmente aos pesquisadores de tradução, interpretação e também de terminologia e linguística aplicadas à tradução; e também a todos aqueles que se interessam pelos fenômenos de linguagem existentes na comunicação intercultural”. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

² Fonte: <https://apropos.erudit.org/fr/>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

estudos nas áreas de tradução e linguística, estudou o alemão na universidade e sua tese de doutorado em Ciência da Linguagem é uma das pesquisas de comparações terminológicas entre o francês e o alemão, *La traduction juridique bilingue français-allemand : problématique et résolution des ambiguïtés terminologiques*.³

2.2 As teorias de gênero textual

Os elementos descritos acima situam o texto quanto ao seu autor, público leitor, data e local de publicação, área e subárea de estudos. Tais elementos caracterizam o texto e, como veremos a seguir, formam um conjunto de características que o definem e são compartilhadas por texto pertencentes à mesma categoria de classificação de textos.

A classificação de gênero textual se mostra especialmente interessante para a análise do texto e de uma possível relação entre gênero e questões desdobradas a partir da atividade tradutória. A teorização de gênero textual e gênero discursivo, muito discutida principalmente na área da Linguística Aplicada, envolve outros conceitos da mesma área como os próprios termos texto, discurso e enunciado.

Um dos teóricos mais conhecidos e estudados no Brasil sobre a teoria de gênero é o russo Mikhail Bakhtin. Este trabalho abordará, em um primeiro momento, os conceitos bakhtinianos sobre gênero e demais conceitos envolvidos, e considerará também outras duas correntes de pensamento sobre gênero textual, o formalismo e o funcionalismo.

2.2.1 A teoria de Bakhtin

Para chegar à definição de gênero textual, a teoria de Bakhtin começa por definir outros conceitos, como o de discurso. O conceito de discurso é definido por Bakhtin em função do conceito de língua em seu livro *Problemas da poética de Dostoiévski* (1997) ao explicar o título de um de seus capítulos, segundo Cavalcante e Torga:

Intitulamos este capítulo ‘O discurso em Dostoiévski’ porque temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta

³ A tradução jurídica bilíngue francês-alemão: problemática e resolução de ambiguidades terminológicas. Fonte: <https://sites.google.com/site/thierrygrass/>. Acesso em: 10 de abril de 2018

e viva e não a língua como objeto da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso (BAKHTIN, 1997b, p. 181, apud CAVALCANTE FILHO & TORGA, 2011, p. 2).

Isso significa que o discurso deve ser entendido em sentido mais amplo, além da língua, levando em considerações outros fatores externos como seus falantes e contextos. Além do discurso, outro conceito importante é o de texto que está relacionado ao conceito de enunciado.

Em sua obra *Estética da Criação Verbal* (1997), Bakhtin define o texto, seja ele oral ou escrito, como o objeto central de estudo das ciências da linguística, filologia e literatura que também perpassa, de maneira mais global, todos os pensamentos filosófico-humanistas. Segundo Bakhtin “o texto representa uma realidade imediata (do pensamento e da emoção), a única capaz de gerar essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto, também não há objeto de estudo e de pensamento.” (BAKHTIN, 1997b, p. 329). Assim, o texto é o único ponto de partida possível para qualquer estudo, e para a tradução não é diferente; ele apresenta sempre um sujeito que é autor.

Bakhtin define duas características que tornam o texto um enunciado:

Dois fatores determinam um texto e o tornam um enunciado: seu projeto (a intenção) e a execução desse projeto. Inter-relação dinâmica desses dois fatores, a luta entre eles que imprime o caráter no texto. Uma divergência entre os dois fatores pode ser muito significativa. O exemplo de Tolstoi. O lapso escrito e oral, segundo Freud (expressão do inconsciente). A modificação do projeto ao longo de execução. O descumprimento da intenção fônica. (BAKHTIN, 1997b, p. 330)

O texto como enunciado não se restringe ao texto como um fenômeno puramente linguístico e textual, mas engloba também diversos outros aspectos sociais e estruturais, tais como o sujeito autor do texto, o público leitor, o contexto social e político da região em que é publicado, a estruturação lógica e argumentativa do texto. O texto, que é também um enunciado, é visto como um fenômeno sociodiscursivo e por isso, deve ser analisado em seu contexto social e discursivo.

Assim, por trás de todo texto, encontra-se o sistema da língua; no texto, corresponde-lhe tudo quanto é repetitivo e reproduzível, tudo quanto pode existir fora do texto. Porém, ao mesmo tempo, cada texto

(em sua qualidade de enunciado) é individual, único e irreproduzível, sendo nisso que reside seu sentido (seu desígnio, aquele para o qual foi criado). É com isso que ele remete à verdade, ao verídico, ao bem, à beleza, à história.” (BAKHTIN, 1997b, p. 331)

O texto em sua qualidade de enunciado, segundo a teoria de Bakhtin, é único e individual, pois é visto além de seus aspectos formais e estruturais linguísticos, considerando sempre o contexto social, cultural, histórico e temporal em que se encontra. Assim, o entendimento de gênero textual passa pela compreensão desses elementos sociais, culturais, históricos e temporais que não estão presente nas microestruturas formais da linguagem e que devem ser procurados nas condições de produção do discurso, ou seja, no ato de linguagem, na enunciação. Sendo assim, “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 1997b, p. 279)

Apesar de ser individual quando isolado, o enunciado possui características definidas como relativamente estáveis que são compartilhadas por um mesmo grupo. É a partir dessas características, que se repetem, que é possível definir gêneros textuais. Mesmo que esses fatores internos e externos não sejam sempre compartilhados integralmente em todo enunciado de um mesmo grupo, existe uma estabilidade que permite diferenciar os enunciados de acordo com suas características.

Logo, um texto não pode ter seu gênero textual definido apenas por seus aspectos linguísticos, mas também deve levar em conta os aspectos externos que definem seu contexto situacional. Não é a forma em si que sozinha define um gênero, mas sim a forma ligada a outros elementos externos. É neste ponto que a teoria de Bakhtin se difere, principalmente, da teoria formalista de gêneros textuais e encontra pontos em comum com a teoria funcionalista, como veremos a seguir.

2.2.2 Formalismo e funcionalismo

Além da teoria de Bakhtin, duas correntes opostas da linguística, o formalismo e o funcionalismo, por terem concepções diferentes em relação à linguagem e seus demais conceitos, criam novas perspectivas e definições para gêneros textuais. A oposição dessas

duas correntes se deve principalmente ao fato de que elas possuem um enfoque diferente, enquanto o formalismo está ligado à forma, o funcionalismo está ligado à função.

Ambas as teorias surgem na modernidade dos estudos linguísticos, porém em momentos distintos, como detalha o seguinte trecho em *Abordagens da Linguística Contemporânea da estrutura ao uso* (2009) de Rodrigues e dos Santos:

A Linguística do século XX teve um papel decisivo na consideração da relação entre linguagem e sociedade: em um momento exclui do seu método toda consideração sobre a natureza social, história e cultural na observação, descrição, análise e interpretação do fenômeno linguístico (referimo-nos, aqui, à constituição da tradição estruturalista, iniciada por Saussure em seu *Curso de Linguística Geral* em 1916). Em outro momento, traz para o centro dos estudos da linguagem a preocupação com toda sorte de fenômenos capazes de afetar, em situações comunicativas concretas, o uso que os falantes fazem da língua, seja a cultura, seja a sociedade, a história, a ideologia, etc. (esse momento corresponde parcialmente à introdução da Pragmática no fazer linguístico). (RODRIGUES, Edson, & DOS SANTOS, 2009, p. 253)

A primeira teoria a surgir é a do formalismo. O foco dessa teoria está na forma, ou seja, nas estruturas internas da linguagem. A linguagem tem como base a sintaxe, que é totalmente separada da semântica e é formada pela junção de frases. Os elementos de uma oração, as flexões verbais e a formação de advérbios são exemplos de padrões formais da língua que são relacionados na teoria formalista.

É importante destacar que quando se fala em formalismo não se refere a uma única teoria homogênea. Existem formalismos mais radicais e mais restritos à forma, como o exemplo das gramáticas tradicionais, e outras correntes que perpassam o formalismo de maneiras diferentes como Ferdinand de Saussure em *Curso de Linguística Geral* (1916) e Noam Chomsky e os gerativistas (1950).

Na teoria de Saussure, o objeto da linguística é a língua que se opõe a *fala* e sobre a relação entre a teoria saussuriana e o formalismo, Rodrigues e dos Santos escreveram:

É claro que a posição de Saussure é muito mais complexa do que a simples definição do par língua/fala, mas a caracterização da Linguística como o estudo da língua (e não da fala) pode coexistir com uma postura formalista... A forma, nesse caso, além de importante, existe fora do uso e não depende dele, sendo mais estável do que a

diversidade de enunciados possíveis, e é escolhida como objeto de estudo justamente por essa relativa estabilidade. (RODRIGUES, Edson, & DOS SANTOS, 2009, p. 251)

A teoria gerativista e de Chomsky também apresenta grande preocupação com os aspectos formais da linguagem, partindo do princípio de que a linguagem é uma capacidade biológica e inata da espécie humana. Apresentam uma nova abordagem do formalismo:

Pelo contrário, o trabalho dos linguistas, no gerativismo, é tentar propor um padrão abstrato que explique não só as sentenças que já existem, que alguém já pronunciou, mas também todas as sentenças possíveis na língua... Temos aqui então um tipo de formalismo diferente dos mencionados anteriormente: não só as características da linguagem são independentes do uso, da função, como são originadas na mente e na biologia, e não na cultura. (RODRIGUES, Edson, & DOS SANTOS, 2009, p. 252)

Ambas as abordagens, saussuriana e chomskiana, apresentam o objetivo de identificar padrões em estruturas abstratas e repousam assim em concepções mentalistas e imanentistas da linguagem. Sobre as concepções imanentistas da linguagem:

Costumamos reunir sob o nome de estruturalismo um conjunto de diferentes elaborações teóricas que compartilham uma concepção imanentista da linguagem verbal (isto é, a linguagem assumida como um objeto autônomo, definido por relações puramente linguísticas, internas), concepção essa cujas coordenadas básicas encontram suas origens próximas no trabalho de Saussure, no início do século XX (FARACO, 1991, p. 98 apud Estruturalismo - Aula 7).

Quanto à abordagem mentalista de Chomsky:

Sapir e Chomsky orientam-se por uma tendência mentalista, que se contrapõe diretamente ao mecanicismo bloomfieldiano. Enquanto o mecanicismo trabalha com um método formal na análise linguística, o mentalismo “procura tratar os dados da língua à luz da doutrina psicológica. A fala é assim vista como um produto do pensamento, da vontade, da reflexão, do sentimento (RAMANZINI, 1990, p. 59 apud Estruturalismo - Aula 7).

Uma abordagem formalista sobre gêneros textuais é então a definição e classificação de gêneros de acordo com suas estruturais internas e formais. Por exemplo, tem-se a concepção de que um poema será sempre redigido em versos e estrofes, acompanhado de rimas e figuras de linguagem. Seguindo a lógica, cada gênero textual

deve se enquadrar em diversas regras específicas de redação, construção de orações, paragrafação, pontuação, escolha de vocabulário, narração, etc. Isso sem considerar aspectos externos ao texto como seu autor, o meio em que é vinculado, o momento histórico em que é publicado, o interlocutor, a situação de comunicação, entre outros.

Em uma perspectiva diversa, outra abordagem sobre a teoria de gêneros textuais é a denominada funcionalista. Essa abordagem surge da corrente do funcionalismo que, juntamente ao estruturalismo e ao gerativismo brevemente mencionados acima em relação ao formalismo, é uma das principais correntes atuais da Linguística.

O funcionalismo surge na modernidade como explica Murad (2011):

O funcionalismo é uma corrente teórica derivada de uma base estrutural da linguagem inaugurada pelos estudos linguísticos propostos por Saussure a partir do século XX. Ao romper com a tradição teórico-metodológica histórica, os estudiosos ditos modernos se propuseram, a partir da noção saussuriana de língua enquanto sistema, a analisar e descrever o funcionamento deste sistema. (MURAD, 2011, p. 2)

O elemento central do funcionalismo é a função da linguagem, uma noção interpretada de maneiras diversas por diferentes teóricos, entre eles Nichols, segundo Kenedy e Martellota:

Segundo Nichols (1984), função é um termo polissêmico e não uma coleção de homônimos. Todos os sentidos do termo de certa forma se relacionam, por um lado, com a dependência de um elemento estrutural com elementos de outra ordem ou domínio (estrutural ou não estrutural) e, por outro lado, com o papel desempenhado por um elemento estrutural no processo comunicativo, ou seja, a função comunicativa do elemento. (KENEDY & MARTELOTTA, 2003, p. 18)

Diferentemente do formalismo, a concepção de linguagem do funcionalismo vai além dos aspectos internos e formais da linguagem e a enxerga como uma atividade sociocultural que não deve ser dissociada de seu contexto comunicativo. Segundo essa perspectiva, a gramática pode sofrer alterações de acordo com o contexto discursivo e comunicativo, logo não é imutável ou estável.

Sobre a corrente funcionalista e sua relação com a comunicação, Kenedy e Martelotta explicam:

O chamado pólo funcionalista caracteriza-se pela concepção da língua como um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical. (KENEDY & MARTELOTTA, 2003, p. 19)

Logo, uma análise de gêneros textuais segundo a perspectiva funcionalista compreende uma análise dos elementos socioculturais que estão relacionados ao texto. Não é um conjunto de formalidades estruturais que define o gênero de um texto. A partir dessa visão, uma poesia pode ser escrita em prosa se outros elementos externos e a função do texto estiverem alinhados. Uma abordagem funcionalista não cria regras de estrutura engessadas e imutáveis, mas analisa o texto com relação a sua função e seu contexto comunicativo.

Tendo em vista o paradigma do formalismo e do funcionalismo é possível relacionar a teoria funcionalista com a teoria de Bakhtin no sentido de que ambas não se restringem a aspectos formais da linguagem. Tanto o funcionalismo quanto a teoria de Bakhtin enxergam a linguagem como um fenômeno sociocultural que não pode ser estudada isolada de seu contexto. Contudo, entende-se que a teoria formalista não é suficiente para a classificação de gêneros textuais, pois apesar de considerar fatores formais e estruturais importantes da construção do texto, exclui totalmente aspectos externos do texto que o transformam e definem.

2.3 O gênero textual artigo científico

Partindo das concepções de linguagem das três correntes mencionadas acima, surgem diferentes definições sobre quais seriam os gêneros textuais existentes e como classificá-los. A análise de gênero textual do texto traduzido para este trabalho teve como base a teoria de Bakhtin, associada aos elementos considerados pelas teorias funcionalista e formalista.

Parte-se da hipótese de que esse é um texto que pode ser classificado como um artigo científico e, a partir das teorias de gênero textual mencionadas, este tópico tem como objetivo identificar quais elementos do texto são característicos de um artigo científico e, posteriormente, como essas características influenciam as decisões tradutórias e o próprio processo de tradução.

Com o objetivo de identificar tais elementos característicos de um texto desse tipo, começamos com o termo *científico*. Entende-se que se trata de um texto relacionado à ciência, qualquer que seja sua subdivisão. O conceito de ciência está frequentemente relacionado à precisão e objetividade, também se relacionado ao conceito de método científico e pesquisa. Segundo Chibeni, em sua publicação *O que é Ciência?*(2018), existe uma visão comum de ciência que parte de algumas pressuposições centrais. Ela começa por observações que devem ser neutras e deve obedecer a um processo chamado *indução* que é teoricamente seguro e objetivo. A neutralidade das observações confere certa objetividade, de modo que o processo de indução que é supostamente seguro, confere certa precisão ao texto. (CHIBENI, 2018, p. 3)

Logo, se a ciência tem como características a objetividade e a precisão, essas devem ser representadas também na linguagem. Há, para muitos teóricos, a existência de uma linguagem científica que dá a credibilidade necessária ao trabalho científico.

Tendo em vista as características dessa linguagem, Oliveira e Queiroz (2012) descreveram estratégias a serem empregadas para a redação de um texto científico: padronização rígida da organização textual; não reprodutibilidade das etapas de elaboração textual; ausência da subjetividade; direcionamento ao leitor/ouvinte; pressuposta existência de contra-argumentos; alternância entre assertividade e atenuação nas afirmações; uso de vários tipos de citações e referências bibliográficas; “manipulação” das citações bibliográficas; incorporação de “autoridades” e uso de estratégias de autofortalecimento.

Todas as estratégias mencionadas acima para chegar à linguagem científica estão relacionadas a elementos estruturais e formais do texto, assim, têm relação com a teoria formalista de gêneros textuais. A partir da uniformização dessa linguagem os textos

científicos passam a ser padronizados e categorizados de acordo com elementos microestruturais. Também é possível associar a esse raciocínio a criação do método científico, defendida por muitos teóricos.

Existem inúmeros manuais que apresentam metodologias muito semelhantes para a construção de textos científicos. Percebe-se que devido a uma estruturação relativamente rígida, essas estratégias acabam por desconsiderar outros elementos do texto e acreditar em uma padronização de textos científicos.

Uma análise, como veremos a seguir, dos elementos formais da linguagem do texto escolhido tendo como base as estratégias de Oliveira e Queiroz (2012) concluiu que a grande maioria dessas características estão presentes em *La traduction comme appropriation : le cas des toponymes étrangers*. Verificou-se, então, a presença de uma linguagem científica que tende a ser objetiva, precisa e estruturada de forma lógica.

Observa-se que a estruturação do texto em título, nome do autor, resumo, desenvolvimento, conclusão, notas e referências é uma estrutura rígida característica de artigos científicos como defendida por Oliveira e Queiroz. O uso de referências e de várias citações, diretas e indiretas, também se verificou no texto. No entanto, a ausência de subjetividade não foi observada em totalidade; o autor não busca esconder o fato de que mesmo que a linguagem busque a objetividade, o texto ainda sim é escrito por um sujeito. Isso é marcado pelo uso da primeira pessoa do plural como nos trechos “Nous montrerons dans cette contribution...” e “Nous nous attacherons enfin à des considérations plus linguistiques”, característica que tem sido cada vez mais presente em textos científicos.

Para os fins da classificação de gênero textual desse trabalho, a existência de uma linguagem científica comum é válida, porém não é suficiente. Entende-se que não existem modelos únicos a serem reproduzidos em textos científicos e que as normas descritas são apenas estratégias que não necessariamente são seguidas em sua totalidade e que nem por isso descaracterizam o texto científico.

É importante destacar que dentro da categoria de textos científicos, existem outras classificações como artigo, tese, relatório, monografias, dissertações, entre outros. A partir da seguinte definição de artigo de Marconi e Lakatos, confirma-se o texto em questão como pertencente à categoria de artigo científico.

Os artigos científicos são pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não se constituem em matéria de um livro. Apresentam o resultado de estudos ou pesquisas e distinguem-se dos diferentes tipos de trabalhos científicos pela sua reduzida dimensão e conteúdo. São publicados em revistas ou periódicos especializados e formam a seção principal deles. (MARCONI & LAKATOS, 2003, p. 259)

Além dos elementos formais analisados acima, outros elementos do texto e exteriores a ele também foram levados em consideração para a identificação de elementos comuns em artigos científicos. Retomando a teoria de Bakhtin, descrita no tópico anterior, o texto em questão é um enunciado que, portanto, deve ser compreendido além de seus aspectos formais, levando em consideração seu contexto e considerando que a linguagem é um fenômeno sociodiscursivo.

Alguns dos elementos que fazem parte do contexto em que se encontra o texto são os agentes envolvidos no discurso como o autor, o público leitor e o meio de publicação. No caso do texto em questão, como foi detalhado no primeiro tópico deste capítulo, trata-se de um autor especialista da área de Estudos da Tradução entre o francês e o alemão, Thierry Grass; um público leitor também especialista da área de tradução ou estudantes da mesma área; e um meio de publicação que é uma revista científica reconhecida por publicar artigos científicos da área de tradução, Meta.

Em resumo, a combinação de um texto que apresenta uma linguagem descrita como científica, que busca objetividade e precisão, a outros elementos de seu contexto como um autor especialista, um público também especialista e um meio de publicação científico, são as características que permitem identificar o texto como um artigo científico.

3 CAPÍTULO II – O TEXTO TRADUZIDO

3.1 Panorama dos Estudos da Tradução

Enquanto o capítulo I se dedicou a analisar o texto escrito em francês por Thierry Grass, este capítulo se dedica a tradução feita para o português para este trabalho. Após o histórico da evolução dos estudos acerca dos gêneros textuais e antes de entrar no texto traduzido em si, iniciamos com um resumo dos Estudos da Tradução.

Os Estudos da Tradução como uma área autônoma são um fenômeno relativamente recente, que cresceu mais expressivamente no final do século passado, uma vez que anteriormente a tradução era estudada como subárea da Linguística ou da Literatura, sempre opostas. Hoje, essa polaridade entre Linguística e Literatura é cada vez menos marcada e limitada ao passo que a tradução passa a ser reconhecida como uma área em si.

A bipolarização da tradução entre Linguística e Literatura está enraizada na questão de gêneros textuais. Enquanto esse pensamento era predominante, acreditava-se que a tradução de um texto científico competia somente à Linguística e por outro lado, a tradução de um texto literário somente à Literatura. Tal perspectiva não considerava que um texto científico é escrito por um sujeito que possui uma poética e que também um texto literário pode conter uma linguagem de especificidade.

Para fins do processo tradutório e da problematização deste trabalho, entende-se que as traduções ditas literárias e científicas não são opostas e na verdade, possuem diversos elementos em comum. Acredita-se que a tradução seja uma área que dialoga com ambas as áreas da Linguística e Literatura simultaneamente.

Não apenas a tradução enquanto área de estudos dialoga com a Literatura e a Linguística, mas dialoga também com diversas outras áreas do conhecimento humano, o que lhe confere um aspecto interdisciplinar. Segundo Frota (2007):

Quanto à diversidade temática de nossos estudos, esta parece inerente à atividade tradutora, na medida em que ela acompanha a

produção humana em praticamente todas as suas esferas – científica, tecnológica, midiática, política etc. etc. Vem daí a necessária estruturação dos estudos da tradução em diferentes áreas e sub-áreas que procuram dar conta do amplo espectro de suas práticas e modalidades. (FROTA, 2007, p. 150)

Os Estudos da Tradução se consolidaram como disciplina autônoma a partir dos anos 1990 em uma década de expansão global, segundo Susan Bassnet (2002) em seu livro *Translation Studies*. A área que anteriormente era vista como marginal e pertencente a outras grandes áreas, passou a ser vista como uma atividade fundamental da existência humana. Com a evolução dos Estudos da Tradução, Bassnett (2002) destaca as novas “alianças”, ou diálogos, que a tradução passa a assumir:

The development of Translation Studies in the 1990s can best be seen as the establishment of a series of new alliances that brought together research into the history, practice and philosophy of translation with other intellectual trends. The links between Translation Studies and post-colonial theory represent one such alliance, as do the links between Translation Studies and corpus linguistics. Another significant alliance is that between Translation Studies and gender studies. (BASSNETT S., 2002, p. 10) ⁴

No trecho acima, Bassnett relaciona também os Estudos da Tradução aos estudos de gêneros. Quando falamos em gênero textual científico é importante destacar como a produção de tais textos é vista atualmente. A produção científica é cada vez mais expressiva em um mundo em que a informação é central nas sociedades e de grande circulação mundial. Fala-se em literatura científica, dissolvendo as barreiras entre ciência e literatura e unindo as duas áreas. É nesse contexto de grande produção de literatura científica de divulgação mundial que a tradução de textos científicos ganha ainda mais relevância.

3.2 Tradução e texto científico

O capítulo anterior se dedicou à apresentação do texto e a sua classificação quanto ao gênero textual, chegando à conclusão de que o texto em questão é um artigo científico.

⁴ “O desenvolvimento dos Estudos da Tradução na década de 1990 é entendido a partir do estabelecimento de uma série de novas alianças que uniram a pesquisa histórica, prática e filosófica da tradução a outras tendências intelectuais. As relações entre os Estudos da Tradução e a teoria pós-colonial representam tal aliança, assim como as relações entre os Estudos da Tradução e a linguística de corpus. Outra aliança importante é entre os Estudos da Tradução e o estudo de gêneros.” Em tradução livre.

Partindo das concepções de gênero textual e do gênero textual científico explicadas anteriormente, este capítulo se dedicará a relacionar a tradução enquanto atividade com o gênero textual de textos científicos. Parte-se da hipótese de que o gênero textual implica em decisões tradutórias e no próprio processo tradutório. Considera-se também, a partir do tópico anterior, que a tradução de textos científicos não compete exclusivamente a Linguística, mas dialoga também com a Literatura e outras áreas do conhecimento.

3.2.1 A perspectiva sociodiscursiva da linguagem

A teoria de Bakhtin explicada anteriormente leva a entender o texto como um discurso, concreto e vivo, e a linguagem não como o objeto da Linguística, mas como um fenômeno social. Por isso, este tópico se baseia em uma perspectiva sociodiscursiva da linguagem para a compreensão da relação entre os gêneros textuais e a tradução.

A conclusão do primeiro capítulo entende que aspectos estruturalistas e formalistas da linguagem não são suficientes para a classificação de gêneros textuais e, portanto, cada texto está sujeito a outros elementos sociodiscursivos da linguagem, o que o torna único e irreproduzível. Assim, gêneros textuais são heterogêneos e dinâmicos e devem ser compreendidos em sua totalidade e não em suas microestruturas.

Um dos aspectos que influencia a classificação de um gênero textual são exatamente os aspectos sociais envolvidos no texto. Isso significa que cada texto, entendido como discurso seguindo a teoria de Bakhtin, carrega consigo características da cultura a qual pertence. Todo texto traduzido passa a existir em um contexto diferente e com aspectos culturais e sociais diferentes do texto de origem.

A partir dessa perspectiva é impossível enumerar gêneros textuais e criar modelos a serem fielmente reproduzidos sem considerar elementos relativos ao contexto de cada discurso. Um discurso é concreto e vivo, não é uma reprodução de um conjunto de regras linguísticas. Da mesma maneira, a tradução de um discurso não é uma mera reprodução de estruturas internas e formais do texto, mas é um novo texto em um contexto sociolinguístico diferente escrito por um sujeito também diferente.

3.2.2 O estudo de gêneros como orientação

A partir dos estudos de gêneros textuais segundo a teoria de Bakhtin em uma perspectiva sociodiscursiva da linguagem. A análise de gêneros pode ser entendida como uma ferramenta e não como um fim em si como coloca Miranda (2017) em *Análise interlinguística de gêneros textuais: contribuições para o ensino e a tradução*: “Ou seja, da perspectiva interacionista, analisar gêneros é uma condição para realizar qualquer estudo linguístico.” (MIRANDA, 2017, p. 821)

Seguindo essa lógica de pensamento, o papel que o gênero textual desempenha na tradução é gerador de apenas algumas das questões levantadas durante o processo tradutório. Isso significa que a classificação em si do gênero do texto não guia todas as decisões tomadas pelo tradutor, mas perpassa algumas delas. Outras questões que surgiram ao longo da tradução do texto *La traduction comme appropriation : le cas des toponymes étrangers* não têm relação direta com o fato de se tratar de um artigo científico, mas se referem a aspectos literários, subjetivos, culturais, poéticos e outros aspectos linguísticos.

A compreensão do gênero textual em sua qualidade heterogênea e dinâmica, assim como a língua, permite entender que a tradução também parte desse princípio e, portanto, não toma como verdade absoluta e imutável aspectos funcionalistas e formalistas do gênero. A tradução é feita a partir de textos e não de sistemas linguísticos.

3.2.3 A internacionalização da ciência

A classificação do texto como um artigo científico é uma ferramenta muito importante e decisiva para o processo tradutório. O gênero textual artigo científico é um veículo de divulgação do conhecimento científico. Atualmente, a produção de literatura científica é cada vez maior e segue certo padrão de tendência à universalização. Existe uma comunidade científica que é internacional, formada por especialistas da área em um contexto em que as nacionalidades têm um papel menos expressivo, dando mais espaço a internacionalização.

Essa comunidade científica busca certa internacionalização do conhecimento e da literatura científica, o que resulta em textos cada vez mais padronizados em diferentes questões. Isso faz com que aspectos culturais e sociais tendam a serem menos expressivos e característicos em textos dessa categoria, já que o objetivo é universalizar e padronizar a produção científica.

Essa tendência não exclui totalmente a subjetividade presente em cada texto científico, já que ele é sempre produzido por um sujeito que tem suas individualidades. Da mesma maneira, a tradução também apresenta tal subjetividade. Porém, no que compete o uso da linguagem e estruturação do texto, a literatura científica acaba por priorizar a objetividade e a lógica em detrimento da poética.

Para a tradução do texto em questão, percebeu-se que as questões sociais e culturais diversas entre o texto de partida e o texto traduzido não são as maiores responsáveis pelas tomadas de decisões tradutórias. Elas foram observadas e analisadas como parte de um contexto no qual os textos se inserem, mas observou-se que raramente causam muitos questionamentos, uma vez que existem normas de redação de textos científicos compartilhadas em grande parte pelas comunidades científicas da França e do Brasil.

3.3 A unidade de tradução

Após a análise do texto de partida, seu gênero textual e a relação entre o gênero e a tradução, seguimos para o processo tradutório em si. A segunda etapa desse trabalho, feita a partir de leituras aprofundadas do texto em francês, foi a identificação de possíveis questões tradutórias. Isso se fez a partir da seleção de segmentos como palavras, siglas, termos, estruturas sintáticas, pontuações, citações, entre outros elementos do texto de partida que foram identificados inicialmente como uma questão para a tradução, seja por qualquer dúvida ou problema que o segmento gerou.

Todos esses elementos identificados foram inicialmente divididos em três tabelas diferentes: uma terminológica, uma lexical e outra de termos em língua estrangeira. Além dessas três tabelas, outras questões apresentadas foram relativas ao uso de normas de

redação de artigos científicos e a própria tradução de topônimos. As pesquisas, feitas principalmente em dicionários monolíngues, serviram de base para as duas versões da tradução.

Esses elementos que causam pausas e geram questões na tradução foram identificados como unidades de tradução. Segundo Vinay e Darbelnet (1958) uma unidade de tradução é “le plus petit segment de l’énoncé dont la cohésion des signes est telle qu’ils ne doivent pas être traduits séparément”⁵. (DARBELNET & VINAY, 1966, p. 37) Outras teorias consideram todo o texto como uma unidade de tradução, porém para este trabalho considera-se a definição de Vinay e Darbelnet que entende a unidade como um fragmento do texto, um segmento. Tendo essa teoria como base, fica claro que as unidades de tradução estão ligadas ao texto de partida e não ao texto de chegada, além disso, as unidades são microestruturas do texto, podendo estar ligadas a linguagem em si, a elementos estruturais e formais do texto e também ao estilo de escrita do autor.

Os critérios para a divisão de unidades terminológicas, presença de língua estrangeira, questões normativas e unidades toponímicas tendem a ser mais objetivos, enquanto as unidades lexicais são subjetivas ao conhecimento do tradutor acerca do assunto e o domínio da língua, assim como da leitura feita. Assim, entende-se que um mesmo texto traduzido por dois tradutores diferentes pode apresentar unidades de tradução diversas.

A tabela a seguir é um exemplo de como foram identificadas e resolvidas as unidades classificadas como terminológicas. Discutiremos a seguir, no tópico 3.3.2, o conceito e a presença de terminologia no texto e como se chegou à conclusão de que essas unidades são termos. Neste momento, a tabela serve como mapeamento da pesquisa feita para se chegar à tradução desta unidade.

FRANCÊS	TRADUÇÃO	COMENTÁRIOS
graphèmes	grafemas	Classificação: <u>Filologia</u> Equivalentes: Inglês: grapheme

⁵ “o menor segmento do enunciado cuja coesão de signos é tão relevante que não devem ser traduzidos separadamente”. Em tradução livre.

		<p>Francês: graphème</p> <p>Termos</p> <p>Relacionados: <u>grafo</u></p> <p>Definição: Unidade mínima, discreta, do sistema da escrita;compõe-se de um feixe de traços gráficos distintivos.</p> <p>Fonte: http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=522 </p>
--	--	--

Tabela 1 - Anexos⁶

Ao contrário das unidades terminológicas, as unidades classificadas como lexicais foram resolvidas em um primeiro momento, na maioria dos casos, com mais de uma possibilidade de tradução. Os comentários feitos demonstram possíveis opções de traduções marcadas pela polissemia dos termos, entendendo que as pesquisas dos termos em si foram feitas isoladas da frase ou segmento em que aparecem e apenas puderam ser resolvidas definitivamente ao analisar todo o trecho em que se encontram, processo feito durante a primeira e segunda versões da tradução.

Por unidade lexical entendem-se os segmentos relativos ao léxico, segundo a definição de Vilela (1997).

O léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si. (VILELA, 1997, p. 31)

Vilela (1997) distingue também a diferença entre vocabulário e léxico, sendo o vocabulário uma subdivisão do léxico. Enquanto o léxico se refere ao conjunto de palavras de uma língua, o vocabulário é o conjunto de palavras que existem em uma situação específica em um tempo específico. À luz dessas definições de léxico, as unidades identificadas como lexicais são segmentos pertencentes ao léxico da língua francesa com a exclusão dos segmentos identificados como termos específicos da área de especialidade do texto; esses foram categorizados como relativos à terminologia.

⁶ Tabela disponível na pág. 108 em “Anexos”.

A tabela seguinte demonstra a pesquisa feita acerca do segmento “poids de l’histoire” que resultou em mais de uma tradução possível. Esta unidade é um exemplo de como foram analisadas e resolvidas as unidades classificadas como lexicais.

FRANCÊS	TRADUÇÃO	COMENTÁRIOS
“poids de l’histoire”	Fardo da história/passado	<p>Peso da história</p> <p>Peso = fardo</p> <p>« Caractère, effet de ce qui pèse psychologiquement, socialement ; ce qui est dur à supporter : Le poids des années. »</p> <p>Fonte : http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/poids/61976#QozRwuMlz06YAeKX.99</p>

Tabela 2 - Anexos⁷

Uma das primeiras conclusões possíveis a partir da comparação entre as unidades terminológicas e as unidades lexicais é que as primeiras foram resolvidas em definitivo com apenas uma solução, isoladamente do trecho em que se encontram; ao contrário, as unidades lexicais apresentaram uma ou mais soluções não definitivas que foram mantidas ou modificadas ao traduzir o trecho em que se encontram.

Para análise das estratégias utilizadas e dos processos de tradução, foram escolhidas três categorias de unidades de tradução para serem analisadas mais detalhadamente nos próximos tópicos: normas de redação científica, terminologia e topônimos. As demais unidades estão identificadas na tabela de unidades lexicais e de presença de língua estrangeira e as respectivas estratégias de tradução brevemente explicadas em comentários, como o exemplo da tabela apresentada.

3.3.1 Normas de redação científica

Com base na teoria de gêneros e na classificação do texto como um artigo científico, verifica-se que questões estruturais e formais do texto são importantes questões de tradução. Entre os aspectos estruturais e formais esperados de um texto

⁷ Tabela disponível na pág. 100 em “Anexos”.

científico, estão as normas de redação científica a serem seguidas. Tais normas ditam microelementos da estruturação da redação de textos científicos, como por exemplo, a estruturação lógica do texto, o uso de referências, notas, paragrafação e diversos elementos relativos ao uso da linguagem.

Partindo do princípio de que todo texto científico segue, em totalidade ou não, tais normas, uma das unidades de tradução que surgiram ao longo das leituras do texto foi exatamente como resolver todas essas questões estruturais e formalistas presentes no texto. Essas normas de redação científica são ditadas por instituições que geram regras que visam uniformizar essa categoria de textos.

A necessidade de normalizar está diretamente ligada à tendência da internacionalização da ciência, discutida anteriormente nesse capítulo. Para que o conhecimento científico seja internacional é necessário que a produção científica seja padronizada e uniformizada. Existe um organismo internacional criado em 1947, a ISO (Organisation internationale de normalisation⁸) composta por mais de 150 países cujo objetivo é de criar normas unificadas. Segundo Pando:

De acordo com a definição da ISO, a Normalização é a atividade conducente à obtenção de soluções para problemas de caráter repetitivo, essencialmente no âmbito da ciência, da técnica e da economia, com vista à realização do grau ótimo de organização num dado domínio. A Normalização busca a definição, a unificação e a simplificação, de forma racional... (PANDO, 2013, p. 1)

Além de uma organização internacional, a maioria dos países conta com associações e instituições nacionais destinadas a normalização. Na França, o organismo responsável é a AFNOR (Association française de normalisation⁹) que é membro da ISO. Já no Québec, região de origem da revista em que o texto foi publicado, existe o Bureau de normalisation du Québec (Associação de normalização do Québec) que faz parte do Conseil canadien des normes (Conselho canadense de normas) que tem atuação nacional. O BNQ (Bureau de normalisation du Québec) diz obedecer às normas impostas pela ISO.

⁸ Organização internacional de normalização

⁹ Associação francesa de normalização

No Brasil, a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) criada em 1940 é o organismo responsável pela normalização da produção científica no Brasil e é um dos membros fundadores da ISO, junto a outras organizações internacionais. Uma vez que todos os organismos responsáveis pela normalização dos países em questão estão ligados às normas da ISO, tudo gira para uma padronização de normas internacionais. Porém, é possível notar pequenas diferenças em algumas normas adotadas para a redação científica.

Em busca da padronização das normas no texto traduzido e visando o contexto em que a tradução poderia possivelmente ser publicada (Brasil), optou-se por adaptar às normas da ABNT, quando houve diferenças. Essas, pequenas, diferenças se mostraram nas referências, como demonstra a primeira tabela, e citações, como demonstra a segunda tabela.

FRANCÊS	TRADUÇÃO
Malblanc, A. (1968) : <i>Stylistique comparée du français et de l'allemand</i> , Paris, Didier.	MALBLANC, A. Stylistique comparée du français et de l'allemand . Paris, Didier, 1968.

Segundo a norma NBR 6023 da ABNT relativa à elaboração de referências, as referências devem ser feitas conforme o modelo:

“7.1.1 Os elementos essenciais são: autor(es), título, edição, local, editora e data de publicação. Exemplo: GOMES, L. G. F. F. **Novela e sociedade no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1998.” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002, p. 3)

Percebe-se que no texto em francês a referência apresenta todos os elementos ditos como essenciais segundo a ABNT; as adaptações feitas foram apenas relativas à ordem e aos aspectos gráficos, como o uso do negrito no lugar do itálico e o uso de pontos finais no lugar da vírgula.

A seguinte citação direta é um exemplo de outra adaptação feita para se adequar às normas da ABNT.

FRANCÊS	TRADUÇÃO
Dans le cadre alsacien, comme le souligne Solange Wydmusch (1998 :78) : « Partout les terminaisons en <i>weiler</i> sont devenues <i>willer</i> ou <i>viller</i> . Sur les cartes du géographe Cassini en 1812, Hangweiler devient Hangwiller [...]. Mais il existe des exceptions comme pour Weiler près de Wissembourg. [...] Les noms en <i>burg</i> sont devenus <i>bourg</i> , ainsi Lauterbourg, Eschbourg [...]. »	No caso alsaciano, como destaca Solange Wydmusch (1998) : Todos os lugares cujas terminações são <i>weiler</i> se tornaram <i>willer</i> ou <i>viller</i> . Nos mapas do geógrafo Cassini de 1812, Hangweiler se tornou Hangwiller [...]. Porém, existem exceções como Weiler, próximo a Wissembourg. Os nomes terminados em <i>burg</i> se tornaram <i>bourg</i> , assim como Lauterbourg, Eschbourg [...]. (WYDMUSCH, 1998, p. 78)

De acordo com a NBR 10520:

Nas citações, as chamadas pelo sobrenome do autor, pela instituição responsável ou título incluído na sentença devem ser em letras maiúsculas e minúsculas e, quando estiverem entre parênteses, devem ser em letras maiúsculas [...] Especificar no texto a(s) página(s), volume(s), tomo(s) ou seção(ões) da fonte consultada, nas citações diretas. Este(s) deve(m) seguir a data, separado(s) por vírgula e precedido(s) pelo termo, que o(s) caracteriza, de forma abreviada. Nas citações indiretas, a indicação da(s) página(s) consultada(s) é opcional [...] As citações diretas, no texto, com mais de três linhas, devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem as aspas. No caso de documentos datilografados, deve-se observar apenas o recuo. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRAS DE NORMAS TÉCNICAS, 2002, p. 2)

Para adequar o texto em português, a primeira mudança feita foi eliminar a informação da página trazida junto à data de publicação; a segunda diz respeito ao recuo necessário por se tratar de uma citação de mais de três linhas e, por último, a referência segundo o modelo: sobrenome do autor em letras maiúsculas, ano da publicação, página.

No que diz respeito à estruturação do texto, ela foi mantida da mesma maneira (título, autor, resumo, resumo em língua estrangeira, corpo do texto com a mesma paragrafação, considerações finais, notas e referências). Tudo como prevista pela norma NBR 6022 da ABNT.

5 Estrutura. A estrutura de um artigo é constituída de elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. 5.1 Elementos pré-textuais Os elementos pré-textuais são constituídos de: a) título, e subtítulo (se houver); b) nome(s) do(s) autor(es); c) resumo na língua do texto; d)

palavras-chave na língua do texto. 5.2 Elementos textuais Os elementos textuais constituem-se de: a) introdução; b) desenvolvimento; c) conclusão. 5.3 Elementos pós-textuais Os elementos pós-textuais são constituídos de: a) título, e subtítulo (se houver) em língua estrangeira; b) resumo em língua estrangeira; c) palavras-chave em língua estrangeira; d) nota(s) explicativa(s); e) referências; f) glossário; g) apêndice(s); h) anexo(s). (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2003, p. 3)

Quanto às normas de redação científica, conclui-se que as normas adotadas para a redação do texto em francês são muito semelhantes às aquelas previstas pela ABNT, devido à internacionalização das normas feita pela ISO, e logo, as adaptações feitas são apenas estruturais e pouco expressivas.

3.3.2 Terminologia

A segunda unidade de tradução escolhida é relativa à presença de terminologia no texto. Todos os termos encontrados foram selecionados e solucionados na Tabela 1 disponível nos Anexos. Antes de analisar exemplos concretos na tradução dos termos encontrados no texto, iniciamos com alguns conceitos relativos à Terminologia e a evolução dos estudos dessa área.

A Terminologia tornou-se uma disciplina de estudos autônoma graças ao teórico austríaco Eugen Wüster (1899-1977) que com sua tese de doutorado intitulada *A normalização internacional da terminologia técnica* inaugurou a Teoria Geral da Terminologia. O que antes era uma disciplina dominada por especialistas das áreas de diferentes ciências, passou a ser objeto de interesse de estudo dos linguistas e posteriormente, passa a ser uma área de estudos independente da Linguística. A necessidade de normalizar surge a partir da Terminologia, em uma busca pela normalização da língua utilizada pelas ciências.

A relação entre a Terminologia e a Tradução se dá principalmente com base nos gêneros textuais, no âmbito de textos técnicos e científicos, como explicam Krieger e Finatto (2004) em *Introdução à Terminologia: teoria e prática*:

A primeira motivação do encontro que direciona a Tradução para a Terminologia relaciona-se ao fato de que os termos técnico-científicos são elementos chave, núdulos cognitivos, dos textos especializados. É em relação a essa tipologia textual que se efetua a chamada tradução técnica ou especializada. (KRIEGER & FINATTO, 2004, p. 66)

As áreas da Tradução e da Terminologia se encontram, porém possuem objetivos diferentes e não se sobrepõem. Inclusive, a Terminologia é uma área muito mais recente que os Estudos da Tradução e que vem conquistado maior espaço e autonomia.

3.3.2.1 O termo e a definição

Os termos fazem parte de um léxico específico ou temático que caracteriza a comunicação de uma ciência. Podemos definir um termo como:

O termo é o elemento linguístico que constitui a expressão lexical dos saberes especializados. Desse modo, é a partir do léxico especializado que as diversas áreas técnicas, científicas e tecnológicas expressam e comunicam o conhecimento que as constituem e caracterizam. Logo, o termo é constituído por três dimensões: linguística, conceitual, e comunicativa. (CARNEIRO, 2011, p. 1)

O termo é um elemento linguístico que possui sempre uma definição e deve ser compreendido dentro do contexto comunicativo da área de conhecimento a que se refere. Isso significa que um mesmo elemento linguístico, como uma palavra, podem ter diferentes definições em ciências diferentes. Podemos tomar como exemplo a palavra *vírus*. Segundo o dicionário da língua portuguesa Aulete, *vírus* pode ser entendido como:

1. Biol. Denominação comum a organismos diminutos causadores de várias doenças, e cuja característica principal é não possuir nenhuma atividade metabólica ou reprodutiva fora de uma célula hospedeira.

2. Inf. Programa que se instala de maneira sub-reptícia em computadores, causando danos de vários tipos.¹⁰

Percebe-se que na área da biologia e na área da informática, *vírus* são palavras com definições completamente diferentes. Ambos são termos, pois configuram um léxico específico da ciência na qual estão inseridos. Dentro dos estudos de termos técnicos e científicos, o conceito de definição também é importante. Segundo Finatto (2003):

¹⁰ Fonte: <http://www.aulete.com.br/v%C3%ADrus>

Entre vários tipos de definição, a definição terminológica (doravante DT) se particulariza por ser um enunciado-texto que dá conta de significados de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência. Nesse caso, *grosso modo*, definir equivale a expressar um determinado saber, uma porção de conhecimento especializado. (FINATTO, 2003, p. 199)

A identificação de um termo é tão importante quanto a sua definição que está sujeita à área de estudo em que o termo se encontra. No texto aqui traduzido, em que a área de conhecimento é de Estudos da Tradução, todos os termos identificados são relativos a esta área, portanto, a tradução desses termos deve ser feita a partir do léxico usado pela mesma área, sob o risco de ocorrerem traduções equivocadas.

3.3.2.2 Linguagem de especialidade

A partir do entendimento de que os termos estão ligados sempre a uma área de conhecimento que possui um léxico específico, outro conceito importante da Terminologia é o da existência de uma *linguagem de especialidade* que se difere da *língua comum*. Adotou-se *linguagem de especialidade* e não *língua de especialidade*, mesmo que alguns autores citados façam uso da segunda, por acreditar que se trata de uma linguagem adotada em textos científicos que se insere na língua e é acessível através dela e não dissociada a ela.

A linguagem de especialidade existe em todas as áreas de conhecimento e é marcada pela presença de termos e suas respectivas definições. É a utilização desses termos que permite a comunicação entre especialistas da área e torna o conhecimento muito mais padronizado e uniformizado. O primeiro conceito da linguagem de especialidade surge a partir de seguidores da teoria de Wüster que a definem como uma linguagem estática e completamente oposta da língua comum. Sobre essa perspectiva Finatto (2001) discorre:

Com esse tipo de percepção, os continuadores das idéias de Wüster, ao propagarem a Terminologia como uma nova ciência, independente e autônoma, concebem uma *língua de especialidade* tida principalmente como conjunto de nomenclaturas e distinguem-na radicalmente de uma língua comum ou geral. Desse modo, a língua das ciências passa a ser vista como uma língua diferente e, portanto, não atingível por linguistas. (FINATTO, 2001, p. 92)

Essa perspectiva muda quando a necessidade de normatização cresce e linguistas passam a ser os especialistas responsáveis pelos estudos da terminologia. A língua de especialidade passa a não ser mais vista como um complicador para o não especialista da área, pois se torna na verdade um facilitador para a compreensão de textos técnicos e científicos. Ela não é o oposto da língua comum e pode ser atingida por especialistas da linguagem.

Ainda segundo Finatto a língua especializada “pode ser vista como uma apropriação de língua por um determinado grupo profissional” e é um processo que “revela a interferência do sujeito” (FINATTO, 2001, p. 93). A partir dessa perspectiva existem dentro da língua diversas línguas de especialidades que competem a diferentes grupos de especialistas e que possuem um léxico específico que pode ser identificado e estudado pela Terminologia.

O texto traduzido apresenta uma língua de especialidade já que se trata de um texto científico que faz uso de um léxico específico da área de estudos da tradução ligada à estudos linguísticos. Identificar os termos que compõem esse léxico permite uma maior precisão na tradução, uma vez que o termo passa a ser estudado dentro de uma área e um contexto específico.

3.3.2.3 O conceito de equivalência

Dentro dos Estudos da Tradução e especialmente no âmbito dos estudos que ligam a terminologia à tradução, fala-se muitas vezes em termos equivalentes. O conceito de *equivalência* tem diversas definições na teoria da tradução, e é por acreditar que existe uma possível equivalência que pode ser estabelecida entre termos de duas línguas diferentes dentro de léxicos específicos que surgem glossários terminológicos bilíngues.

A busca por sistematizar o conceito de equivalência facilmente se volta para estudos linguísticos. Muitos teóricos acreditam que é a linguística que permite a comparação entre as línguas e logo, a sistematização de equivalentes. Se iniciarmos a entender equivalência a partir da etimologia da palavra, do latim *aequivalere*, chega-se à

conclusão de que “a palavra ‘equivalente’ remete a igualdade, a nivelção, a manutenção em um mesmo plano ou a obtenção de um mesmo valor.” (RODRIGUES, 2000, p. 27)

Os conceitos de equivalência estão sempre ligados a uma concepção de tradução em que as línguas são sistemas comparáveis e que a tradução busca a reprodução do texto “original”. Para os teóricos que questionam se a tradução é uma mera reprodução de um texto, o conceito de equivalência é fragmentado.

Com o objetivo de mostrar a variedade dos conceitos de equivalência e como eles refletem perspectivas diversas sobre a prática tradutória, toma-se como base os três conceitos explicados por Cristina Rodrigues (2000) em seu livro *Tradução e Diferença*.

O primeiro conceito de equivalência vem da linguística contrastiva que a usa como parâmetro de comparação entre duas línguas. O trabalho dos autores Haliday et al. (1964/1974) define o conceito de “equivalência contextual” cuja função é de “provar que duas formas ou construções em duas línguas diferentes podem ser comparadas” (RODRIGUES, 2000, p. 30). De maneira resumida, essa teoria acredita que existe similaridade entre o texto “original” e o traduzido em um âmbito discursivo (segundo o conceito de discurso do capítulo I). Essa equivalência, no entanto, não existe em todas as traduções, mas apenas em traduções idealizadas que permitem a comparação entre as línguas.

Já a proposta de John C. Catford (1965/1980) também se baseia em conceitos linguísticos para conceber o que o autor define como equivalência textual ou de tradução. A grande preocupação de Catford é em diferenciar a equivalência de tradução da correspondência formal em que, resumidamente, a equivalência textual é qualquer texto ou parte dele que a partir de métodos específicos seja equivalente, em uma situação também específica, a outro texto na língua do texto traduzido. Enquanto a correspondência formal está no nível de categorias que ocupam, na medida do possível, o mesmo lugar nas duas línguas. Porém, a teoria de Catford, por utilizar muitos exemplos descontextualizados e certa idealização de uma linguagem comum acaba por não delimitar bem o conceito de equivalência. Segundo Rodrigues (2000) sua teoria só

poderia ser aplicada a determinados textos, um recorte que não é bem definido pelo teórico.

A terceira teoria que busca definir o conceito de equivalência é de Eugene Nida, que contrariamente a Catford não busca sistematizar a tradução com base na Linguística. O conceito definido por Nida é chamado de equivalência dinâmica que “se mede com os parâmetros da teoria da informação: é necessário manter equilíbrio de redundância, ou seja, ter proporção semelhante de informação nova e informação previsível” (RODRIGUES, 2000, p. 65). A equivalência dinâmica se baseia na ideia de que a tradução é um processo em que as ideias, o sentido, o conceito são transferidos para o texto de chegada, nisso se difere da teoria da equivalência textual que se baseia em categorias em uma análise formalista.

A partir das breves explicações de três teorias acerca do conceito de equivalência, conclui-se, primeiramente, que equivalência é um conceito ainda muito fragmentado nos Estudos da Tradução e que está intimamente ligado à concepção do conceito de tradução de cada teórico. Considera-se para este trabalho a existência de uma equivalência convencionada, isto é, uma equivalência que está ligada à terminologia e que é estabelecida por convenções de especialistas da área dentro do âmbito da linguagem de especialidade. É essa equivalência convencionada que permite o estabelecimento de termos “equivalentes” entre os textos e que foi utilizada na tradução.

3.3.2.4 Estratégias das unidades terminológicas

Acreditando na possibilidade de comparação entre as línguas que permite o estabelecimento de termos “equivalentes” dentro de um léxico específico ligado às áreas de conhecimento nas quais os textos se inserem, analisaremos a resolução de algumas unidades terminológicas.

Diferentemente das unidades do léxico comum, as unidades terminológicas foram padronizadas e uniformizadas para que não houvesse polissemia e que os elementos linguísticos identificados como terminológicos fossem entendidos como termos que têm uma definição específica por constituírem uma linguagem de especialidade, como visto

anteriormente. Os termos encontrados estão ligados não somente à área da tradução e dos Estudos da Tradução, mas muitos são pertencentes à Linguística. Seleccionamos três exemplos para análise do processo tradutório e das estratégias adotadas.

Um dos termos mais recorrentes ao longo do texto e essencial para a compreensão do estudo que o texto relata, é o termo *toponymes*. Observa-se na tabela abaixo que esse é um termo da Linguística que remete a uma área de estudos, a Toponímia que está ligada à Terminologia.

FRANCÊS	TRAD. FINAL	COMENTÁRIOS
toponymes	topônimos	<p>LINGUISTIQUE</p> <p>A. – Ensemble, système formé par les noms de lieux d'une région ou d'une langue.</p> <p>Fonte : http://www.cnrtl.fr/definition/toponymie</p> <p>Nome próprio de um lugar como rio, cidade, povoação, país etc.</p> <p>Fonte: http://www.aulete.com.br/top%C3%B4nimo</p> <p>Não é demais lembrar que a Toponímia é uma disciplina vinculada às ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia – que tem exigido dos pesquisadores a formulação de modelos específicos taxinomias para o estudo do topônimo</p> <p>Fonte: Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 217-243, 2017</p>

Tabela 1¹¹

A primeira estratégia foi buscar a definição do termo em francês, em um dicionário de “língua comum”, porém que apresenta definições de áreas específicas, da linguística no caso. Em uma tradução livre dessa definição, temos: “Conjunto, sistema formado por nomes de lugares de uma região ou de uma língua” que muito se assemelha à definição encontrada em um dicionário de língua portuguesa, como mostra a tabela.

¹¹ Tabela disponível na pág. 104 em Anexos.

Os dois termos seguintes também são termos da linguística e muitos ligados à tradução, *emprunt* e *calque*. Ambos podem ser entendidos como procedimentos linguísticos usados como estratégias de tradução, que segundo Bechara (2009) em *Moderna Gramática Portuguesa*, são fontes de revitalização lexical que são tomados, no caso dos empréstimos, ou traduzidos no caso dos calques, que o autor traduz como *calco*.

A tabela a seguir mostra o processo tradutório de *emprunt* que resultou em *estrangeirismo* para a primeira versão da tradução, e, uma segunda tradução usada na versão final, *empréstimo*. Um empréstimo é a utilização de um segmento linguístico (palavra, expressão) mantendo a mesma grafia da língua de origem sem alterações ou mediante alguma adaptação ortográfica e fonológica.

FRANCÊS	TRAD. FINAL	COMENTÁRIOS
emprunt	empréstimo	<p>L'emprunt L'« emprunt » consiste en l'utilisation d'un terme étranger dans la traduction.</p> <p>Fonte: Franjié, Lynne. La Traduction dans les dictionnaires bilíngues. Editions Le Manuscrit, Paris.</p> <p>Estrangeirismo – é o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua.</p> <p>Empréstimo – método para revitalização do léxico que consiste em “tomar” a palavra de um</p> <p>Fonte: BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. Rio de Janeiro, 2009.</p>

Tabela 1¹²

Após comparar as definições de estrangeirismo e empréstimo, apresentadas na tabela acima, conclui-se que nesse caso se trata de empréstimo já que o estrangeirismo é o fenômeno linguístico que utiliza o empréstimo como ferramenta. Percebe-se também que o termo empréstimo é traduzido de uma forma mais literal e próxima ao francês, *emprunt*.

¹² Tabela disponível na pág. 107 em Anexos.

A próxima tabela mostra o procedimento de tradução do termo *calque*. Verificou-se, a partir de dicionários e artigos científicos da área da Linguística, grande ocorrência da tradução do termo *calque* em francês como *decalque* em português. Existem também ocorrências para os termos *calco* e *calque*, o primeiro inclusive é o utilizado na gramática de Bechara usada como fonte e mencionada anteriormente. No entanto, o termo de maior ocorrência nos textos pesquisados é *decalque*, que inclusive confere um caso de empréstimo, ou *emprunt*.

FRANCÊS	TRAD. FINAL	COMENTÁRIOS
calque	decalque	<p>Classificação: <u>Sociolinguística; Linguística Histórica</u></p> <p>Equivalentes: Inglês: calque Francês: calque</p> <p>Termos Sinónimos: <u>calco</u> <u>decalque</u></p> <p>Termos Relacionados: <u>empréstimo lexical</u></p> <p>Definição: Caso de empréstimo lexical que se apresenta como uma importação do significado e da estrutura de uma forma estrangeira através de uma combinação original de elementos nativos.</p> <p>Fonte: http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=1997</p>

Tabela 1¹³

O dicionário Portal da Língua Portuguesa mostra inclusive que *calco* e *decalque* são termos sinônimos. Logo, a opção pela tradução *decalque* é puramente baseada em quantidade de ocorrências em textos escritos em português. O *calque*, diferentemente do empréstimo, é uma forma de importação de um segmento de outra língua que sempre sofre alterações, na busca de combinar elementos da língua de chegada com a palavra de origem.

¹³ Tabela disponível na pág. 108 em Anexos.

O método utilizado para a resolução dessas unidades foi bastante parecido. Primeiramente, iniciou-se com uma busca do termo em francês em dicionários monolíngues e de suas definições. A partir disso, fez-se uma tradução livre da unidade que foi confirmada a partir da pesquisa de ocorrências em textos especializados e dicionários da língua portuguesa e da comparação entre as definições do termo em ambas as línguas.

É possível concluir que as traduções dos termos encontrados no texto foram comumente feitas de maneira bastante literal, isto é, resultando em termos de grande proximidade entre as duas línguas. Uma das hipóteses que pode explicar esse fenômeno é o fato de que a tradução feita é de um par de línguas de mesma origem, latina, o que cria uma tendência de que os termos tenham a mesma raiz como origem. Outra hipótese dessa semelhança entre os termos é de que existe uma convenção que define muitos termos para que haja padronização, uma equivalência convencionada, característica de linguagens de especialidade.

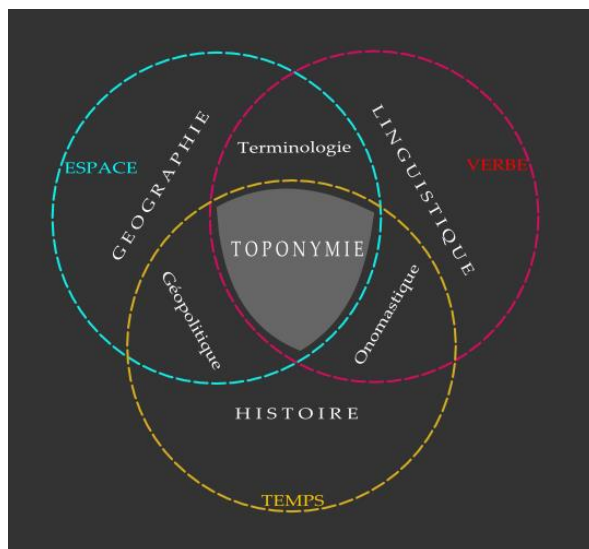
3.4 A tradução de topônimos

O estudo da tradução de topônimos, retomando o conceito do termo como uma categoria gramatical que se refere a nomes próprios que designam lugares; sejam cidades, países, regiões, rios, entre outros; em qualquer língua de chegada envolve o estudo de fatores ligados a outras áreas do conhecimento. A Toponímia, enquanto área de estudos, está comumente ligada à Linguística e à Terminologia e também pode ser compreendida como uma divisão da Onomástica, disciplina dedica ao estudo de nomes próprios.

O texto escolhido para a tradução referente a esse trabalho, *La traduction comme appropriation: le cas de toponymes étrangers*, é um breve estudo da tradução de topônimos que tem como recorte o par linguístico alemão-francês. Os exemplos de topônimos presentes no texto levam a compreender que não existe uma única norma ou estratégia de tradução para esses nomes, mesmo que existam organizações e grupos que buscam a normalização.

A necessidade de normalizar entra em confronto com a diversidade de traduções já existentes e a dificuldade de lidar com variedades linguísticas. A tradução de um topônimo envolve questões linguísticas, como fonéticas e gráficas, e, envolve também questões históricas, geográficas e políticas, muitas vezes mais decisivas que a própria linguagem. O gráfico abaixo demonstra como essa variedade de áreas e fatores interage com a formação de topônimos:

Imagem 1- Gráfico sobre a Toponímia



Fonte: http://cnig.gouv.fr/?page_id=671

Ao questionarmos por que determinados países, cidades ou regiões são traduzidos em uma língua e em outra não, ou, por que alguns desses nomes são traduzidos e outros mantidos como na língua de origem, teremos diversas hipóteses possíveis. Não é complicado imaginar por que existem muito mais traduções para nomes de capitais ou grandes metrópoles quando comparamos com a tradução de nomes de pequenas vilas, por exemplo. Quanto maior a importância política, histórica e geográfica de um local, maiores serão as chances de que ele seja traduzido para outras línguas.

A tradução de topônimos é ainda mais complexa em regiões de contato de línguas diferentes, como é o caso da Alsácia (em francês, *Alsace*), região do território francês que faz fronteira com a Alemanha e que possui uma língua regional, cujas traduções de nomes de ruas foram muito utilizadas no texto de Thierry Grass. Tal fenômeno também é

presente em países ou regiões que possuem mais de uma língua oficial, como é o caso da Bélgica.

Imagem 2 – Placas de sinalização em Bruxelas



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/hazboy/2049396954>

A figura acima mostra uma placa da cidade de Bruxelas, capital da Bélgica, cidade onde coexistem a língua francesa e a língua neerlandesa, em um país que também tem a língua alemã como língua oficial. Essa coexistência de três línguas é a representação da complexidade de questões políticas que o país enfrenta, o que nem sempre resulta em harmonia e padronização no uso de topônimos. Como mostra a placa, a estratégia mais utilizada em Bruxelas é a presença da língua francesa e da língua neerlandesa em todos os textos oficiais. A cidade possui três topônimos oficiais Bruxelles (francês), Brussel (neerlandês) e Brüssels (alemão) decretadas por um manual oficial que normatizou os diferentes topônimos de todas as cidades e regiões do país.

O caso belga é apenas um exemplo da complexidade de outras regiões e países cujos topônimos precisam ser traduzidos entre as línguas oficiais. A tradução de topônimos em diferentes países é também uma questão a ser observada. Existem

diferentes procedimentos de tradução, como a transliteração e a transcrição, termos mencionados e descritos no texto traduzido.

A transliteração é o “recurso utilizado para registrar, graficamente, e a princípio letra por letra, um termo de uma língua (que usa determinado sistema de escrita) com elementos de outro sistema de escrita.” (JUBRAN, 2004, p. 19). Já a transcrição é o “processo pelo qual registram-se sons lingüísticos de uma língua por meio de símbolos escritos pautados num conjunto de regras padronizadas, com a finalidade de serem reproduzidos os mesmos sons em etapa posterior à de sua codificação escrita.” (JUBRAN, 2004, p. 19).

Percebe-se a partir desses procedimentos e tantas outras estratégias de tradução que a variedade na tradução de topônimos é enorme. O título do texto sugere que a tradução de topônimos estrangeiros, entenda-se como topônimos de origem germanofônica na França, é um fenômeno de apropriação. Isso quer dizer que a língua francesa, especificamente em território francês, tende a se apropriar, seja através da tradução ou não-tradução, dos topônimos em alemão. O autor defende que quanto maior for a relação histórica entre as línguas, mais os topônimos serão traduzidos, o que nem sempre está de acordo com as recomendações de padronização das Nações Unidas.

Segundo o que é defendido por Grass, ao traduzir topônimos uma língua se apropria de outra. Esse fenômeno não ocorre apenas no par linguístico alemão-francês, mas entre diversas línguas, inclusive a língua portuguesa. A tendência é se apropriar dos nomes de maneira a traduzi-los para que sejam compreendidos na língua de chegada sem que se afastem muito da forma da língua de origem, apesar de algumas exceções. Uma tradução próxima à língua de origem ocorre mais facilmente com línguas que possuem a mesma raiz, como seria entre o português e qualquer outra língua romanica, ou, ao menos, o mesmo alfabeto.

Tendo como base os próprios questionamentos e estratégias de tradução de topônimos feitos pelo autor do texto de origem, desenvolvemos estratégias de tradução específicas para as diferentes unidades de topônimos. Retomando a complexidade da

padronização de normas para a tradução de topônimos, verificou-se a necessidade de mais de uma estratégia de tradução, que serão explicadas e exemplificadas a seguir.

3.4.1 Os topônimos como unidade de tradução

As unidades de tradução mais numerosas foram relativas à presença de topônimos. O texto traduzido é, resumidamente, um estudo que busca analisar e comparar a tradução de nomes de origem alemã para a língua francesa, o que leva o autor a fazer uso de um grande número de palavras em alemão, muitas vezes para exemplificar traduções, ao longo do texto. Como veremos nos exemplos a seguir, no texto de origem, algumas dessas palavras foram traduzidas para o francês, enquanto outras aparecem apenas em alemão.

Devido à diferença entre as unidades toponímicas, não houve apenas uma estratégia de tradução, mas várias criadas a partir da função da unidade no texto de origem. Estabeleceram-se cinco estratégias de tradução que serão apresentadas separadamente a seguir.

a) Estratégia 1

Uma parte das unidades em língua alemã não foram traduzidas para o francês no texto de origem e, na maioria dos casos, essas unidades são topônimos. Assim como o autor do texto em francês optou por não traduzir essas palavras, a tradução para o português também não o fez, como mostra o exemplo abaixo:

FRANCÊS	TRADUÇÃO FINAL
Les noms de quartiers, de voies ou de places (Kreuzberg, Goethestrasse, Savignyplatz).	Os nomes de bairros, de ruas ou de praças (Kreuzberg, Goethestrasse, Savignyplatz).

Optar por não traduzir as palavras em alemão que não foram traduzidas para o francês, não é por simples falta de conhecimento da língua alemã por parte da tradutora. Da mesma maneira que o leitor do texto em francês não necessariamente domina o alemão, mas entende o uso dessas palavras como exemplo de não-traduições, o leitor do

texto traduzido para o português também chega à essa leitura. Existe uma intencionalidade do autor em usar tais palavras em alemão e não traduzi-las, e isso foi mantido na tradução.

b) Estratégia 2

Outra ocorrência dessas unidades são nomes que aparecem em alemão, acompanhados de suas respectivas traduções para o francês. É o caso que mostra a tabela abaixo:

FRANCÊS	TRADUÇÃO FINAL
Ils sont souvent traduits car ils sont, pour la plupart, descriptifs (der Stift = le «crayon», der Englische Garten = le Jardin anglais, die Wiener Staatsoper = Opéra national de Vienne).	Eles são frequentemente traduzidos, pois são, na maioria das vezes, descritivos (der Stift = le «crayon», der Englische Garten = le Jardin anglais, die Wiener Staatsoper = Opéra national de Vienne*).

No texto em francês, temos entre parênteses exemplos de topônimos que o autor classifica como descritivos e que, ainda segundo o autor, são comumente traduzidos para o francês. Entende-se que nesse caso é importante que o leitor perceba como foi feita a tradução do alemão para o francês, como mostra o texto de origem, mas também entender como esses nomes poderiam ser traduzidos para o português. Por esses motivos, a estratégia adotada foi de manter os nomes em francês e a partir do francês, sugerir traduções para o português em nota de rodapé.

As traduções feitas do francês para o português buscam a maior proximidade possível à tradução do francês. No caso apresentado na tabela, lê-se em nota de rodapé: O “lápiz”, o Jardim inglês, Ópera Nacional de Viena. Com essa estratégia, acredita-se que o leitor da tradução não perde a análise comparativa entre o alemão e o francês e ao mesmo tempo consegue compreender a que as palavras se referem.

Já o exemplo a seguir, apresenta no mesmo trecho uma combinação da primeira e da segunda estratégia. Ou seja, de manter os nomes alemães não traduzidos para o francês

como no texto de origem, e, traduzir em nota de rodapé nomes usados como exemplos de tradução para o francês.

FRANCÊS	TRADUÇÃO FINAL
Le toponyme étranger, par rapport au français, est soit une forme locale ou endonyme qui est empruntée comme Appenzell, Bregenz, Prater ou Oder, soit une forme traduite appelée exonyme comme Autriche, Saxe, Munich, Porte de Brandebourg ou lac de Constance.	O topônimo estrangeiro, em relação ao francês, é ou uma forma local ou um endônimo que é emprestado. É o caso de Appenzell, Bregenz, Prater ou Oder, ou de formas traduzidas chamadas exônimos como Autriche, Saxe, Munich, Porte de Brandebourg ou lac de Constance*.

Em “Appenzell, Bregenz, Prater ou Oder” temos nomes alemães não traduzidos para o francês, e em “Autriche, Saxe, Munich, Porte de Brandebourg ou lac de Constance” temos traduções diretas para o francês. No caso da segunda, optou-se por manter os nomes em francês acompanhados de uma nota de rodapé com suas respectivas traduções para o português, lê-se “Áustria, Saxônia, Munique, Portão de Brandemburgo ou lago de Constança.”

Fala-se em possíveis traduções já que a busca não é por optar pela tradução mais recorrente no português do Brasil para se aproximar do leitor, mas de se aproximar à tradução para o francês. O objetivo não é que o leitor perceba fluidez e adaptação nessas traduções, nem mesmo que ele identifique a que lugares esses nomes se referem, mas que ele seja capaz de compreender o exemplo da tradução em língua francesa. É possível que esses topônimos possuam mais de uma tradução para o português, não sendo os que foram usados necessariamente os de maior uso no português do Brasil.

Para padronizar o uso dessa estratégia que consiste em optar por uma tradução livre para o português em nota de rodapé de topônimos em francês usados como exemplos, temos o exemplo da tabela abaixo:

FRANCÊS	TRADUÇÃO FINAL
Les noms de villes, comme Tours, Paris ou Munich.	Os nomes de cidades, como Tours, Paris ou Munich.

Nesse caso temos topônimos em língua francesa, independentemente se foram traduzidos do alemão ou não, como exemplos de nomes de cidade. Ao traduzi-los para o português, temos “Tours, Paris ou Munique”. Percebe-se que apenas o último sofreu alguma alteração, assim como *Munich* em francês é uma tradução do alemão, optou-se por traduzi-lo para o português. Ao contrário, *Tours* e *Paris* são nomes de cidades que não possuem históricos relevantes nem ocorrências recentes de traduções para o português do Brasil. Entende-se que o leitor da tradução pode compreender perfeitamente esses topônimos em francês e poderia inclusive estranhar outra tradução.

c) Estratégia 3

A terceira estratégia desenvolvida opta por não traduzir determinados topônimos em francês. A tabela abaixo mostra um trecho em que dois nomes foram mantidos em francês.

FRANCÊS	TRADUÇÃO FINAL
c'est notamment le cas pour la francisation des noms alsaciens (ex.: Zabern = Saverne) ou de la germanisation de toponymes polonais comme Wroclaw prononcé ['vrctswaf] qui devient Breslau.	Este é o caso, na maioria das vezes, do afrancesamento dos nomes alsacianos (ex.: Zabern = Saverne) ou da germanização de topônimos poloneses como Wroclaw pronunciado como ['vrctswaf] que vira Breslau.

No primeiro caso temos “Zabern = Saverne” que é um exemplo de como nomes alsacianos foram “afrancesados”, logo julga-se que o importante é que o leitor observe como esse procedimento foi feito e não que ele entenda como seria em língua portuguesa. No segundo caso, temos “Wroclaw”, topônimo traduzido do polonês para o alemão, e como a tradução para o francês, “Breslau”. Novamente aqui se trata de compreender a comparação entre esses nomes em alemão e em francês, como eles seriam traduzidos para o português não está em questão.

Outro exemplo que seguiu a mesma estratégia de não traduzir certos nomes em francês está na tabela abaixo. O trecho é uma sequência de nomes de ruas em alemão e suas traduções para o francês.

FRANCÊS	TRADUÇÃO FINAL
si die Wilde Manngasse est devenue rue du Sauvage, die Beckengasse, rue des Boulangers, die breite Strasse quant à elle a été rebaptisée rue Engelmann du nom du graveur mulhousien ayant introduit en France la lithographie.	Se die Wilde Manngasse se transformou em rue du Sauvage, die Beckengasse em rue des Boulangers, já die breite Strasse foi rebatizada de rue Engelmann, nome do gravador de Mulhouse que trouxe a litografia para a França.

É essencial para a argumentação do texto que esses nomes estejam como exemplificados no original, isto é, em alemão e em francês. Acredita-se que traduzi-los para o português não alteraria a compreensão do leitor, no sentido de que não traria nenhuma informação importante. Inclusive, *rue Engelmann* é o exemplo do uso de *rue* em francês e *Engelmann* em alemão, uma tradução para o português perderia o sentido do uso desse nome como exemplo de contato entre a língua alemã e a língua francesa.

d) Estratégia 4

Enquanto as estratégias anteriores serviram para a tradução de topônimos inseridos em um contexto de comparação entre o alemão e o francês, os exemplos abaixo demonstram uma nova função para esses nomes. É o que acontece com o nome “Carinthie” no trecho abaixo:

FRANCÊS	TRADUÇÃO FINAL
Cependant, certains pays comme la Suisse ont plusieurs langues officielles et au sein d'un même pays peuvent cohabiter plusieurs minorités régionales possédant elles-mêmes leurs langues, ce qui est par exemple le cas de la minorité slovène en Carinthie.	No entanto, alguns países como a Suíça possuem várias línguas oficiais e no cerne de um mesmo país podem conviver diferentes minorias regionais que possuam suas próprias línguas, o que é, por exemplo, o caso da minoria eslovena na Caríntia.

Compreendendo o trecho em que se encontra, percebe-se que *Carinthie* nesse caso não é um exemplo de análise de tradução entre o alemão e francês, mas é na verdade o referente em si. Isto é, o importante na compreensão desse topônimo é a região à qual ele se refere. Criou-se uma estratégia para traduzir diretamente do francês para o português os nomes próprios (em maioria, topônimos) que não são utilizados como exemplos para análise, mas cujos referentes devem ser compreendidos pelo leitor.

O mesmo ocorreu com os topônimos do trecho abaixo:

FRANCÊS	TRADUÇÃO FINAL
Lors de cette 7 ^e Conférence, plusieurs pays dont la Belgique, le Bénin, le Cameroun, le Canada, la Côte d'Ivoire, la France, le Laos, le Luxembourg, le Mali, Monaco, la Roumanie et la Suisse...	Durante essa conferência, diversos países dentro eles a Bélgica, o Benim, os Camarões, o Canadá, a Costa do Marfim, a França, o Laos, Luxemburgo, o Mali, Mônaco, a Romênia e a Suíça...

Todos os topônimos acima foram traduzidos do francês diretamente para o português, uma vez que sua única função é de remeter a um referente específico (país). Para as traduções, considerou-se a ocorrência das traduções desses nomes no português do Brasil e optou-se por utilizar aqueles que se mostraram mais recorrentes.

e) Estratégia 5

A última estratégia de tradução de unidades em língua estrangeira é referente à tradução de topônimos do francês para o português entre parênteses, como mostra o exemplo abaixo:

FRANCÊS	TRADUÇÃO FINAL
Un exemple souvent cité est celui du Danube, fleuve européen par excellence qui porte les noms de Donau en Allemagne et en Autriche, Duna en Hongrie, Dunav en	Um exemplo citado frequentemente é o do Danube (em tradução, Danúbio), rio europeu que tem os nomes de Donau na Alemanha e na Áustria, Duna na Hungria,

Croatie, en Yougoslavie et en Bulgarie, Dunărea en Roumanie et Dunaj en Ukraine ;	Dunav na Croácia, Iugoslávia e Bulgária, Dunărea na Romênia e Dunaj na Ucrânia.
---	--

Temos o topônimo *Danube* cujas traduções para outras línguas em relação ao francês são objeto de análise. Por isso, preferiu-se manter o nome do topônimo em francês, seguido de uma tradução possível para o português. Diferentemente de outros exemplos anteriores, aqui não se viu a necessidade de fazer tal tradução em nota de rodapé. Como se trata de um único nome, a tradução em parênteses parece não “atrapalhar” a leitura linear do texto.

4 CAPÍTULO III – TRADUÇÃO COMENTADA

O primeiro capítulo deste trabalho se concentrou no texto de origem em francês, o segundo capítulo no texto traduzido para o português e por fim, o terceiro capítulo traz a tradução comentada. A tabela a seguir mostra o texto de origem e o texto traduzido espelhados, segmentados e acompanhados de uma coluna de comentários relativos às dúvidas durante o processo tradutório, às estratégias de tradução, às unidades lexicais e terminológicas de tradução e outros comentários relativos às escolhas tradutórias.

O texto traduzido apresentado na tabela é a segunda e última versão da tradução, já os comentários apresentados são relativos tanto à primeira quanto à segunda versões do texto traduzido. Os comentários fazem menções a termos presentes nos anexos e as estratégias utilizadas para a tradução de palavras em língua estrangeira que foram apresentadas no capítulo II. Todas as notas de rodapé são notas da tradutora; as notas do autor do texto de origem estão diferenciadas como notas de fim e traduzidas no final do texto, assim como no texto em francês. É importante destacar que alguns elementos formais de estruturação do texto não serão visíveis na tabela abaixo, como o uso de itálicos em palavras em língua estrangeira, o recuo de citações com mais de três linhas, as margens, entre outros. O texto final traduzido está devidamente formatado nos anexos.

TEXTO DE ORIGEM (FR)	TEXTO TRADUZIDO (PT)	COMENTÁRIOS
la traduction comme appropriation : le cas des toponymes étrangers	A tradução como apropriação: o caso dos topônimos estrangeiros	Estrangeiros – refere-se à França (porém também estrangeiros com relação ao Brasil). Topônimos – Tabela 1
La traduction comme appropriation : le cas des toponymes étrangers	A tradução como apropriação: o caso dos topônimos estrangeiros	Apropriação – cap II
thierry grass Université de Tours, Tours, France thierry.grass@univ-tours.fr	Thierry grass Universidade de Tours, Tours, França thierry.grass@univ-tours.fr	Tours – topônimo não traduzido (não há ocorrência de tradução no português do Brasil).
RÉSUMÉ	RESUMO	Parte estrutural comum. Normas de padronização.
Apparemment simple à première vue, la traduction des toponymes pose un certain nombre de problèmes relevant à la fois de la linguistique et de la culture au sens large.	Aparentemente simples à primeira vista, a tradução de topônimos gera uma série de questões relativas às vezes à linguística, e, outras vezes à cultura em seu sentido amplo.	
Tout d’abord, il n’est pas tout à fait évident de circonscrire ce qu’on appelle un toponyme si ce n’est en lui appliquant le trait [[locatif] ; il apparaît alors de nouvelles classes de toponymes comme les objets célestes (der Halleysche Komet = la comète de Halley), les bâtiments (der Pariser Triumphbogen = l’Arc de triomphe) ou les lieux mythiques ou fictifs (Utopia = Utopie) qui ne sont pas celles de l’onomastique traditionnelle.	Em primeiro lugar, a definição de topônimo não é completamente evidente, exceto por sua característica mais relevante (locativa). Ele surge entre novas classificações de topônimos como os objetos celestes (der Halleysche Komet = la comète de Halley), os edifícios (der Pariser Triumphbogen = l’Arc de triomphe) ou os lugares místicos e fictícios (Utopia = Utopie) que não pertencem a onomástica tradicional.	Circonscrire – definir en lui appliquant le trait “it possesses only a [[locative] semantic feature” LING. Unité pertinente, minimale ou non, permettant de distinguer un composant phonique, syntaxique ou sémantique. http://www.cnrtl.fr/definition/trait Un toponyme – topônimo (optei por não usar o artigo indefinido) Aqui, os topônimos usados como exemplo do alemão para o francês não foram traduzidos para o português. O

		abstract (inglês) também não os traduziu.
En deuxième lieu, on constate des différences morphosyntaxiques, telle la détermination qui peut être présente en allemand et pas en français ou vice versa (Sachsen = la Saxe; der Mars = Mars).	Em segundo lugar, verificam-se diferenças morfossintáticas, como o determinativo que pode ser presente em alemão e não em francês ou vice e versa (Sachsen = la Saxe; der Mars = Mars).	Determinativo – entende-se como artigo Optou-se por não traduzir os topônimos usados como exemplos por evitar o uso de notas de rodapé no resumo (questão formal de organização do texto).
Pour le même toponyme, la référence peut aussi changer (der Genfer See = le lac Léman, der Aralsee = la mer d’Aral et non *le lac d’Aral).	Para o mesmo topônimo, a referência pode ser diferente (der Genfer See = le lac Léman, der Aralsee = la mer d’Aral e não *le lac d’Aral).	
S’ajoute à ces phénomènes une dimension qu’on peut qualifier de « poids de l’histoire » : la traduction étant une appropriation, plus un toponyme étranger aura de liens historiques avec une culture donnée, plus on aura tendance à le traduire et inversement.	Junto a estes fenômenos existe uma dimensão que pode ser classificada como “fardo da história”. Se a tradução é uma apropriação, quanto mais um topônimo estrangeiro tiver conexões históricas com uma determinada cultura, mais teremos tendência a traduzi-lo e vice e versa.	Poids de l’histoire – Tabela 2
Ceci en dépit des recommandations des Nations Unies en matière de traduction des toponymes.	O que contraria as recomendações das Nações Unidas sobre a tradução de topônimos.	
ABSTRACT	RÉSUMÉ	Optou-se por manter na tradução o “résumé”, em francês, no lugar de manter o abstract. Por se tratar de um texto tão relativo ao estudo linguístico da língua francesa, acredita-se que o “résumé” é de maior interesse. Para a tradução do resumo em português partiu-se do francês, com apoio na tradução do abstract.

Even if the translation of toponyms appears to be simple on a first approach, it can be difficult on a linguistic level as well as on a more general “cultural” level.	Apparemment simple à première vue, la traduction des toponymes pose un certain nombre de problèmes relevant à la fois de la linguistique et de la culture au sens large.	
First, it is not easy to define what a toponym is; it possesses only a [[locative] semantic feature.	Tout d’abord, il n’est pas tout à fait évident de circonscrire ce qu’on appelle un toponyme si ce n’est en lui appliquant le trait [locatif] ;	
There are classes of toponyms like celestial objects (<i>der Halleysche Komet</i> = la comète de Halley), buildings (<i>der Pariser Triumphbogen</i> = l’Arc de triomphe) as well as mythical or fictive places (<i>Utopia</i> = Utopie) that all differ from the traditional classes of onomastics.	il apparaît alors de nouvelles classes de toponymes comme les <i>objets célestes</i> (<i>der Halleysche Komet</i> = la comète de Halley), les <i>bâtiments</i> (<i>der Pariser Triumphbogen</i> = l’Arc de triomphe) ou les <i>lieux mythiques ou fictifs</i> (<i>Utopia</i> = Utopie) qui ne sont pas celles de l’onomastique traditionnelle.	
Second, there are morphosyntactical differences as determination which can appear in German and not in French and vice versa (<i>Sachsen</i> = la Saxe; <i>der Mars</i> = Mars).	En deuxième lieu, on constate des différences morphosyntaxiques, telle la détermination qui peut être présente en allemand et pas en français ou vice versa (<i>Sachsen</i> = la Saxe ; <i>der Mars</i> = Mars).	
For a same toponym, the reference can change (<i>der Genfer See</i> = le lac Léman, <i>der Aralsee</i> = la mer d’Aral and not	Pour le même toponyme, la référence peut aussi changer (<i>der Genfer See</i> = le lac Léman, <i>der Aralsee</i> = la mer d’Aral et non	
*le lac d’Aral).	*le lac d’Aral).	
There is also an aspect which is eligible as “the effect of history”:	S’ajoute à ces phénomènes une dimension qu’on peut qualifier de « poids de l’histoire » :	
Translation means adapting a name to your own.	la traduction étant une appropriation, plus un toponyme étranger aura de liens historiques	

	avec une culture donnée, plus on aura tendance à le traduire et inversement.	
The more a foreign toponym has contacts to a given culture, the more it will be translated; despite of the recommendations of the United Nations in matters of translation of toponyms.	Ceci en dépit des recommandations des Nations Unies en matière de traduction des toponymes.	
MOTS-CLÉS-KEYWORDS	MOTS-CLÉS-KEYWORDS	Estrutura padronizada como parte do resumo.
globalisation des échanges, Nations Unies, noms géographiques, standardisation, toponyme	globalisation des échanges, Nations Unies, noms géographiques, standardisation, toponyme	<p>Globalização de trocas – busca por ocorrência demonstrou quase nenhum uso da expressão.</p> <p>Mundialização de trocas – mostrou diversas ocorrências da expressão.</p> <p>Uso do ponto e vírgula em pt.</p> <p>Palavras-chaves vieram logo após o resumo em pt, segundo regras da ABNT. E, mots-clés vieram após o résumé, em francês.</p>
Aujourd'hui, à l'heure de la globalisation des échanges ou de la prétendue mondialisation, la tendance vise à une standardisation des noms géographiques pour une soi-disant meilleure compréhension internationale.	Atualmente, em uma época de mundialização de trocas ou da busca pela globalização, a tendência é buscar uma padronização de nomes geográficos para, supostamente, melhor compreensão internacional.	<p>pretendida/envisagada mundialização mundialização para diferenciar de globalização.</p> <p>Globalisation des échanges = mundialização Mondialisation = globalização</p>
Cette standardisation, en ce qui concerne les	Tal padronização, em relação às línguas	1- Tradução do nome em nota de rodapé.

<p>langues française et allemande, est opérée sous l'égide des Nations Unies par le GENUNG (Groupe d'experts des Nations Unies pour l'Uniformisation des Noms Géographiques) et par le StAGN (Ständiger Ausschuss für Geographische Namen), mais elle n'est pas toujours suivie d'effets.</p>	<p>francesa e alemã, é feita sob supervisão das Nações Unidas através do GENUNG (Groupe d'experts des Nations Unies pour l'Uniformisation des Noms Géographiques¹) e pelo StAGN (Ständiger Ausschuss für Geographische Namen), mas nem sempre gera efeitos reais.</p>	<p>2- Nome em alemão não traduzido para o francês</p> <p>¹Grupo de especialistas das Nações Unidas para a Uniformização de Nomes Geográficos</p>
<p>De fait, ce qu'on peut appeler « le poids de l'his-toire » joue un rôle qu'on ne saurait sous-estimer, si bien que le Chinois de Königsberg ne deviendra jamais le Chinois de Kaliningrad.</p>	<p>De fato, o que pode ser chamado de "fardo da história" tem um papel que não pode ser subestimado, assim como o Chinês de Königsberg jamais será o Chinês de Kaliningrad.</p>	<p>“Poids de l’histoire” – Tabela 2</p>
<p>Cela dit, des choix qui défient parfois l'intelligibilité sont parfois opérés dans des publications reconnues et l'atlas allemand Grosser Atlas der Welt fait par exemple état du Zatoka Pomorska (Golfe de Poméranie) sans qu'il soit jamais question de Pommersche Bucht, alors que les eaux de ce golfe touchent aussi l'Allemagne.</p>	<p>Tendo isso em vista, as escolhas que por vezes definem a inteligibilidade são, às vezes, feitas em publicações de reconhecimento. O atlas alemão Grosser Atlas der Welt, por exemplo, menciona o Zatoka Pomorska (Baía da Pomerânia) sem jamais mencionar Pommersche Bucht, mesmo que as águas dessa baía banhem também a Alemanha.</p>	<p>Faire état – mencionar</p> <p>Conjunção “et” foi a marca para a divisão de uma nova frase.</p> <p>Golfe de Poméranie – traduzido a partir do “equivalente” em alemão.</p> <p>sans qu'il soit jamais question de – o atlas não faz menção ao nome em polônes (Pommersche Bucht)</p>
<p>Nous montrerons dans cette contribution que si la traduction des toponymes étrangers ou exonymes tend souvent à une appropriation, leur dénomination se teinte d'idéologie à</p>	<p>Mostraremos neste artigo que se a tradução de topônimos estrangeiros ou exônimos tende muitas vezes à apropriação, é porque suas denominações se baseiam na ideologia</p>	<p>Se teinte – se baser</p> <p>au hasard des alliances ?</p>

¹ Grupo de especialistas das Nações Unidas para a Uniformização de Nomes Geográficos

l'encontre de toute systématique, au hasard des alliances, de ce qui est sensé être « politiquement correct » ou, au contraire, des inimitiés géopolitiques.	ao encontro de toda sistemática, desconsiderando alianças, do que se entende por “politicamente correto” ou, ao contrário, rivalidades geopolíticas.	Contribuição – entende-se como o artigo Au hasard de – sem considerar
Dans le cadre du projet Prolex de base de données lexicales multilingues de noms propres, certains principes prévalent pour entrer des toponymes et leurs traductions, et nous verrons que les normes édictées par les Nations Unies entrent parfois en conflit avec les usages historiques.	No âmbito do projeto Prolex, uma base de dados lexicais de nomes próprios multilíngue, alguns princípios prevalecem sobre o uso de topônimos e suas traduções. Veremos também que as normas definidas pelas Nações Unidas às vezes entram em conflito com usos históricos.	Maior segmentação de frases em vez de vírgulas.
Nous nous attacherons enfin à des considérations plus linguistiques en mentionnant les informations minimales devant figurer dans un dictionnaire bilingue des toponymes.	Por fim, utilizaremos considerações mais relacionadas à linguística, mencionando informações básicas que devem estar presentes em um dicionário bilíngue de topônimos.	
1.	1.	
Toponymes et traduction	Os topônimos e a tradução	Optou-se por incluir artigos definidos.
Pour Denis Le Pesant du Laboratoire de Linguistique Informatique 1, les noms locatifs	Segundo Denis Le Pesant, do Laboratório de Linguística Informática ¹ , os nomes locativos	
«constituent une catégorie de noms d'objets dimensionnels, tels que leurs méronymes d'espace ont pour hyperonyme le mot lieu ».	"constituem uma categoria de nomes de objetos dimensionais, assim como seus merônimos de espaço tem como hiperônimo a palavra lugar".	Citação direta. Não há informação de ano da publicação.
Autrement dit, les toponymes entretiennent des relations contenant-contenu dans l'espace et sont tous des sortes de lieux.	Dito de outra forma, os topônimos mantêm relações de oposição dinâmica no espaço, e são todos tipos de lugares.	Contenant-contenu: relações de oposição dinâmicas Contenant-contenu – Tabela 2
Cette définition a l'avantage de pouvoir inclure parmi les toponymes des espaces définis par des superficies comme les villes,	Essa definição tem como vantagem poder incluir entre os topônimos os espaços definidos por superfícies como cidades,	Atlantide englutida – Tabela 2

les régions ou les pays ; des espaces déterminés par des tracés comme les cours d’eaux ; des espaces en mouvement comme les astres ; et même des espaces fictifs comme l’Atlantide engloutie.	regiões ou países; os espaços determinados por características como cursos d’água; os espaços de movimento como astros e até os espaços fictícios como a Atlântida afundada.	
Dans la base de données Prolex, nous avons 10 types de toponymes qui correspondent en partie à des	Na base de dados Prolex, existem 10 tipos de topônimos que correspondem parcialmente a	Nous: se refere a um objeto (uso da 3 pessoa)
«classes d’objets» lexico-syntaxiques telles que celles-ci ont été définies par le linguiste Gaston Gross.	"classes de objetos" léxico-sintáticas, segundo a definição do linguista Gaston Gross.	
Les classes Prolex sont destinées en priorité au traitement automatique et pas à une consultation humaine ; néanmoins, nous avons voulu utiliser une terminologie qui n’exclut pas la consultation humaine.	As classes do Prolex são destinadas prioritariamente ao processamento automático e não a consulta humana. Entretanto, nós optamos por utilizar uma terminologia que não exclui a consulta humana.	traitement automatique - processo automático
La perspective retenue par Prolex n’est toutefois ni encyclopédique ni diachronique.	A perspectiva do Prolex não é enciclopédica nem diacrônica.	
1.1.	1.1.	
La classe des toponymes dans Prolex	A classificação de topônimos no Prolex	
Le projet Prolex (Piton, Grass et Maurel 2003), basé à Tours, a pour objectif de créer des outils permettant le traitement automatique des noms propres.	O projeto Prolex (Piton, Grass e Maurel, 2003), iniciado em Tours, tem como objetivo criar ferramentas que permitam o processamento automático dos nomes próprios.	
Le noyau de ce projet est constitué par une base de données de noms propres traduits dans plusieurs langues, dont l’allemand.	O núcleo desse projeto é constituído por uma base de dados de nomes próprios traduzidos para várias línguas, entre elas o alemão.	
La base différencie 10 types de toponymes que nous allons brièvement énumérer :	A base de dados diferencia 10 tipos de topônimos que serão enumerados brevemente:	
1.	1.	

Les noms de pays (Frankreich = la France, die Schweiz = la Suisse).	Os nomes de países (Frankreich = la France, die Schweiz = la Suisse ²).	² A França, a Suíça; Estratégia 2 – topônimos traduzidos do alemão para o francês = tradução livre para o português em nota de rodapé.
2.	2.	
Les noms de régions où région doit être compris comme une subdivision d'un pays (Steiermark = la Styrie, die Westindischen Inseln = les Antilles).	Nomes de regiões em que região deve ser compreendida como a subdivisão de um país (Steiermark = la Styrie, die Westindischen Inseln = les Antilles ³).	A Estíria, as Antilhas Estratégia 2
3.	3.	
Les noms de groupes de pays, des ensembles englobant différents pays (der Balkan = les Balkans).	Os nomes de grupo de países e conjuntos que englobam diferentes países (der Balkan = les Balkan ⁴).	Os Balcãs Estratégia 2
Les groupes de pays ne doivent pas être confondus avec des régions qui sont des méronymes de pays alors que les pays peuvent être des méronymes de groupes de pays.	Os grupos de países não devem ser confundidos com regiões que são merônimos de países; enquanto os países podem ser merônimos de grupos de países.	
4.	4.	
Les noms de villes, comme Tours, Paris ou Munich.	Os nomes de cidades, como Tours, Paris ou Munich ⁵ .	Estratégia 2 – apesar de Tours e Paris não terem sido traduzidas, viu-se a necessidade de manter a mesma estratégia para Munich. Munique
Ce dernier est un exonyme, c'est-à-dire une	O último é um exônimo, isto é, uma forma	

² A França, a Suíça.

³ A Styria; as Antilhas.

⁴ Os Balcãs

⁵ Tours, Paris ou Munique.

forme locale du nom de la ville (München).	local do nome da cidade (München).	
5.	5.	
Les noms de quartiers, de voies ou de places (Kreuzberg, Goethestrasse, Savignyplatz).	Os nomes de bairros, de ruas ou de praças (Kreuzberg, Goethestrasse, Savignyplatz).	Nomes não traduzidos pro FR. Estratégia 1 – nomes em alemão não traduzidos para o francês e logo não traduzidos para o português.
6.	6.	
Les noms d'édifices incluent non seulement les bâtiments, les monuments, les ponts, mais aussi les parcs et jardins, les musées, les théâtres et opéras, etc. (der Stift in Frankfurt, der Englische Garten in München, die Wiener Staatsoper).	Os nomes de edifícios incluem não apenas os edifícios, os monumentos, as pontes, mas também os parques e jardins, museus, teatros, óperas etc. (der Stift in Frankfurt, der Englische Garten in München, die Wiener Staatsoper).	Nomes não traduzidos para FR. Estratégia 1
Ils sont souvent traduits car ils sont, pour la plupart, descriptifs (der Stift = le «crayon», der Englische Garten = le Jardin anglais, die Wiener Staatsoper = Opéra national de Vienne).	Eles são frequentemente traduzidos, pois são, na maioria das vezes, descritivos (der Stift = le «crayon», der Englische Garten = le Jardin anglais, die Wiener Staatsoper = Opéra national de Vienne ⁶).	Em PT: o “lápiz”, o jardim inglês, ópera nacional de Viena Estratégia 2
7.	7.	
Les hydronymes comprennent les noms de rivières, de canaux ainsi que les différentes étendues d'eau comme les lacs, les mers, etc. (der Rhein = le Rhin, der Bodensee = le lac de Constance, das Mittelmeer = la Mer Méditerranée).	Os hidrônimos são os nomes de rios, canais e também de diversos corpos d'água como lagos, mares, etc. der Rhein = le Rhin, der Bodensee = le lac de Constance, das Mittelmeer = la Mer Méditerranée ⁷).	Em PT: O lago de Constança, o mar mediterrâneo. Estratégia 2
8.	8.	
Les géonymes sont des sites géographiques naturels qui incluent les déserts, les	Os geônimos são sítios geográficos naturais que incluem desertos, montanhas, florestas,	Eliminou-se o artigo definido usado apenas para o primeiro substantivo.

⁶ O “lápiz”, o Jardim inglês, Ópera Nacional de Viena.

⁷ O lago de Constança, o mar mediterrâneo.

montagnes, les forêts, les cavernes, les glaciers, les canyons, les plaines, les plateaux, les courants marins, etc. (die Wüste Gobi = le désert de Gobi, der Schwarzwald = la Forêt-Noire).	cavernas, geleiras, cânions, planícies, planaltos, correntes marítimas, etc. (die Wüste Gobi = le désert de Gobi, der Schwarzwald = la Forêt-Noire ⁸).	Em PT: deserto de Gobi, floresta negra les plaines, les plateaux, les courants marins – Tabela 2
9.	9.	
Les objets célestes représentent – du moins dans la langue – des lieux dans l’espace.	Os objetos celestes representam, pelo menos na língua, lugares no espaço.	
Les objets célestes comprennent les planètes, les galaxies, les étoiles, les comètes, etc. (der Saturn = Saturne, Andromeda = Andromède, der Hundstern = Sirius).	Os objetos celestes incluem planetas, galáxias, estrelas, cometas, etc (der Saturn = Saturne, Andromeda = Andromède, der Hundstern = Sirius ⁹)	Estratégia 2
10.	10.	
Les noms de lieux mythiques ou fictifs, bien que conceptuellement imaginaires, ont une syntaxe qui les rattache à une classe d’objets particulière : pays, île, rivière	Os nomes de lugares místicos ou fictícios, mesmo que conceitualmente sejam apenas imaginários, têm uma sintaxe que os liga a uma classe de objetos especial: país, ilha, rio.	Estratégia 2
(Utopia = Utopie, Atlantis = l’Atlantide, der Styx = le Styx).	(Utopia = Utopie, Atlantis = l’Atlantide, der Styx = le Styx ¹⁰).	Em PT: Saturno, Andrômeda, Sírío
1.2.	1.2.	Em PT: utopia, atlântido, Estige
Procédés de translation des toponymes	Procedimentos de translação de topônimos	Translation – Tabela 1
La translation des toponymes constitue le passage d’une langue à une autre sans être nécessairement accompagné d’un changement de forme graphique.	A translação de topônimos constitui na passagem, de uma língua para a outra, sem obrigatoriamente ser acompanhada de uma mudança na forma gráfica.	
La translation recouvre quatre cas de figure selon que le nom propre reste inchangé, qu’il	A translação abrange quatro casos específicos desde que o nome próprio não	Cas de figure – casos concreto, específicos

⁸ O deserto de Gobi, a floresta negra.

⁹ Saturno, Andrômeda, Sírús.

¹⁰ Utopia, o Atlântico, o Styx.

est transcrit, translittéré ou traduit.	seja alterado, seja ele transcrito, transliterado ou traduzido.	
Des combinaisons de ces différents procédés sont aussi possibles.	Também são possíveis combinações desses diferentes procedimentos.	Inversão sintática.
De plus, la forme obtenue par translation interagit avec les caractéristiques morphologiques de la langue cible.	Além do mais, a forma obtida pela translação se relaciona com as características morfológicas da língua alvo.	
Le toponyme étranger, par rapport au français, est soit une forme locale ou endonyme qui est empruntée comme Appenzell, Bregenz, Prater ou Oder, soit une forme traduite appelée exonyme comme Autriche, Saxe, Munich, Porte de Brandebourg ou lac de Constance.	O topônimo estrangeiro, em relação ao francês, é ou uma forma local ou um endônimo que é emprestado. É o caso de Appenzell, Bregenz, Prater ou Oder, ou de formas traduzidas chamadas exônimos como Autriche, Saxe, Munich, Porte de Brandebourg ou lac de Constance ¹¹ .	Estratégia 1 e depois estratégia 2.
Notons que dans la grande majorité des cas, la traduction d'un nom propre est un emprunt.	Nota-se que na grande maioria dos casos a tradução de um nome próprio é um empréstimo.	Emprunt – estrangeirismo/empréstimo Tabela 1
L'emprunt est déjà défini dans la Stylistique comparée du français et de l'allemand de	O empréstimo foi definido por Malbanc em Stylistique comparée du français et de l'allemand ¹² (1968),	Estilística comparada do francês e do alemão
Malblanc dans une catégorisation des procédés de traduction toujours actuelle (1968 :	em uma categorização de procedimentos de tradução que ainda é atual (MALBANC, 1968, p. 26 –30).	Questão normativa – adaptar as normas da ABNT
26-30), il consiste au sens strict à importer le mot tel quel, sans rien changer à la structure graphique (Donaueschingen = Donaueschingen).	Ele consiste em <i>stricto sensu</i> no uso da palavra em si, sem modificar nada em sua estrutura gráfica (Donaueschingen = Donaueschingen).	Le mot tel quel Estratégia 1. Nova divisão de frases.
C'est simple à première vue, mais langue source et langue cible n'ont pas toujours le	Pode parecer simples à primeira vista, mas a língua fonte e a língua alvo nem sempre tem	

¹¹ Áustria, Saxônia, Munique, Portão de Brandemburgo ou lago de Constança.

¹² Estilística comparada do francês e do alemão

même alphabet :	o mesmo alfabeto.	
Москва translittéré Moskva est traduit par Moskau en allemand et Moscou en français.	Москва transliterada é Moskva; traduzida por Moskau em alemão e Moscou em francês.	Estratégia 3. Não foi necessário traduzir para o português.
On ne peut pas parler d'emprunt proprement dit pour Moskva du fait qu'il y a changement de la structure graphique en passant de l'alphabet cyrillique à l'alphabet latin ; dans Moskau et Moscou, il y a non seulement changement de structure graphique, mais aussi changement de structure phonique dans le passage du russe au français et du russe à l'allemand.	Não se pode falar em empréstimo propriamente para Moskva porque há mudança na estrutura gráfica na passagem do alfabeto cirílico para o alfabeto latino. No caso de Moskau e Moscou há não apenas uma mudança da estrutura gráfica, mas também uma mudança da estrutura fonética na passagem do russo ao alemão e do russo ao francês.	Emprunt – tabela 1
Il y a donc deux stratégies pour intégrer un toponyme écrit dans un alphabet ou selon un système graphique différent de l'alphabet latin, la translittération et la transcription.	Existem duas estratégias para integrar um topônimo escrito em um alfabeto que possui um sistema gráfico diferente do alfabeto latino: a transliteração e a transcrição.	Translittération – tabela 1
La translittération fait correspondre en théorie à chaque signe d'un système d'écriture un signe dans un autre système, rien ne se perd et la translittération a pour avantage principal d'être réversible.	A transliteração, em teoria, faz a correspondência entre signos de um sistema de escrita e signos de outro sistema; nada se perde. A transliteração tem como vantagem principal o fato de ser reversível.	
Pourtant, la translittération présente un gros désavantage : comme elle est ancrée à la langue étrangère et non à celle qui importe le toponyme, elle peut se révéler partiellement illisible comme Čel'abinsk, forme translittérée selon la norme ISO de la ville de Tcheliabinsk dans l'Oural (en allemand Tscheljabinsk).	No entanto, a transliteração apresenta uma enorme desvantagem: por estar ancorada na língua estrangeira e não na língua que importa o topônimo, ela pode se tornar parcialmente ilegível. Um exemplo é Čel'abinsk, forma transliterada segundo as normas da Organização Internacional para Padronização (ISO) da cidade de Tcheliabinsk na região Oural (em alemão,	

	Tscheljabinsk).	
Pour pallier les désavantages inhérents à la translittération, on a recours à une transcription.	Para paliar as desvantagens inerentes à transliteração, recorre-se à transcrição.	Retirada do artigo indefinido.
La transcription est l'adaptation de l'image phonique du toponyme étranger à la norme graphique endogène et à chaque phonème correspondent un ou plusieurs signes.	A transcrição é a adaptação da imagem fonética do topônimo estrangeiro à norma gráfica edógena; cada fenômeno corresponde a um ou vários signos.	
L'avantage principal de la transcription est d'être ancrée dans la langue cible, ce qui permet une plus grande lisibilité et un semblant de prononciation.	A vantagem principal da transcrição é o fato de estar ancorada na língua alvo, o que permite uma legibilidade maior e uma pronúncia semelhante.	Langue cible – língua alvo Ancorar em? Retirada do artigo indefinido.
En revanche, du fait qu'elle n'intègre pas la totalité des graphèmes de la langue source, la transcription est irréversible, d'où les variations selon les langues et les formes différentes des toponymes non écrits en alphabet latin en français et en allemand notamment.	Ao contrário, já que ela não integra a totalidade dos grafemas da língua fonte, a transcrição é irreversível. É daí que surgem as variações de acordo com as línguas e as formas diferentes de topônimos não escritos em alfabeto latino, principalmente em francês e em alemão.	Nova divisão de frases;
Si Tcheliabinsk correspond à la transcription française, Tscheljabinsk correspond à une transcription allemande et il n'est pas possible de déterminer des règles rigoureuses permettant de passer d'une forme à l'autre, ou de revenir à la forme originale en alphabet cyrillique.	Se Tcheliabinsk corresponde à transcrição francesa, então Tscheljabinsk corresponde a uma transcrição alemã, e, não é possível determinar regras rigorosas que permitam passar de uma forma à outra, ou de voltar à forma original em alfabeto cirílico.	
La traduction	A tradução	
Chaque langue note les toponymes d'une autre langue selon un certain usage qui existe parfois depuis des siècles et qui dépend en	Cada língua observa os topônimos de outra língua a partir de um determinado uso que existe, por vezes, há séculos e que depende	Note - observer

grande partie de facteurs culturels que nous ne développerons pas ici.	em grande parte de fatores culturais que não abordaremos aqui.	
Pour reprendre la terminologie de Malblanc, nous verrons deux procédés de traduction au sens strict courants en toponymie, le calque et l'adaptation.	Para retomar a terminologia de Malbanc, veremos dois procedimentos de tradução em <i>stricto sensu</i> frequentes na topônimia: o decalque e a adaptação.	Uso de dois pontos em vez da vírgula (enumeração). Calque – tabela 2
Le calque constitue une traduction littérale comme dans White House = Weißes Haus, Maison-Blanche.	O decalque constitui uma tradução literal como em White House = Weißes Haus, Maison-Blanche ¹³ .	Em PT: A casa branca. Estratégia 2
La notion de calque dépend évidemment du couple de langues choisi.	A noção de decalque, evidentemente, depende do par de línguas em questão.	
Par exemple, dans le cadre de la traduction anglais-allemand, Strasse von Dover est un calque de Straits of Dover, dont il reproduit la structure lexico-syntaxique ; en revanche, dans le cadre de la traduction français-allemand, Strasse von Dover n'est pas un calque de pas de Calais.	Por exemplo, no caso da tradução inglês-alemão, Strasse von Dover é um decalque de Straits of Dover, em que a estrutura léxico-sintática é reproduzida. Por outro lado, no caso da tradução francês-alemão, Strasse von Dover não é um decalque de pas de Calais ¹⁴ .	Estratégia 3 – manter os exemplos apenas em alemão e francês. Não há necessidade que o leitor compreenda o referente. Exemplos entre alemão e inglês; alemão e francês (não traduzir). Estratégia 2
L'adaptation constitue une appropriation linguistique, elle peut être phonétique quand il y a changement de la représentation graphique de l'image phonique du toponyme, c'est notamment le cas pour la francisation des noms alsaciens (ex.: Zabern = Saverne) ou de la germanisation de toponymes polonais comme Wroclaw prononcé [[ˈvrɛtswaf] qui devient Breslau.	A adaptação constitui uma apropriação linguística, podendo ser fonética quando existe mudança na representação gráfica da imagem fonética do topônimo. Este é o caso, na maioria das vezes, do afrancesamento dos nomes alsacianos (ex.: Zabern = Saverne) ou da germanização de topônimos poloneses como Wroclaw pronunciado como [ˈvrɛtswaf] que em francês vira Breslau.	Afrancesar Germanizar Estratégia 3 – manter os exemplos apenas em alemão e francês. Não há necessidade que o leitor compreenda o referente.
Mais l'adaptation peut aussi être sémantique	Porém, a adaptação pode também ser	

¹³ Casa Branca.

¹⁴ Estreito de Dover.

lorsque le référent (der Genfer See = le lac Léman) ou la structure conceptuelle du toponyme changent (der Aralsee = la mer d’Aral et non *le lac d’Aral).	semântica, uma vez que o referente (der Genfer See = le lac Léman ¹⁵) ou a estrutura conceitual do topônimo mudem (der Aralsee = la mer d’Aral e não *le lac d’Aral ¹⁶).	
2.	2.	
La tentative de standardisation des toponymes	A tentativa de padronização dos topônimos	
2.1.	2.1.	
Les Nations Unies et le traitement des noms géographiques	As Nações Unidas e a abordagem de nomes geográficos	
Le Groupe d’experts des Nations Unies pour les noms géographiques (GENUNG) a pour vocation de normaliser l’orthographe des toponymes pour que les désignations des noms de villes, de villages, d’étendues de terre et de cours d’eau soient claires, précises, actualisées et sans ambiguïté.	O Grupo de especialistas das Nações Unidas para os nomes geográficos (GENUNG) tem como objetivo padronizar a ortografia de topônimos para que as designações dos nomes de cidades, vilas, territórios e cursos d’água sejam claros, precisos, atualizados e sem ambiguidade.	GENUNG – previamente traduzido em nota de rodapé, aqui traduzido diretamente para o português.
Dans une société globalisée, l’efficacité des communications dépendrait en partie de l’utilisation correcte de ces noms sur les cartes géographiques, dans les médias et dans les documents juridiques.	Em uma sociedade globalizada, a eficácia das comunicações dependeria em parte do uso correto destes nomes nos mapas geográficos, nas mídias sociais e nos documentos jurídicos.	
Des recommandations édictées par les Nations Unies, on retiendra que pour les États qui utilisent l’alphabet latin, on doit utiliser la nomenclature officielle publiée par l’État en question en respectant fidèlement les signes diacritiques.	A partir das recomendações feitas pelas Nações Unidas, entende-se que para os Estados que utilizam o alfabeto latino, deve-se utilizar a nomenclatura oficial publicada pelo Estado em questão, respeitando fielmente os signos diacríticos.	
Pour les États ayant d’autres systèmes d’écriture, on a soit recours au système	Para os Estados que possuem outros sistemas de escrita, recorre-se ao uso do sistema	

¹⁵ O lago Leman.

¹⁶ O mar de Aral e não o lago de Aral.

officiel de translittération de ces États, s'il existe, soit à une orthographe internationale reconnue par les États en question.	oficial de transliteração destes Estados, caso exista, ou, a uma ortografia internacional reconhecida pelo Estado em questão.	
Cependant, certains pays comme la Suisse ont plusieurs langues officielles et au sein d'un même pays peuvent cohabiter plusieurs minorités régionales possédant elles-mêmes leurs langues, ce qui est par exemple le cas de la minorité slovène en Carinthie.	No entanto, alguns países como a Suíça possuem várias línguas oficiais e no cerne de um mesmo país podem conviver diferentes minorias regionais que possuam suas próprias línguas, o que é, por exemplo, o caso da minoria eslovênia na Caríntia.	Carinthie – estratégia 4. Topônimos não usados como exemplos entre o alemão e francês, mas como o referente em si. Tradução direta para o português. Ainda assim? Raissonent en terme d'États
Enfin, lorsque la langue nationale n'est pas exprimée dans l'alphabet latin, on se heurte aux problèmes évoqués précédemment relatifs à la transcription ou à la translittération.	Por fim, quando a língua nacional não é representada pelo alfabeto latino, voltamos aos problemas mencionados anteriormente, relativos à transcrição ou à transliteração.	Heurter – faire face à
Toutefois, comme les villes sont incluses dans le territoire d'un État et que les Nations Unies raisonnent en termes d'États, ce n'est pas tellement ces toponymes qui posent des problèmes mais plutôt les zones géographiques partagées entre les États comme les montagnes ou les fleuves.	Ainda assim, como as cidades fazem parte do território de um Estado e as Nações Unidas estipulam regras em função dos Estados, não são normalmente esses topônimos que causam problemas, mas principalmente as zonas geográficas divididas entre os Estados, como montanhas e rios.	Inseriu-se “regras” – raissonnet.
Un exemple souvent cité est celui du Danube, fleuve européen par excellence qui porte les noms de Donau en Allemagne et en Autriche, Duna en Hongrie, Dunav en Croatie, en Yougoslavie et en Bulgarie, Dunărea en Roumanie et Dunaj en Ukraine ; le fleuve doit-il sur une carte changer de nom à chaque changement de rive ou passage de frontière ?	Um exemplo citado frequentemente é o do Danube (em tradução, Danúbio), rio europeu que tem os nomes de Donau na Alemanha e na Áustria, Duna na Hungria, Dunav na Croácia, Iugoslávia e Bulgária, Dunărea na Romênia e Dunaj na Ucrânia. Será que a representação do rio em um mapa deve sofrer alteração de nome a cada mudança de costa ou passagem de fronteira?	(em português Danúbio) Danube – estratégia 5. Tradução para o português entre parênteses. Mudou-se a estrutura da pergunta como “será que”.

Doit-on renoncer aux exonymes pour être politiquement correct, c'est un choix éditorial qui a été réalisé par certains atlas dont le Grosser Atlas der Welt publié chez Bechtermünz Verlag, c'est un choix aussi en accord avec les principes des Nations Unies, mais l'est-il avec la pratique linguistique ?	Deve-se renunciar aos exônimos para ser politicamente correto, escolha editorial feita em alguns atlas como o Grosser Atlas der Welt publicado por Bechtermünz Verlag, escolha que também está de acordo com os princípios das Nações Unidas. Mas será que tal escolha está de acordo com a prática linguística?	Dividiu-se a estruturação da pergunta em duas e não um só.
2.2.	2.2.	
Le GENUNG francophone, vecteur d'uniformisation pour le français	O GENUNG francófono, vetor de uniformização para o francês	
La Division francophone du GENUNG 2 a été créée lors de la 7 ^e Conférence sur la normalisation de noms géographiques tenue à New York en janvier 1998.	A Divisão francófona do GENUNG ⁱⁱ foi criada durante a 7 ^a Conferência sobre a padronização de nomes geográficos realizada em Nova Iorque em janeiro de 1998.	
Lors de cette 7 ^e Conférence, plusieurs pays dont la Belgique, le Bénin, le Cameroun, le Canada, la Côte d'Ivoire, la France, le Laos, le Luxembourg, le Mali, Monaco, la Roumanie et la Suisse ont apporté leur soutien au projet dont l'un des principaux objectifs a été de faire en sorte que l'expertise des pays avancés dans le domaine de la normalisation des noms géographiques puisse servir à l'ensemble de la communauté francophone, et que les pays ne possédant pas encore de structures toponymiques nationales trouvent au sein de cette division un espace approprié à l'expression de leurs besoins spécifiques.	Durante essa conferência, diversos países dentro eles a Bélgica, o Benim, os Camarões, o Canadá, a Costa do Marfim, a França, o Laos, Luxemburgo, o Mali, Mônaco, a Romênia e a Suíça declararam apoio ao projeto cujo um dos principais objetivos era de fazer com que os especialistas dos países avançados quanto à padronização de nomes geográficos, pudessem servir ao conjunto da comunidade francófona, e, que os países que não tinham ainda estruturas toponímicas nacionais descobrissem no centro desta divisão um espaço apropriado para a expressão de suas necessidades específicas.	Tradução de topônimo do fr para o pt, porque não se trata de exemplos. Domaine – tópico? Domínio? Estratégia 4 - Topônimos não usados como exemplos entre o alemão e francês, mas como o referente em si. Tradução direta para o português.
Le secrétariat provisoire de la Division est sis	O secretariado provisório da Divisão é ligado	Uso de letras maiúsculas para o nome próprio.

auprès de la Commission de toponymie de l'Institut géographique national français.	à Comissão de toponímia do Instituto Geográfico Nacional Francês.	
Le GENUNG travaille notamment sur la romanisation des noms géographiques écrits dans d'autres alphabets, la formation en toponymie dans les pays le souhaitant, la mise sur pied de répertoires des noms géographiques dans les pays concernés ainsi qu'une méthodologie pour la collecte des noms géographiques.	O GENUNG trabalha principalmente com a romanização de nomes geográficos escritos em outros alfabetos, com a formação em toponímia dos países que a desejam, com a organização de repertórios de nomes geográficos nos países envolvidos assim como trabalha uma metodologia para a coleta de nomes geográficos.	
Bien que travaillant de concert avec la Commission de toponymie de l'Institut géographique national, la Division francophone du GENUNG ne s'occupe véritablement que des endonymes ou toponymes autochtones.	Mesmo que trabalhando em parceria com a Comissão de toponímia do Instituto Geográfico Francês, a Divisão Francófona do GENUNG se ocupa na realidade apenas de endônimos ou topônimos autóctones.	De concert – em parceria/junto a Autochtones – tabela 1
Le traitement des toponymes étrangers pour l'usage français n'a jusqu'à présent pas fait l'objet d'une normalisation nationale, hormis les noms de pays, de capitales et d'habitants, dont les formes françaises officielles ont été fixées par le ministère des Affaires étrangères dans un document de juin 1995 en cours de révision.	O tratamento dos topônimos estrangeiros para o uso em francês até hoje não é objeto de uma padronização nacional, com a exceção dos nomes de países, capitais e habitantes cujas formas francesas oficiais foram instituídas pelo Ministério das Relações Exteriores em um documento de junho de 1995, ainda em revisão.	Tratamento?
En tant qu'organisme administratif, l'IGN doit se conformer à cette liste.	Enquanto organismo administrativo, o IGN deve se conformar com essa lista.	
Pour une petite partie de la toponymie mondiale, le français possède des exonymes, c'est-à-dire les formes françaises, consacrées par l'usage, de noms étrangers.	Para uma pequena parte da toponímia mundial o francês possui exônimos, isto é, formas francesas, consagradas pelo uso, de nomes estrangeiros.	
Ces exonymes ont été intégrés dans notre langue selon divers processus qui en ont fait	Esses exônimos foram integrados à língua francesa após diversos processos que	y - retomei o referencial como "cidade"

un ensemble extrêmement hétérogène et sans logique interne ; ainsi, à partir d'un nom unique russe translittéré Moskva, a-t-on en français deux noms différents, Moscou pour la capitale de la Russie et Moskova pour le fleuve qui y coule.	geraram um conjunto extremamente heterogêneo e sem lógica interna. Assim, a partir de um nome único russo transliterado como Moskva, têm-se em francês dois nomes diferentes, Moscou para a capital da Rússia e Moskova para o rio que percorre a cidade.	notre langue – língua francesa
À cette diversité vient s'ajouter le problème des langues non écrites, ou écrites dans des systèmes non latins (arabe, chinois, cyrillique, grec, etc.).	Junto a essa diversidade está o problema das línguas não escritas, ou escritas em sistemas não latinos (árabe, chinês, cirílico, grego, etc.).	
Les premières requièrent des systèmes de transcription, basés sur la prononciation de la langue d'origine, les secondes des systèmes de translittération, qui établissent des correspondances entre les signes graphiques de l'écriture d'origine et l'alphabet latin.	Os primeiros requerem sistemas de transcrição com base na pronúncia da língua de origem; os segundos requerem sistemas de transliteração, que estabelecem correspondências entre os signos gráficos da escrita de origem e o alfabeto latino.	
Lors de l'établissement d'un dictionnaire bilingue et, a fortiori, multilingue des toponymes, le rédacteur fait donc face à l'existence de deux ou même plusieurs variantes pour un même toponyme et ceci dans chaque langue considérée.	Para o estabelecimento de um dicionário de topônimos bilíngue e, <i>a fortiori</i> , multilíngue, o redator encara a existência de duas ou mais variantes para um mesmo topônimo em cada língua.	
Comme une traduction ne peut se satisfaire de solutions de rechange, il faut faire un choix, sachant que celui-ci peut être contesté selon l'école.	Como uma tradução não pode satisfazer soluções de reparação, é preciso fazer uma escolha, sabendo que ela pode ser contestada dependendo de cada grupo.	
2.3.	2.3.	
Le StAGN, vecteur d'uniformisation pour l'allemand	O StAGN, vetor de uniformização do alemão	
Le StAGN (Ständiger Ausschuss für Geographische Namen = Comité permanent pour les noms géographiques) est le pendant	O StAGN (Ständiger Ausschuss für Geographische Namen = Comitê permanente para os nomes geográficos) é o	pedant - synonyme de correspondant Nome traduzido do alemão para o francês; tradução

de la Division francophone du GENUNG.	correspondente da Divisão Francófona do GENUNG.	direta para o português.
Il travaille sur l'uniformisation de l'emploi officiel et privé des noms géographiques dans le domaine germanophone par l'édition de répertoires, suivant les directives des Nations Unies, ainsi qu'à l'élaboration d'une liste d'exonymes 3 .	Ele trabalha com a uniformização do emprego oficial e privado de nomes geográficos no domínio germânico através da edição de repertórios, seguindo as diretrizes das Nações Unidas, e como consequência, tem-se a elaboração de uma lista de exônimos ⁱⁱⁱ .	Nota do autor/nota de fim. La liste des exonymes publiée par le StAGN est accessible sur la Toile sous : < http://www.bkg.bund.de/Kartographie/Stagn/Exonymenliste.pdf >.
Le StAGN, en tant qu'institution allemande, travaille aussi en collaboration avec des institutions autrichiennes et helvétiques visant à obtenir une standardisation dans le monde germanophone, ce qui n'est pas tout à fait le cas pour l'emploi de la lettre « ß ».	O StAGN, como instituição alemã, trabalha também em colaboração com instituições austríacas e suíças visando obter uma padronização no mundo germânico. Porém, esse não é o caso do emprego da letra « ß ».	Subdividiu-se a frase em duas.
La liste d'exonymes d'origine française publiée par le StAGN est suffisamment courte pour trouver sa place ici.	A lista de exônimos de origem francesa publicada pelo StANG é curta suficiente para ser exibida aqui.	
Deutsches Exonym Endonym Objekt Burgund Bourgogne Gebiet Diedenhofen Thionville Stadt Dünkirchen Dunkerque Elsass Alsace Gebiet Flandern Flandre Gebiet	Deutsches Exonym Endonym Objekt Burgund Bourgogne Gebiet Diedenhofen Thionville Stadt Dünkirchen Dunkerque Elsass Alsace Gebiet Flandern Flandre Gebiet	Tabela alemão-francês mantida como no texto fonte. Tabela mantida exatamente como no original: coluna de topônimos em alemão e suas traduções para o francês.

Genfer See Léman	Lac	Genfer See Léman	Lac	
Le Léman, Lac de Genève		Le Léman, Lac de Genève		
See		See		
Gesellschaftsinseln de la Société	Îles Inseln	Gesellschaftsinseln de la Société	Îles Inseln	
Grosser Belchen [[CH], Großer Belchen [[AT, DE] Sulzer Belchen		Grosser Belchen [[CH], Großer Belchen [[AT, DE] Sulzer Belchen		
Grand Ballon		Grand Ballon		
Ballon de Guebwiller		Ballon de Guebwiller		
Berg		Berg		
Hagenau Haguenau Hennegau Hainaut Gebiet Korsika Corse Insel	Stadt	Hagenau Haguenau Stadt Hennegau Hainaut Gebiet Korsika Corse Insel		
Lothringen Lorraine Gebiet Maas Meuse Fluss Mülhausen Mulhouse Stadt Neukaledonien Nouvelle-Calédonie Nizza Nice Stadt Pyrenäen Pyrénées Gebirge Saarburg Sarrebouurg Stadt Saargemünd	Insel	Lothringen Lorraine Gebiet Maas Meuse Fluss Mülhausen Mulhouse Stadt Neukaledonien Nouvelle-Calédonie Nizza Nice Stadt Pyrenäen Pyrénées Gebirge Saarburg Sarrebouurg Stadt Saargemünd	Insel	

Sarreguemines Stadt Savoyen Savoie Gebiet Schelde Escaut Fluss	Sarreguemines Stadt Savoyen Savoie Gebiet Schelde Escaut Fluss	
Schlettstadt Sélestat Stadt	Schlettstadt Sélestat Stadt	
Strassburg [[CH], Straßburg [[AT, DE]	Strassburg [[CH], Straßburg [[AT, DE]	
Strasbourg Stadt	Strasbourg Stadt	
Vogesen Vosges Gebirge	Vogesen Vosges Gebirge	
Weissenburg [[CH], Weißenburg [[AT, DE]	Weissenburg [[CH], Weißenburg [[AT, DE]	
Wissembourg Stadt	Wissembourg Stadt	
Zabern Saverne Stadt	Zabern Saverne Stadt	
Zentralmassiv, Zentralplateau Massif central Gebirge	Zentralmassiv, Zentralplateau Massif central Gebirge	
En regard du passé commun et des zones passées sous contrôle à un moment donné de l’histoire, on peut considérer qu’il s’agit là d’une liste très réduite ; on remarquera que certains des toponymes consignés dans cette liste ne sont pas proches d’un État germanophone.	Tendo em vista o passado em comum e zonas controladas em um dado momento da história, pode-se considerar que se trata de uma lista muito reduzida. Percebe-se que alguns topônimos registrados nessa lista não são próximos a um Estado alemão.	Referência provável a ocupação alemã nazista dos territórios franceses (passado em comum), esse seria o “dado momento da história”.
2.4.	2.4.	
Le poids de l’histoire dans la traduction des	O fardo da história na tradução de topônimos	“Poids de l’histoire” – tabela 2

toponymes		
Bien entendu, la dénomination d'un toponyme n'est pas neutre politiquement, comme l'a montré la vague des villes débaptisées dans les pays de l'ancien bloc soviétique ou dans l'ancienne Prusse orientale après les deux guerres mondiales.	Certamente, a denominação de um topônimo não é politicamente neutra, como mostra o caso da grande quantidade de vilas desbatizadas nos países do antigo bloco soviético ou na antiga Prússia oriental após as duas guerras mundiais.	Vague – onda; grande quantité Débaptisées – Tabela 2
C'est que les noms de lieux subissent une influence qu'on peut qualifier de « poids de l'histoire » : soit que le lieu change de nationalité et de langue, soit qu'il entretienne des liens historiques puissants avec une culture donnée.	Isso se deve ao fato de que os lugares sofrem uma influência que pode ser classificada como “fardo da história”: ou o lugar muda de nacionalidade e de língua, ou ele mantém laços históricos fortes com uma determinada cultura.	
La traduction est une appropriation, et les peuples s'approprient les noms des lieux de leur histoire.	A tradução é uma apropriação e os povos se apropriam dos nomes de lugares de sua história.	
L'utilisation d'un toponyme plutôt qu'un autre pour le même lieu n'est donc pas gratuite et reflète une époque, une façon de penser et de se représenter le lieu et ses habitants et parfois même un événement : la Bérézina, cet affluent du Dniepr, est devenu synonyme d'échec catastrophique en français ; Stalingrad, nom donné de 1925 à 1961 à la ville de Volgograd est marqué par la période du stalinisme ; Auschwitz ou Theresienstadt n'ont pas les mêmes connotations ou sèmes afférents qu'O wicim ou Terezín, villes de Pologne et de République tchèque.	O uso mais frequente de um topônimo no lugar de outro que designa o mesmo lugar não é aleatório. Isso reflete uma época, uma maneira de pensar e de representar o lugar e seus habitantes, e, por vezes, até mesmo um evento. A Bérézina, afluente do Dniepr, se tornou sinônimo de fracasso catastrófico em francês; Stalingrad, nome dado de 1925 a 1961 para a cidade de Volgograd é marcado pelo período do estalinismo. Auschwitz ou Theresienstadt não têm as mesmas conotações ou semas aferentes que Owicim ou Terezín, cidades da Polônia e da República Tcheca.	Subdividiu-se em mais frases. Alguns nomes foram traduzidos diretamente para o português, outros mantidos como o texto fonte.
Quoi qu'il en soit, il est important de ne jamais perdre de vue le contenu historique du toponyme, c'est là une limite au traitement	Seja qual for o uso, é importante jamais perder de vista o conteúdo histórico do topônimo; é aí que está o limite do	

synchronique dans une base de données lexicale.	tratamento sincrônico em uma base de dados lexical.	
Les conquêtes de territoires et la dimension centrifuge du jacobinisme ont eu des répercussions linguistiques dans les régions germanophones de l'est de la France.	As conquistas de territórios e a dimensão centrífuga do jacobinismo tiveram repercussões linguísticas nas regiões germânicas do leste da França.	
Le souci des autorités centrales a pendant longtemps, disons jusqu'à la décolonisation, été de donner des formes ou des consonances françaises aux noms propres.	O problema das autoridades centrais foi durante muito tempo, pode-se dizer que até a descolonização, de dar formas ou consonâncias francesas aos nomes próprios.	
Dans le cadre alsacien, comme le souligne Solange Wydmusch (1998 :78) : « Partout les terminaisons en <i>weiler</i> sont devenues <i>willer</i> ou <i>viller</i> . Sur les cartes du géographe Cassini en 1812, Hangweiler devient Hangwiller [...]».	No caso alsaciano, como destaca Solange Wydmusch (1998) : “Todos os lugares cujas terminações são <i>weiler</i> se tornaram <i>willer</i> ou <i>viller</i> . Nos mapas do geógrafo Cassini de 1812, Hangweiler se tornou Hangwiller [...]” (WYDMUSCH, 1998, p. 78)	Questão normativa de referências. Adaptação às regras da ABNT para citação direta.
Mais il existe des exceptions comme pour Weiler près de Wissembourg.	Porém, existem exceções como Weiler, próximo a Wissembourg.	
[[...] Les noms en <i>burg</i> sont devenus <i>bourg</i> , ainsi Lauterbourg, Eschbourg [...]» Ainsi que le mentionne Meininger (1986 : 130) dans son excellent Dictionnaire des toponymes et des vieux termes mulhousiens, les variantes <i>Wilre</i> , <i>Wiler</i> ou <i>Weiler</i> signifient village en alsacien, racine qu'on retrouve aussi en patois franc-comtois dans les toponymes en –villers comme Indevillers, Fessevillers ou Burnevillers dans le Haut-Doubs.	Os nomes terminados em <i>burg</i> se tornaram <i>bourg</i> , assim como Lauterbourg, Eschbourg [...]» . Assim o menciona Meininger (1986) em seu excelente Dictionnaire des toponymes et des vieux termes mulhousiens (Dicionário de topônimos e de termos antigos da cidade de Mulhouse), as variantes <i>Wilre</i> , <i>Wiler</i> ou <i>Weiler</i> significam cidade em alsaciano, uma raiz que encontra-se também no patoá franco-condês nos topônimos terminados em <i>villers</i> como Indevillers, Fessevillers ou Burnevillers em Haut-Doubs.	Aqui, a tradução do título do livro foi feita para o português entre parênteses. Topônimos mantidos como no texto fonte, o destaque é exatamente para as terminações dos nomes. patois franc-comtois – tabela 2
La francisation, sur laquelle on revient à présent dans les régions à langues régionales comme l'Alsace, en faisant figurer certains	O afrancesamento, que é utilizado atualmente nas regiões de línguas regionais como a Alsácia, faz com que alguns topônimos,	Francisation – tabela 2

toponymes comme les noms de rues dans les deux langues, met en relief la fantaisie des personnes autrefois chargées de la francisation des noms.	como os nomes de ruas, apareçam nas duas línguas. Isso retoma a fantasia antiga de pessoas encarregadas do afrancesamento de nomes.	
On constate ainsi que si les noms de rues ont été traduits dans les grandes villes alsaciennes comme Mulhouse, ce n'est pas toujours de façon systématique : si die Wilde Manngasse est devenue rue du Sauvage, die Beckengasse, rue des Boulangers, die breite Strasse quant à elle a été rebaptisée rue Engelmann du nom du graveur mulhousien ayant introduit en France la lithographie.	Constata-se também que quando os nomes de ruas foram traduzidos nas grandes cidades da Alsácia como Mulhouse, não foi sempre de maneira sistemática. Se die Wilde Manngasse se transformou em rue du Sauvage, die Beckengasse em rue des Boulangers, já die breite Strasse foi rebatizada de rue Engelmann, nome do gravador de Mulhouse que trouxe a litografia para a França.	Estratégia 3 – manter os nomes apenas em alemão e francês, principalmente já que não há uma tradução de grande circulação desses nomes.
Dans l'ensemble, les noms de monuments comme Bollwerkthurm = tour du bastion sont fidèlement traduits.	Em geral, os nomes de monumentos como Bollwerkthurm = tour du bastion ¹⁷ foram fielmente traduzidos.	Estratégia 2
Pour ces quelques exemples symptomatiques, il faut insister sur le fait que même si les formes germaniques sont antérieures aux formes françaises, elles ne sont pas réutilisables dans une traduction du français vers l'allemand, sous peine de se faire taxer de pangermanisme.	Para esses exemplos sintomáticos, deve-se insistir no fato de que mesmo que as formas germânicas sejam anteriores às francesas, elas não são reutilizáveis em uma tradução do francês para o alemão, sobre o risco de serem taxadas de pangermanismo.	Mesmo se – mesmo que
L'usage distingue cependant entre les noms de rues qui ne sont pas traduits, comme la rue du Sauvage qui devient die rue du Sauvage, et les noms de monuments qui sont très souvent traduits, comme le Haut-Kœnigsbourg qui redevient der Hochkönigsburg.	O uso distingue, no entanto, os nomes de ruas que não são traduzidos, como a rue du Sauvage que se tornou die rue du Sauvage, e os nomes de monumentos que são muitas vezes traduzidos, como o le Haut-Kœnigsbourg que voltou a ser der Hochkönigsburg.	Estratégia 3 – manter os nomes apenas em alemão e francês, principalmente já que não há uma tradução de grande circulação desses nomes.

¹⁷ Torre do bastão.

Quant aux noms de villes, il appartient de se référer à la liste d'exonymes du StAGN que nous avons fait figurer ci-dessus.	Quanto aos nomes de cidades, cabe-se usar como referência a lista de exônimos do StAGN que foi exibida anteriormente.	
À l'inverse de ce qui s'est passé entre la France et l'Allemagne, la Suisse a géré de façon plus équilibrée sa situation de quadrilinguisme.	Ao contrário do que aconteceu entre a França e a Alemanha, a Suíça resolveu de maneira mais equilibrada sua situação de quadrilinguismo.	
C'est en effet le seul pays européen avec la Finlande à tolérer l'emploi des différentes formes des toponymes résultant de la pluralité des langues officielles de façon officielle et indifféremment.	É na verdade, o único país europeu além da Finlândia, a tolerar o uso de diferentes formas dos topônimos, que são resultados da pluralidade de línguas oficiais, de maneira oficial e sem fazer distinção entre elas.	
Pour la Belgique, pays trilingue, la situation est un peu plus délicate et, contrairement à la Suisse, seuls les toponymes utilisés dans la région même sont employés de façon officielle, ce qui n'empêche pas un grand nombre de traductions de part et d'autre de la frontière linguistique néerlandais-français.	No caso da Bélgica, país trilingue, a situação é um pouco mais delicada, e contrariamente à Suíça, apenas os topônimos usados na própria região são empregados de maneira oficial, o que não impede um grande número de traduções de todos os lados da fronteira neerlandês-francesa.	
Enfin, il faut dire que les espaces francophone et germanophone se sont en partie constitués l'un aux dépens de l'autre tout au cours de l'histoire, ce qui suppose conquêtes et reconquêtes sur un substrat à l'origine commun.	Por fim, é preciso entender que os espaços francófonos e germânicos são parcialmente constituídos de maneira dependente ao longo da história; o que supõe conquistas e reconquistas em um substrato de origem comum.	
C'est cette tradition historique et une forte interpénétration culturelle qui explique la survivance d'exonymes fort nombreux.	É esta tradição histórica e uma forte interpenetração cultural que explica a sobrevivência de exônimos bastante numerosos.	
3.	3.	
Quelles sont les informations qui doivent figurer dans un dictionnaire électronique bilingue des toponymes ?	Quais são as informações que devem constar em um dicionário eletrônico bilíngue de topônimos?	

Dans la base de données lexicale Prolex, nous avons choisi de faire figurer un certain nombre d'informations permettant non seulement de référencer l'unité lexicale dans une optique de traitement automatique, mais aussi de donner des informations à caractère sémantique.	Na base de dados lexicais Prolex, escolhemos incluir certa quantidade de informações permitindo não somente referenciar a unidade lexical em uma ótica de tratamento automático, mas também dar informações de natureza semântica.	
3.1.	3.1.	
Genre et nombre	Gênero e número	
Les toponymes sont dans la majeure partie des cas au singulier, mais parfois aussi au pluriel.	Os topônimos estão, na maioria dos casos, no singular, mas algumas vezes também aparecem no plural.	Être – estar e não ser
Contrairement à ce qui est le cas pour d'autres noms propres, une forme exclut l'autre, ce qui veut dire qu'un toponyme au singulier n'a pas de pluriel et qu'un toponyme au pluriel n'a pas de singulier :	Contrariamente ao caso de outros nomes próprios, uma forma exclui a outra, o que quer dizer que um topônimo no singular não tem plural e que um topônimo no plural não tem singular:	
die Rhone (f) = le Rhône (m);	die Rhone (f) = le Rhône (m);	Não viu-se necessidade de traduzir para o português.
die Seychellen (fpl) = les Seychelles (fpl) ; der Balkan (m) = les Balkans (mpl) ; Paris (n) = Paris (mf).	die Seychellen (fpl) = les Seychelles (fpl) ; der Balkan (m) = les Balkans (mpl) ; Paris (n) = Paris (mf).	Exemplos entre o francês e o alemão. Mantive em francês sem traduzir
3.2.	3.2.	
Flexion casuelle	Flexão casual	
Pour les langues slaves, le nombre de formes fléchies d'un nom propre peut atteindre quelques dizaines.	Para as línguas eslavas, o número de formas flexionadas de um nome próprio pode chegar a dezenas.	
La flexion casuelle, pour ce qui est de l'allemand, ne concerne dans la plupart des cas que la forme du génitif singulier et ceci seulement pour les toponymes masculins et neutres.	A flexão casual no alemão, na maioria dos casos, se refere apenas a forma do genitivo singular e somente para os topônimos masculinos e neutros.	
Pour les noms d'édifices, il en va toutefois différemment et Weißes Haus prend les	Para os nomes de edifícios, no entanto, é sempre diferente; Weißes Haus assume	Estratégia 1 – já traduzido anteriormente quando apareceu em francês.

de noms de villes sont accompagnés d'un article (Den Haag = La Haye) alors qu'il est nécessaire pour tous les noms de cours d'eaux (die Etsch = l'Adige).	poucos nomes de cidades são acompanhados de um artigo (Den Haag = La Haye), enquanto o artigo é necessário para todos os nomes de cursos d'água (die Etsch = l'Adige).	
Notons que la détermination peut être présente en allemand et pas en français et réciproquement.	Nota-se que a determinação pode estar presente em alemão e não em francês e vice e versa.	
Sachsen = la Saxe	Sachsen = la Saxe ²⁰	
der Saturn = Saturne	der Saturn = Saturne ²¹	
3.4.	3.4.	
Type	Tipo	
Le rattachement à la typologie Prolex présentée au début de cet article permet non seulement de lever des problèmes de polysémie (Paris #ville vs Paris #personnage	A atribuição à tipologia Prolex apresentada no começo deste artigo permite não somente levantar problemas de polissemia (Paris #cidade vs Paris #personagem	
mythique), il permet aussi une tokénisation pertinente (der Roter Main #hydronyme de forme NPRcomp et non ADJ NPR).	místico), mas permite também a tokenização pertinente (der Roter Main #hidrônimo da forma NPR [Nome próprio composto] e não ADJ NPR [Adjetivo Nome próprio]).	Tokénisation – tabela 2 forme NPRcomp et non ADJ NPR – nom propre composé et non adjectif nom propre
Accessoirement, l'indication du type permet une catégorisation utile pour la traduction humaine der Spargel (#édifice à Francfort), sachant que la définition encyclopédique est souvent superflue pour la compréhension du contexte.	Em segundo lugar, a indicação do tipo permite uma categorização útil para a tradução humana der Spargel (prédio em Frankfurt), sabendo que a definição enciclopédica é muitas vezes supérflua para a compreensão do contexto.	
3.5.	3.5.	
Variantes orthographiques	Variantes ortográficas	
Malheureusement pour le traitement	Infelizmente para o tratamento automático, o	Questão normativa ABNT

²⁰ A Saxônia

²¹ Saturno

automatique, le français présente une grande disparité quant à l'orthographe des noms propres composés selon les différents dictionnaires (Mathieu-Colas 1998).	francês apresenta uma grande disparidade quanto à ortografia de nomes próprios compostos de acordo com diferentes dicionários (Mathieu-Colas, 1998).	
La prise en compte des variantes orthographiques est indispensable à toute reconnaissance et en informatique, un caractère en majuscule n'a pas la même valeur qu'un signe en minuscule.	Levar em conta as variantes ortográficas é indispensável para qualquer reconhecimento. Em informática, um caractere em maiúsculo não tem o mesmo valor que um signo em minúsculo.	Subdividiu-se a frase em duas.
Selon les dictionnaires, on trouve indifféremment Place Rouge, place Rouge ou Place rouge.	Segundo os dicionários, coexistem de maneira indiferente Place Rouge, place Rouge ou Place rouge.	
Certains dictionnaires français vont même jusqu'à utiliser des signes diacritiques inusités en français comme c'est le cas pour Wrocław orthographié dans Le Petit Larousse sur CD-ROM avec un l barré.	Alguns dicionários franceses chegam até mesmo a utilizar signos diacríticos inusitados em francês, como é caso de Wrocław escrito no Le Petit Larousse em um CD-ROM com a letra "l" traçada.	
Toutefois, l'orthographe peut avoir une valeur discriminante, comme c'est le cas pour le Pas-de-Calais (département français) qui n'est pas le pas de Calais (détroit).	Entretanto, a ortografia pode ter um valor discriminante, como é o caso de Pas-de-Calais (departamento francês) que não é o pas de Calais (estreito).	
Dans un dictionnaire ou dans une traduction, il faut prendre parti pour une solution cohérente.	Em um dicionário, ou em uma tradução, é necessário tomar partido para uma solução coerente.	
Notons que l'allemand est, surtout depuis la réforme de l'orthographe, beaucoup plus rigoureux concernant l'utilisation de la majuscule dans les noms composés.	Observa-se que o alemão é, especialmente após a reforma ortográfica, muito mais rigoroso quanto à utilização da letra maiúscula nos nomes compostos.	
3.6.	3.6.	
Définition sommaire	Definição do sumário	
Dans une entrée Prolex, la définition n'apparaît pas telle quelle, mais sous forme de relations et d'expansions.	Em uma entrada do Prolex, a definição não aparece dessa maneira, mas na forma de relações e expansões.	

Ainsi, dans un texte informatisé en allemand, on risque fort de retrouver Stadt = ville à proximité de Erlau = Eger.	Desta forma, em um texto informatizado em alemão, existe a grande possibilidade de se encontrar Stadt = cidade, próximo a Erlau = Eger.	
Les co-occurrences les plus probables sont listées dans la table des expansions et ce sera pour le type #ville le mot Stadt en allemand.	As co-ocorrências mais prováveis são listadas na tabela de expansões e será para o tipo #cidade a palavra Stadt em alemão.	Estratégia 3 – não traduzir alguns nomes, mas traduzir outros de maior divulgação (Hungria).
D'autre part, la ville Erlau est reliée par une relation de méronymie (partie-tout) à Ungarn = Hongrie.	Por outro lado, a cidade Erlau é religada por uma relação merônima (parte pelo todo) à Ungarn = Hongrie (Hungria).	
À partir de l'expansion et de la relation, il est donc possible de former une définition automatique comme pour die Etsch = l'Adige (cours d'eau d'Italie).	A partir da expansão e da relação é possível formar uma definição automática como die Etsch = l'Adige (curso d'água na Itália).	Estratégia 3 – há explicação do referente, não há necessidade de traduzi-lo para compreensão.
Conclusion	Conclusão	
Les toponymes étrangers sont loin de faire l'objet d'un traitement homogène dans les atlas, les dictionnaires encyclopédiques et les autres supports dans lesquels ils apparaissent.	Os topônimos estrangeiros estão longe de serem tratados homogeneamente nos atlas, dicionários enciclopédicos e outros meios em que aparecem.	
Certes, la tendance est de laisser le toponyme tel quel, semblable à la forme de la langue source, mais il existe de nombreuses exceptions à la fois en synchronie et en diachronie.	Certamente, a tendência é deixar o topônimo de maneira parecida com a forma da língua fonte, mas existem diversas exceções relativas à sincronia ou à diacronia.	
NOTES	NOTAS	
1.	1.	
Présentation des noms locatifs, étude interne au Laboratoire de Linguistique Informatique (UMR 7547 du CNRS).	Apresentação de nomes locativos, estudo interno do Laboratório de Linguística Informática (UMR 7547 do Centro Nacional de Pesquisa Científica - CNRS).	
2.	2.	
Sur la Toile sous :	Acesso pelo site:	

< http://www.divisionfrancophone.org/ >.	< http://www.divisionfrancophone.org/ >.	
3.	3.	
La liste des exonymes publiée par le StAGN est accessible sur la Toile sous :	A lista de exônimos publicada pelo StAGN está acessível pelo site:	Sur la Toile: site canadense~
< http://www.bkg.bund.de/Kartographie/Stagn/Exonymenliste.pdf >.	< http://www.bkg.bund.de/Kartographie/Stagn/Exonymenliste.pdf >.	
RÉFÉRENCES	REFERÊNCIAS	
Malblanc, A. (1968) : <i>Stylistique comparée du français et de l'allemand</i> , Paris, Didier.	MALBLANC, A. <i>Stylistique comparée du français et de l'allemand</i> . Paris, Didier, 1968.	Questões normativas da ABNT.
Mathieu-Colas, M. (1998): «La majuscule flottante – Remarques sur l'orthographe des noms propres composés», in: Figement et T.A.L., Besançon, Presses universitaires franc-comtoises, p.123-144.	MATHIEU-COLAS, M. <i>La majuscule flottante – Remarques sur l'orthographe des noms propres composés</i> . Besançon, Presses universitaires franc-comtoises, 1998.	
Meininger, E. (1986) : Dictionnaire des toponymes et des vieux termes mulhousiens, Steinbrunn- le-Haut, Éditions du Rhin.	MEININGER, E. <i>Dictionnaire des toponymes et des vieux termes mulhousiens</i> . Steinbrunn- le-Haut, Éditions du Rhin, 1986.	
Piton, O., Grass, T. et D. Maurel (2003) : “Linguistic resource for NLP. Ask for ‘Die Drei Musketiere’ and meet ‘Les Trois Mousquetaires’”, in NLDB 2003 (8 th International Conference on Applications of Natural Language to Information Systems).	PITON, O; GRASS, T; MAUREL, D. <i>Linguistic resource for NLP. Ask for ‘Die Drei Musketiere’ and meet ‘Les Trois Mousquetaires’</i> . 2003	
Wydmusch, S. (1998) : <i>La toponymie, un patrimoine à préserver</i> , Paris, L'Harmattan.	WYDMUSCH, S. <i>La toponymie, un patrimoine à préserver</i> . Paris, L'Harmattan, 1998.	

ⁱ Tradução feita na tabela.

ⁱⁱ Tradução feita na tabela.

ⁱⁱⁱ Tradução feita na tabela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da hipótese inicial de que o gênero textual influencia e orienta decisões tradutórias, percebemos ao longo do processo tradutório uma busca por manter e reproduzir elementos que caracterizam um artigo científico. Entre esses elementos estão o uso de uma linguagem de especialidade marcada pela presença de terminologia e a conformidade com as normas de redação científica. Sob o risco de “vulgarizar” a linguagem ou descaracterizar o texto científico, optamos por manter uma linguagem que tende a ser mais objetiva, precisa e marcada por um léxico específico das áreas de conhecimento da Tradução e da Linguística.

Todos esses elementos verificados no texto de origem e mantidos no texto de chegada revelam dois textos científicos, discursos únicos, de uma mesma área e produzidos em línguas diferentes, porém que se destinam a um mesmo público que é o público especialista ou estudante dos estudos da tradução. Ressaltamos que o público alvo do texto traduzido não é o público leitor brasileiro, questionamos mesmo se existe um único padrão desse leitor, mas sim um público que tem conhecimento da terminologia presente nos textos e que não busca qualquer vulgarização dessa linguagem.

Outro questionamento surgido durante o processo tradutório e relativo ao público leitor é sobre o conhecimento da área de estudo do texto por parte do tradutor. Sem dúvidas, o conhecimento do tradutor acerca da área do texto traduzido influencia e acaba por facilitar diversas questões tradutórias relativas à terminologia. Percebemos que diversas questões terminológicas foram facilmente resolvidas devido aos conhecimentos prévios da tradutora de parte da terminologia utilizada. Porém, o conhecimento da área de estudo do texto não é suficiente para resolver todas as questões surgidas na tradução, já que existem outras não relativas à linguagem de especialidade, mas sim ao estilo de escrita do autor, questões da língua comum, entre outros elementos do texto. Da mesma forma, não acreditamos que o tradutor deve necessariamente ser especialista da área do texto que traduz, ele deve, no entanto, tomar conhecimento da linguagem de especialidade.

Quanto à questão da tradução de topônimos, concluímos que apesar de existirem organizações que ditam regras de padronização e uniformização, os topônimos estão longe de seguirem uma única estratégia válida independentemente do contexto histórico, político e geográfico em que se encontram. É possível que estudos comparativos entre pares linguísticos a partir de um recorte definido, como o texto traduzido, mostrem padrões e criem hipóteses de tendências sobre a tradução de topônimos.

Com base nos comentários de tradução, feitos no terceiro e último capítulo desse trabalho, geramos as estratégias de traduções para os topônimos e identificamos que mesmo quando se adotam propostas que buscam padronizar, dificilmente todos os topônimos obedecem os mesmos parâmetros de tradução. Esse capítulo do trabalho desempenha um papel metodológico cujo objetivo é de demonstrar como foram feitos os procedimentos de tradução e de justificar as escolhas e estratégias tradutórias.

Em resumo, a relação entre o gênero textual e a tradução, a terminologia de textos científicos e a tradução de topônimos são assuntos que ainda abrem muito espaço para discussão nos estudos da tradução. O presente trabalho é apenas um questionamento possível dessas relações, feito a partir da tradução de um texto científico que não necessariamente compartilha as mesmas características com outros textos dessa categoria e que, portanto não busca definir estratégias comuns em todas as traduções de textos científicos, entendendo que cada discurso deve ser analisado em suas particularidades e além do seu gênero textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. (2002). *NBR 6023 - Informação e documentação - Referências - Elaboração*. Rio de Janeiro.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. (2003). *NBR 6022- Informação e documentação - Artigo em publicação periódica científica impressa - Apresentação*. Rio de Janeiro.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRAS DE NORMAS TÉCNICAS. (2002). *NBR 10520 - Informação e documentação - Citações em documentos - Apresentação*. Rio de Janeiro.
- BASSNETT, S. (2002). *Translation Studies*. Nova Iorque: Routledge.
- BASSNETT, S., & LEFEVERE, A. (2003). *Translation. history, culture*. Nova Iorque: Routledge.
- CAMPOS, A. P. (2006). *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos de 1950-1960*. Cotia: Atêlie Editorial.
- CARNEIRO, R. (2011). *Retrospectiva - Introdução à Terminologia: teoria e prática*. Domínios de Linguagem.
- CHIBENI, S. S. (2018). *O que é ciência?* Campinas: Unicamp.
- DARBELNET, & VINEY. (1966). *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier.
- (s.d.). *Estruturalismo - Aula 7*. CESAD/UAB.
- FINATTO, M. J. (2001). *Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação*. Porto Alegre.
- FINATTO, M. J. (2003). *A definição de termos técnico-científicos no âmbito dos estudos de terminologia*. Estudos Linguísticos, 197-222.
- FROTA, M. P. (2007). *Um balanço dos estudos da tradução no Brasil*. Cadernos de Tradução.
- JUBRAN, S. A. C. (2004). *Para uma Romanização Padronizada de Termos Árabes em Textos de Língua Portuguesa*. Universidade de São Paulo.
- KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. . (2003) *A visão funcionalista da linguagem no século XX*. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, p. 17-28.
- KRIEGER, M. d., & FINATTO, M. J. (2004). *Introdução à Terminologia - teoria e prática*. São Paulo : Contexto.
- MANDAGARA, P. (2009). *Letras: Cultura e Diferença*. Semana de Letras, 123-135.

MARCONI, M. d., & LAKATOS, E. M. (2003). *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo : Atlas.

MIRANDA, F. (2017). *Análise interlinguística de gêneros textuais: contribuições para o ensino e a tradução*. Delta, pp. 811-842.

MURAD, C. R. (2011). *O funcionalismo e o gerativismo: principais características e expoentes*. Nucleus, v.8, n.2.

OLIVEIRA, J. R., & QUEIROZ, S. L. (2012). *A retórica da linguagem científica: das bases teóricas à elaboração de material didático para o ensino superior de Química*. Quim. Nova.

PANDO, D. A. (2013). *Breve histórico da normalização*. Revista Teste.

RODRIGUES, Edson, J., & DOS SANTOS, M. L. (2009). *Abordagens da linguística contemporânea da estrutura ao uso*. In: Teorias Linguísticas II.

VILELA, M. (1997). *O léxico do português: perspectivação geral*. Filologia e Linguística Portuguesa, 31-50.

ANEXOS

1. Tradução final

A tradução como apropriação: o caso dos topônimos estrangeiros

THIERRY GRASS

Universidade de Tours, Tours, França

thierry.grass@univ-tours.fr

RESUMO

Aparentemente simples à primeira vista, a tradução de topônimos gera uma série de questões relativas às vezes à linguística, e, outras vezes à cultura em seu sentido amplo. Em primeiro lugar, a definição de topônimo não é completamente evidente, exceto por sua característica mais relevante (locativa). Ele surge entre novas classificações de topônimos como os objetos celestes (der Halleysche Komet = la comète de Halley), os edifícios (der Pariser Triumphbogen = l'Arc de triomphe) ou os lugares místicos e fictícios (Utopia = Utopie) que não pertencem a onomástica tradicional. Em segundo lugar, verificam-se diferenças morfossintáticas, como o determinativo que pode ser presente em alemão e não em francês ou vice e versa (Sachsen = la Saxe; der Mars = Mars). Para o mesmo topônimo, a referência pode ser diferente (der Genfer See = le lac Léman, der Aralsee = la mer d'Aral e não *le lac d'Aral). Junto a estes fenômenos existe uma dimensão que pode ser classificada como “fardo da história”. Se a tradução é uma apropriação, quanto mais um topônimo estrangeiro tiver conexões históricas com uma determinada cultura, mais teremos tendência a traduzi-lo e vice e versa. O que contraria as recomendações das Nações Unidas sobre a tradução de topônimos.

PALAVRAS-CHAVE: Mundialização de trocas; Nações Unidas; nomes geográficos; padronização; topônimo.

RÉSUMÉ

Apparemment simple à première vue, la traduction des toponymes pose un certain nombre de problèmes relevant à la fois de la linguistique et de la culture au sens large. Tout d'abord, il n'est pas tout à fait évident de circonscrire ce qu'on appelle un toponyme si ce n'est en lui appliquant le trait [locatif] ; il apparaît alors de nouvelles classes de toponymes comme les *objets célestes* (*der Halleysche Komet* = *la comète de Halley*), les *bâtiments* (*der Pariser Triumphbogen* = *l'Arc de triomphe*) ou les *lieux mythiques ou fictifs* (*Utopia* = *Utopie*) qui ne sont pas celles de l'onomastique traditionnelle. En deuxième lieu, on constate des différences morphosyntaxiques, telle la détermination qui peut être présente en allemand et pas en français ou vice versa (*Sachsen* = *la Saxe* ; *der Mars* = *Mars*). Pour le même toponyme, la référence peut aussi changer (*der Genfer See* = *le lac Léman*, *der Aralsee* = *la mer d'Aral* et non **le lac d'Aral*). S'ajoute à ces phénomènes une dimension qu'on peut qualifier de « poids de l'histoire » : la traduction étant une appropriation, plus un toponyme étranger aura de liens historiques avec une culture donnée, plus on aura tendance à le traduire et inversement. Ceci en dépit des recommandations des Nations Unies en matière de traduction des toponymes.

MOTS-CLÉS: globalisation des échanges; Nations Unies ; noms géographiques ; standardisation; toponyme.

Atualmente, em uma época de mundialização de trocas ou da busca pela globalização, a tendência é buscar uma padronização de nomes geográficos para, supostamente, melhor compreensão internacional. Tal padronização, em relação às línguas francesa e alemã, é feita sob supervisão das Nações Unidas através do GENUNG (Groupe d'experts des Nations Unies pour l'Uniformisation des Noms Géographiques¹) e pelo StAGN (Ständiger Ausschuss für Geographische Namen), mas nem sempre gera efeitos reais. De fato, o que pode ser chamado de "fardo da história" tem um papel que não pode ser subestimado, assim como o Chinês de Königsberg jamais será o Chinês de Kaliningrad. Tendo isso em vista, as escolhas que por vezes

¹ Grupo de especialistas das Nações Unidas para a Uniformização de Nomes Geográficos

definem a inteligibilidade são, às vezes, feitas em publicações de reconhecimento. O atlas alemão *Grosser Atlas der Welt*, por exemplo, menciona o *Zatoka Pomorska* (Baía da Pomerânia) sem jamais mencionar *Pommersche Bucht*, mesmo que as águas dessa baía banhem também a Alemanha. Mostraremos neste artigo que se a tradução de topônimos estrangeiros ou exônimos tende muitas vezes à apropriação, é porque suas denominações se baseiam na ideologia ao encontro de toda sistemática, desconsiderando alianças, do que se entende por “politicamente correto” ou, ao contrário, rivalidades geopolíticas. No âmbito do projeto *Prolex*, uma base de dados lexicais de nomes próprios multilíngue, alguns princípios prevalecem sobre o uso de topônimos e suas traduções. Veremos também que as normas definidas pelas Nações Unidas às vezes entram em conflito com usos históricos. Por fim, utilizaremos considerações mais relacionadas à linguística, mencionando informações básicas que devem estar presentes em um dicionário bilíngue de topônimos.

1. Os topônimos e a tradução

Segundo Denis Le Pesant, do Laboratório de Linguística Informática¹, os nomes locativos "constituem uma categoria de nomes de objetos dimensionais, assim como seus merônimos de espaço tem como hiperônimo a palavra lugar". Dito de outra forma, os topônimos mantêm relações de oposição dinâmica no espaço, e são todos tipos de lugares. Essa definição tem como vantagem poder incluir entre os topônimos os espaços definidos por superfícies como cidades, regiões ou países; os espaços determinados por características como cursos d'água; os espaços de movimento como astros e até os espaços fictícios como a Atlântida afundada. Na base de dados *Prolex*, existem 10 tipos de topônimos que correspondem parcialmente a "classes de objetos" léxico-sintáticas, segundo a definição do linguista Gaston Gross. As classes do *Prolex* são destinadas prioritariamente ao processamento automático e não a consulta humana. Entretanto, nós optamos por utilizar uma terminologia que não exclui a consulta humana. A perspectiva do *Prolex* não é enciclopédica nem diacrônica.

1.1. A classificação de topônimos no *Prolex*

O projeto *Prolex* (Piton, Grass e Maurel, 2003), iniciado em Tours, tem como objetivo criar ferramentas que permitam o processamento automático dos nomes próprios. O núcleo desse projeto é constituído por uma base de dados de nomes próprios traduzidos para várias línguas, entre elas o alemão. A base de dados diferencia 10 tipos de topônimos que serão enumerados brevemente:

1. Os nomes de **países** (Frankreich = la France, die Schweiz = la Suisse²).
2. Nomes de **regiões** em que região deve ser compreendida como a subdivisão de um país (Steiermark = la Styrie, die Westindischen Inseln = les Antilles³).
3. Os nomes **de grupo de países** e conjuntos que englobam diferentes países (der Balkan = les Balkan⁴). Os grupos de países não devem ser confundidos com regiões que são merônimos de países; enquanto os países podem ser merônimos de grupos de países.
4. Os nomes de **idades**, como Tours, Paris ou Munich⁵ . O último é um exônimo, isto é, uma forma local do nome da cidade (München).
5. Os nomes de **bairros**, de **ruas** ou de **praças** (Kreuzberg, Goethestrasse, Savignyplatz).
6. Os nomes de **edifícios** incluem não apenas os edifícios, os monumentos, as pontes, mas também os parques e jardins, museus, teatros, óperas etc. (der Stift in Frankfurt, der Englische Garten in München, die Wiener Staatsoper). Eles são frequentemente traduzidos, pois são, na maioria das vezes, descritivos (der Stift = le «crayon», der Englische Garten = le Jardin anglais, die Wiener Staatsoper = Opéra national de Vienne⁶).

² A França, a Suíça.

³ A Estíria, as Antilhas

⁴ Os Balcãs

⁵ Tours, Paris ou Munique.

⁶ O “lápiz”, o Jardim inglês, Ópera Nacional de Viena.

7. Os **hidrônimos** são os nomes de rios, canais e também de diversos corpos d'água como lagos, mares, etc. (der Rhein = le Rhin, der Bodensee = le lac de Constance, das Mittelmeer = la Mer Méditerranée⁷).

8. Os **geônimos** são sítios geográficos naturais que incluem desertos, montanhas, florestas, cavernas, geleiras, cânions, planícies, planaltos, correntes marítimas, etc. (die Wüste Gobi = le désert de Gobi, der Schwarzwald = la Forêt-Noire⁸).

9. Os **objetos celestes** representam, pelo menos na língua, lugares no espaço. Os objetos celestes incluem planetas, galáxias, estrelas, cometas, etc (der Saturn = Saturne, Andromeda = Andromède, der Hundstern = Sirius⁹)

10. Os nomes de **lugares místicos ou fictícios**, mesmo que conceitualmente sejam apenas imaginários, têm uma sintaxe que os liga a uma classe de objetos especial: país, ilha, rio. (Utopia = Utopie, Atlantis = l'Atlantide, der Styx = le Styx¹⁰).

1.2. Procedimentos de translação de topônimos

A translação de topônimos constitui na passagem, de uma língua para a outra, sem obrigatoriamente ser acompanhada de uma mudança na forma gráfica. A translação abrange quatro casos específicos desde que o nome próprio não seja alterado, seja ele transcrito, transliterado ou traduzido. Também são possíveis combinações desses diferentes procedimentos. Além do mais, a forma obtida pela translação se relaciona com as características morfológicas da língua alvo. O topônimo estrangeiro, em relação ao francês, é ou uma forma local ou um endônimo que é emprestado. É o caso de *Appenzell*, *Bregenz*, *Prater* ou *Oder*, ou de formas traduzidas chamadas exônimos como *Autriche*, *Saxe*, *Munich*, *Porte de Brandebourg* ou *lac de Constance*¹¹. Nota-se que na grande maioria dos casos a tradução de um nome próprio é um empréstimo.

⁷ O lago de Constança, o mar mediterrâneo.

⁸ O deserto de Gobi, a floresta negra.

⁹ Saturno, Andrômeda, Sirius.

¹⁰ Utopia, o Atlântico, o Styx.

¹¹ Áustria, Saxônia, Munique, Portão de Brandemburgo ou lago de Constança.

O **empréstimo** foi definido por Malbanc (1968) em *Stylistique comparée du français et de l'allemand* (Estilística comparada do francês e do alemão), em uma categorização de procedimentos de tradução que ainda é atual (MALBANC, 1968, p. 26–30). Ele consiste em *stricto sensu* no uso da palavra em si, sem modificar nada em sua estrutura gráfica (*Donaueschingen* = *Donaueschingen*).

Pode parecer simples à primeira vista, mas a língua fonte e a língua alvo nem sempre tem o mesmo alfabeto. *Москва* transliterada é *Moskva*; traduzida por *Moskau* em alemão e *Moscou* em francês. Não se pode falar em empréstimo propriamente para *Moskva* porque há mudança na estrutura gráfica na passagem do alfabeto cirílico para o alfabeto latino. No caso de *Moskau* e *Moscou* há não apenas uma mudança da estrutura gráfica, mas também uma mudança da estrutura fonética na passagem do russo ao alemão e do russo ao francês. Existem duas estratégias para integrar um topônimo escrito em um alfabeto que possui um sistema gráfico diferente do alfabeto latino: a transliteração e a transcrição.

A **transliteração**, em teoria, faz a correspondência entre signos de um sistema de escrita e signos de outro sistema; nada se perde. A transliteração tem como vantagem principal o fato de ser reversível. No entanto, a transliteração apresenta uma enorme desvantagem: por estar ancorada na língua estrangeira e não na língua que importa o topônimo, ela pode se tornar parcialmente ilegível. Um exemplo é *Čel'abinsk*, forma transliterada segundo as normas da Organização Internacional para Padronização (ISO) da cidade de *Tcheliabinsk* na região *Oural* (em alemão, *Tscheljabinsk*). Para paliar as desvantagens inerentes à transliteração, recorre-se à transcrição.

A **transcrição** é a adaptação da imagem fonética do topônimo estrangeiro à norma gráfica endógena; cada fenômeno corresponde a um ou vários signos. A vantagem principal da transcrição é o fato de estar ancorada na língua alvo, o que permite uma legibilidade maior e uma pronúncia semelhante. Ao contrário, já que ela não integra a totalidade dos grafemas da língua fonte, a transcrição é irreversível. É daí que surgem as variações de acordo com as línguas e as formas diferentes de topônimos não escritos em alfabeto latino, principalmente em francês e em alemão. Se *Tcheliabinsk* corresponde à transcrição francesa, então *Tscheljabinsk* corresponde a uma

transcrição alemã, e, não é possível determinar regras rigorosas que permitam passar de uma forma à outra, ou de voltar à forma original em alfabeto cirílico.

A tradução

Cada língua observa os topônimos de outra língua a partir de um determinado uso que existe, por vezes, há séculos e que depende em grande parte de fatores culturais que não abordaremos aqui. Para retomar a terminologia de Malbanc, veremos dois procedimentos de tradução em *stricto sensu* frequentes na toponímia: o decalque a adaptação.

O **decalque** constitui uma tradução literal como em *White House* = *Weißes Haus*, *Maison-Blanche*¹². A noção de decalque, evidentemente, depende do par de línguas em questão. Por exemplo, no caso da tradução inglês-alemão, *Strasse von Dover* é um decalque de *Straits of Dover*, em que a estrutura léxico-sintática é reproduzida. Por outro lado, no caso da tradução francês-alemão, *Strasse von Dover* não é um decalque de *pas de Calais*¹³.

A **adaptação** constitui uma apropriação linguística, podendo ser fonética quando existe mudança na representação gráfica da imagem fonética do topônimo. Este é o caso, na maioria das vezes, do afrancesamento dos nomes alsacianos (ex.: *Zabern* = *Saverne*) ou da germanização de topônimos poloneses como *Wroclaw* pronunciado como [‘vrctswaf] que em francês vira *Breslau*. Porém, a adaptação pode também ser semântica, uma vez que o referente (*der Genfer See* = *le lac Léman*¹⁴) ou a estrutura conceitual do topônimo mudem (*der Aralsee* = *la mer d’Aral* e não **le lac d’Aral*¹⁵).

2. A tentativa de padronização dos topônimos

2.1. As Nações Unidas e a abordagem de nomes geográficos

O Grupo de especialistas das Nações Unidas para os nomes geográficos (GENUNG) tem como objetivo padronizar a ortografia de topônimos para que as

¹² Casa Branca.

¹³ Estreito de Dover.

¹⁴ O lago Lemman.

¹⁵ O mar de Aral e não o lago de Aral.

designações dos nomes de cidades, vilas, territórios e cursos d'água sejam claros, precisos, atualizados e sem ambiguidade. Em uma sociedade globalizada, a eficácia das comunicações dependeria em parte do uso correto destes nomes nos mapas geográficos, nas mídias sociais e nos documentos jurídicos. A partir das recomendações feitas pelas Nações Unidas, entende-se que para os Estados que utilizam o alfabeto latino, deve-se utilizar a nomenclatura oficial publicada pelo Estado em questão, respeitando fielmente os signos diacríticos.

Para os Estados que possuem outros sistemas de escrita, recorre-se ao uso do sistema oficial de transliteração destes Estados, caso exista, ou, a uma ortografia internacional reconhecida pelo Estado em questão. No entanto, alguns países como a Suíça possuem várias línguas oficiais e no cerne de um mesmo país podem conviver diferentes minorias regionais que possuam suas próprias línguas, o que é, por exemplo, o caso da minoria eslovena na Caríntia. Por fim, quando a língua nacional não é representada pelo alfabeto latino, voltamos aos problemas mencionados anteriormente, relativos à transcrição ou à transliteração. Ainda assim, como as cidades fazem parte do território de um Estado e as Nações Unidas estipulam regras em função dos Estados, não são normalmente esses topônimos que causam problemas, mas principalmente as zonas geográficas divididas entre os Estados, como montanhas e rios. Um exemplo citado frequentemente é o do *Danube* (em tradução, *Danúbio*), rio europeu que tem os nomes de *Donau* na Alemanha e na Áustria, *Duna* na Húngria, *Dunav* na Croácia, Iugoslávia e Bulgária, *Dunărea* na Romênia e *Dunaj* na Ucrânia. Será que a representação do rio em um mapa deve sofrer alteração de nome a cada mudança de costa ou passagem de fronteira? Deve-se renunciar aos exônimos para ser politicamente correto, escolha editorial feita em alguns atlas, como o *Grosser Atlas der Welt* publicado por Bechtermünz Verlag, escolha que também está de acordo com os princípios das Nações Unidas. Mas será que tal escolha está de acordo com a prática linguística?

2.2. O GENUNG francófono, vetor de uniformização para o francês

A Divisão francófona do GENUNGⁱⁱ foi criada durante a 7ª Conferência sobre a padronização de nomes geográficos realizada em Nova Iorque em janeiro de 1998. Durante essa conferência, diversos países dentro eles a Bélgica, o Benim, os Camarões, o Canadá, a Costa do Marfim, a França, o Laos, Luxemburgo, o Mali, Mônaco, a

Romênia e a Suíça declararam apoio ao projeto cujo um dos principais objetivos era de fazer com que os especialistas dos países avançados quanto à padronização de nomes geográficos, pudessem servir ao conjunto da comunidade francófona, e, que os países que não tinham ainda estruturas toponímicas nacionais descobrissem no centro desta divisão um espaço apropriado para a expressão de suas necessidades específicas. O secretariado provisório da Divisão é ligado à Comissão de toponímia do Instituto Geográfico Nacional Francês. O GENUNG trabalha principalmente com a romanização de nomes geográficos escritos em outros alfabetos, com a formação em toponímia dos países que a desejam, com a organização de repertórios de nomes geográficos nos países envolvidos assim como trabalha uma metodologia para a coleta de nomes geográficos.

Mesmo que trabalhando em parceria com a Comissão de toponímia do Instituto Geográfico Francês, a Divisão Francófona do GENUNG se ocupa na realidade apenas de endônimos ou topônimos autóctones. O tratamento dos topônimos estrangeiros para o uso em francês até hoje não é objeto de uma padronização nacional, com a exceção dos nomes de países, capitais e habitantes cujas formas francesas oficiais foram instituídas pelo Ministério das Relações Exteriores em um documento de junho de 1995, ainda em revisão. Enquanto organismo administrativo, o IGN deve se conformar com essa lista. Para uma pequena parte da toponímia mundial o francês possui exônimos, isto é, formas francesas, consagradas pelo uso, de nomes estrangeiros. Esses exônimos foram integrados à língua francesa após diversos processos que geraram um conjunto extremamente heterogêneo e sem lógica interna. Assim, a partir de um nome único russo transliterado como *Moskva*, têm-se em francês dois nomes diferentes, *Moscou* para a capital da Rússia e *Moskova* para o rio que percorre a cidade.

Junto a essa diversidade está o problema das línguas não escritas, ou escritas em sistemas não latinos (árabe, chinês, cirílico, grego, etc.). Os primeiros requerem sistemas de transcrição com base na pronúncia da língua de origem; os segundos requerem sistemas de transliteração, que estabelecem correspondências entre os signos gráficos da escrita de origem e o alfabeto latino. Para o estabelecimento de um dicionário de topônimos bilíngue e, *a fortiori*, multilíngue, o redator encara a existência de duas ou mais variantes para um mesmo topônimo em cada língua. Como uma tradução não pode satisfazer soluções de reparação é preciso fazer uma escolha, sabendo que ela pode ser contestada dependendo de cada grupo.

2.3. O StAGN, vetor de uniformização do alemão

O StAGN (Ständiger Ausschuss für Geographische Namen = Comitê permanente para os nomes geográficos) é o correspondente da Divisão Francófona do GENUNG. Ele trabalha com a uniformização do emprego oficial e privado de nomes geográficos no domínio germânico através da edição de repertórios, seguindo as diretrizes das Nações Unidas, e como consequência, tem-se a elaboração de uma lista de exônimosⁱⁱⁱ. O StAGN, como instituição alemã, trabalha também em colaboração com instituições austríacas e suíças visando obter uma padronização no mundo germânico. Porém, esse não é o caso do emprego da letra « ß ». A lista de exônimos de origem francesa publicada pelo StANG é curta suficiente para ser exibida aqui.

Deutsches Exonym	Endonym	Objekt
Burgund	Bourgogne	Gebiet
Diedenhofen	Thionville	Stadt
Dünkirchen	Dunkerque	Stadt
Elsass	Alsace	Gebiet
Flandern	Flandre	Gebiet
Genfer See	Lac Léman Le Léman, Lac de Genève	See
Gesellschaftsinseln	Îles de la Société	Inseln
Grosser Belchen [CH], Großer Belchen [AT, DE] Sulzer Belchen	Grand Ballon Ballon de Guebwiller	Berg
Hagenau	Haguenau	Stadt
Hennegau	Hainaut	Gebiet
Korsika	Corse	Insel
Lothringen	Lorraine	Gebiet
Maas	Meuse	Fluss
Mülhausen	Mulhouse	Stadt
Neukaledonien	Nouvelle-Calédonie	Insel
Nizza	Nice	Stadt
Pyrenäen	Pyrénées	Gebirge
Saarburg	Sarrebourg	Stadt
Saargemünd	Sarreguemines	Stadt
Savoyen	Savoie	Gebiet
Schelde	Escaut	Fluss
Schlettstadt	Sélestat	Stadt
Strassburg [CH], Straßburg [AT, DE]	Strasbourg	Stadt
Vogesen	Vosges	Gebirge
Weissenburg [CH], Weißenburg [AT, DE]	Wissembourg	Stadt
Zabern	Saverne	Stadt
Zentralmassiv, Zentralplateau	Massif central	Gebirge

Tendo em vista o passado em comum e zonas controladas em um dado momento da história, pode-se considerar que se trata de uma lista muito reduzida. Percebe-se que alguns topônimos registrados nessa lista não são próximos a um Estado alemão.

2.4. O fardo da história na tradução de topônimos

Certamente, a denominação de um topônimo não é politicamente neutra, como mostra o caso da grande quantidade de vilas desbatizadas nos países do antigo bloco soviético ou na antiga Prússia oriental após as duas guerras mundiais. Isso se deve ao fato de que os lugares sofrem uma influência que pode ser classificada como “fardo da história”: ou o lugar muda de nacionalidade e de língua, ou ele mantém laços históricos fortes com uma determinada cultura. A tradução é uma apropriação e os povos se apropriam dos nomes de lugares de sua história. O uso mais frequente de um topônimo no lugar de outro que designa o mesmo lugar não é aleatório. Isso reflete uma época, uma maneira de pensar e de representar o lugar e seus habitantes, e, por vezes, até mesmo um evento. A *Bérézina*, afluente do *Dniepr*, se tornou sinônimo de fracasso catastrófico em francês; *Stalingrad*, nome dado de 1925 a 1961 para a cidade de *Volgograd* é marcado pelo período do estalinismo. *Auschwitz* ou *Theresienstadt* não têm as mesmas conotações ou semas aferentes que *O wi cim* ou *Terezín*, cidades da Polônia e da República Tcheca. Seja qual for o uso, é importante jamais perder de vista o conteúdo histórico do topônimo; é aí que está o limite do tratamento sincrônico em uma base de dados lexical.

As conquistas de territórios e a dimensão centrífuga do jacobinismo tiveram repercussões linguísticas nas regiões germânicas do leste da França. O problema das autoridades centrais foi durante muito tempo, pode-se dizer que até a descolonização, de dar formas ou consonâncias francesas aos nomes próprios. No caso alsaciano, como destaca Solange Wydmusch (1998) :

Todos os lugares cujas terminações são *weiler* se tornaram *willer* ou *viller*. Nos mapas do geógrafo Cassini de 1812, Hangweiler se tornou Hangwiller. Porém, existem exceções como Weiler, próximo a Wissembourg. Os nomes terminados em *burg* se tornaram *bourg*, assim como Lauterbourg, Eschbourg [...] (WYDMUSCH, 1998, p. 78)

Assim o menciona Meininger (1986) em seu excelente *Dictionnaire des toponymes et des vieux termes mulhousiens* (Dicionário de topônimos e de termos antigos da cidade de Mulhouse), as variantes *Wilre*, *Wiler* ou *Weiler* significam cidade em alsaciano, uma raiz que encontra-se também no patoá franco-condês nos topônimos terminados em *villers* como *Indevillers*, *Fessevillers* ou *Burnevillers* em *Haut-Doubs*. O afrancesamento, que é utilizado atualmente nas regiões de línguas regionais como a Alsácia, faz com que alguns topônimos, como os nomes de ruas, apareçam nas duas línguas. Isso retoma a fantasia antiga de pessoas encarregadas do afrancesamento de nomes. Constata-se também que quando os nomes de ruas foram traduzidos nas grandes cidades da Alsácia como *Mulhouse*, não foi sempre de maneira sistemática. Se *die Wilde Manngasse* se transformou em *rue du Sauvage*, *die Beckengasse* em *rue des Boulangers*, já *die breite Strasse* foi rebatizada de *rue Engelmann*, nome do gravador de *Mulhouse* que trouxe a litografia para a França. Em geral, os nomes de monumentos como *Bollwerkthurm* = *tour du bastion*¹⁶ foram fielmente traduzidos. Para esses exemplos sintomáticos, deve-se insistir no fato de que mesmo que as formas germânicas sejam anteriores às francesas, elas não são reutilizáveis em uma tradução do francês para o alemão, sobre o risco de serem taxadas de pangermanismo. O uso distingue, no entanto, os nomes de ruas que não são traduzidos, como a *rue du Sauvage* que se tornou *die rue du Sauvage*, e os nomes de monumentos que são muitas vezes traduzidos, como o *le Haut-Kœnigsbourg* que voltou a ser *der Hochkönigsburg*. Quanto aos nomes de cidades, cabe-se usar como referência a lista de exônimos do StAGN que foi exibida anteriormente.

Ao contrário do que aconteceu entre a França e a Alemanha, a Suíça resolveu de maneira mais equilibrada sua situação de quadrilinguismo. É na verdade, o único país europeu além da Finlândia, a tolerar o uso de diferentes formas dos topônimos, que são resultados da pluralidade de línguas oficiais, de maneira oficial e sem fazer distinção entre elas. No caso da Bélgica, país trilingue, a situação é um pouco mais delicada, e contrariamente à Suíça, apenas os topônimos usados na própria região são empregados de maneira oficial, o que não impede um grande número de traduções de todos os lados da fronteira neerlandês-francesa. Por fim, é preciso entender que os espaços francófonos e germânicos são parcialmente constituídos de maneira dependente ao longo da história; o que supõe conquistas e reconquistas em um substrato de origem comum. É esta

¹⁶ Torre do bastão.

tradição histórica e uma forte interpenetração cultural que explica a sobrevivência de exônimos bastante numerosos.

3. Quais são as informações que devem constar em um dicionário eletrônico bilíngue de topônimos?

Na base de dados lexicais *Prolex*, escolhemos incluir certa quantidade de informações permitindo não somente referenciar a unidade lexical em uma ótica de tratamento automático, mas também dar informações de natureza semântica.

3.1. Gênero e número

Os topônimos estão, na maioria dos casos, no singular, mas algumas vezes também aparecem no plural. Contrariamente ao caso de outros nomes próprios, uma forma exclui a outra, o que quer dizer que um topônimo no singular não tem plural e que um topônimo no plural não tem singular:

die Rhone (f) = le Rhône (m);

die Seychellen (fpl) = les Seychelles (fpl) ;

der Balkan (m) = les Balkans (mpl) ;

Paris (n) = Paris (mf).

3.2. Flexão casual

Para as línguas eslavas, o número de formas flexionadas de um nome próprio pode chegar a dezenas. A flexão casual no alemão, na maioria dos casos, se refere apenas a forma do genitivo singular e somente para os topônimos masculinos e neutros. Para os nomes de edifícios, no entanto, é sempre diferente; *Weißes Haus* assume flexões casuais de seus compostos.

	Masculino singular	Neutro singular
Nominativo	<i>der Balkan</i>	<i>das Karwendel</i>
Acusativo	<i>den Balkan</i>	<i>den Karwendel</i>
Genitivo	<i>des Balkans</i>	<i>des Karwendels</i>
Dativo	<i>dem Balkan</i>	<i>dem Karwendel</i>

Nota-se que a flexão constitui um caso privilegiado de apropriação na medida em que se aplica sobre um exônimo a estrutura gramatical da língua de chegada. O francês trata os nomes de ruas alemãs pelo uso invariável da forma do nominativo (*Er wohnt in der Alten Bergstrasse* = *Il habite dans la Alte Bergstrasse*¹⁷), neutralizando assim as flexões casuais.

Por outro lado, o alemão inclui se necessário uma flexão casual de um nome "emprestado", alterando até mesmo sua substância (*le sommet du Mont Blanc*¹⁸ = *der Gipfel des Montblancs*).

3.3 Determinação

A presença de um artigo acompanhando o topônimo não é algo raro, apesar de que isso falha em distinguir o tipo de nome próprio: poucos nomes de cidades são acompanhados de um artigo (Den Haag = La Haye), enquanto o artigo é necessário para todos os nomes de cursos d'água (die Etsch = l'Adige). Nota-se que a determinação pode estar presente em alemão e não em francês e vice e versa.

Sachsen = *la* Saxe¹⁹

der Saturn = *Saturne*²⁰

3.4. Tipo

A atribuição à tipologia *Prolex* apresentada no começo deste artigo permite não somente levantar problemas de polissemia (Paris #cidade *versus* Paris #personagem místico), mas permite também a tokenização pertinente (*der Roter Main* #hidrônimo da forma NPR [Nome próprio composto] e não ADJ NPR [Adjetivo Nome próprio]). Em segundo lugar, a indicação do tipo permite uma categorização útil para a tradução humana *der Spargel* (prédio em Frankfurt), sabendo que a definição enciclopédica é muitas vezes supérflua para a compreensão do contexto.

3.5. Variantes ortográficas

¹⁷ Ele mora na região Alte Bergstrasse.

¹⁸ A cima do Mont Blanc.

¹⁹ A Saxônia

²⁰ Saturno.

Infelizmente para o tratamento automático, o francês apresenta uma grande disparidade quanto à ortografia de nomes próprios compostos de acordo com diferentes dicionários (Mathieu-Colas, 1998). Levar em conta as variantes ortográficas é indispensável para qualquer reconhecimento. Em informática, um caractere em maiúsculo não tem o mesmo valor que um signo em minúsculo. Segundo os dicionários, coexistem de maneira indiferente *Place Rouge*, *place Rouge* ou *Place rouge*.

Alguns dicionários franceses chegam até mesmo a utilizar signos diacríticos inusitados em francês, como é caso de *Wrocław* escrito no *Le Petit Larousse* em um CD-ROM com a letra “l” traçada.

Entretanto, a ortografia pode ter um valor discriminante, como é o caso de *Pas-de-Calais* (departamento francês) que não é o *pas de Calais* (estreito).

Em um dicionário ou em uma tradução, é necessário tomar partido para uma solução coerente. Observa-se que o alemão é, especialmente após a reforma ortográfica, muito mais rigoroso quanto à utilização da letra maiúscula nos nomes compostos.

3.6. Definição do sumário

Em uma entrada do *Prolex*, a definição não aparece dessa maneira, mas na forma de relações e expansões. Desta forma, em um texto informatizado em alemão, existe a grande possibilidade de se encontrar *Stadt* = *cidade*, próximo a *Erlau* = *Eger*. As co-ocorrências mais prováveis são listadas na tabela de expansões e será para o tipo #cidade a palavra *Stadt* em alemão. Por outro lado, a cidade *Erlau* é religada por uma relação merônima (parte pelo todo) à *Ungarn* = *Hongrie* (Hungria). A partir da expansão e da relação é possível formar uma definição automática como *die Etsch* = *l'Adige* (curso d'água na Itália).

Conclusão

Os topônimos estrangeiros estão longe de serem tratados homogeneamente nos atlas, dicionários enciclopédicos e outros meios em que aparecem. Certamente, a tendência é deixar o topônimo de maneira parecida com a forma da língua fonte, mas existem diversas exceções relativas à sincronia ou à diacronia.

REFERÊNCIAS

MALBLANC, A. **Stylistique comparée du français et de l'allemand**. Paris, Didier, 1968.

MATHIEU-COLAS, M. **La majuscule flottante – Remarques sur l'orthographe des noms propres composés**. Besançon, Presses universitaires franc-comtoises, 1998.

MEININGER, E. **Dictionnaire des toponymes et des vieux termes mulhousiens**. Steinbrunn-le-Haut, Éditions du Rhin, 1986.

PITON, O; GRASS, T; MAUREL, D. **Linguistic resource for NLP. Ask for 'Die Drei Musketiere' and meet 'Les Trois Mousquetaires'**. 2003

WYDMUSCH, S. **La toponymie, un patrimoine à préserver**. Paris, L'Harmattan, 1998.

ⁱ Apresentação de nomes locativos, estudo interno do Laboratório de Linguística Informática (UMR 7547 do Centro Nacional de Pesquisa Científica - CNRS).

ⁱⁱ Acesso pelo site: <http://www.divisionfrancophone.org/>

ⁱⁱⁱ A lista de exônimos publicada pelo StAGn está acessível pelo site: <http://www.bkg.bund.de/Kartographie/Stagn/Exonymenliste.pdf>.

2. Tabelas de unidades de tradução

Tabela 1

UNIDADES TERMINOLÓGICAS		
UNIDADE	TRADUÇÃO	COMENTÁRIOS
toponymes	Topônimos	<p>LINGUISTIQUE</p> <p>A. – Ensemble, système formé par les noms de lieux d'une région ou d'une langue.</p> <p>Fonte : http://www.cnrtl.fr/definition/toponymie</p> <p>Nome próprio de um lugar como rio, cidade, povoação, país etc.</p> <p>Fonte: http://www.aulete.com.br/top%C3%B4nimo</p> <p>Não é demais lembrar que a Toponímia é uma disciplina vinculada às ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia – que tem exigido dos pesquisadores a formulação de modelos específicos taxionomias para o estudo do topônimo</p> <p>Fonte: Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 217-243, 2017</p>
onomastique	Onomástico	<p>1. Ref. aos nomes próprios.</p> <p>2. Em que estão listados nomes de pessoas (índice onomástico).</p> <p>Fonte: http://www.aulete.com.br/onomastico</p> <p>L'étude qui s'occupe de l'analyse et de l'étude du nom propre et qui englobe toutes les catégories du nom propre est l'onomastique. Au sein de cette étude on distingue l'anthroponymie qui est une étude de noms propres de personnes, la toponymie qui est une étude des noms propres de lieux et la chrématonymie qui est une étude de noms propres de tous les objets créés par l'homme.</p> <p>Fonte : Statut du Nom propre – l'exemple d'études contrastives de toponymes », dans Les Aspects sémantiques et formels dans les recherches linguistiques, Wydawnictwo Uniwersytetu w Białymstoku, Białystok, 2013, pp. 179-186.</p>
morphosyntaxique	Morfossintaxe	<p>(mor.fos.sin.ta.xe) [ss] Gram. Ling. sf.</p> <p>1. Parte da gramática que estuda as categorias gramaticais segundo critérios oriundos da morfologia e da sintaxe</p> <p>2. Estrutura linguística que engloba a morfologia (estudo das formas) e a sintaxe (estudo das relações combinatórias entre as palavras num sintagma e/ou numa frase)</p>

		Fonte: http://www.aulete.com.br/morfossintaxe
exonymes	exônimos	<p>Les notions fondamentales dans la toponymie synchronique contrastive sont les termes suivants : endonyme – pour le nom propre de lieux dans la langue d’origine ; exonyme – pour le nom propre de lieu dans une langue étrangère, situé hors du territoire où cette langue est parlée (et diffère de la forme originale dans sa forme écrite comme orale) ; exonymisation – qui est un procédé de création des exonymes dans une langue étrangère. Les critères pour distinguer un exonyme d’un endonyme sont assez controversés.</p> <p>Fonte: Statut du Nom propre – l'exemple d'études contrastives de toponymes », dans Les Aspects sémantiques et formels dans les recherches linguistiques, Wydawnictwo Uniwersytetu w Białymstoku, Białystok, 2013, pp. 179-186</p>
méronymes	merônimo	<p>merônimo me·rô·ni·mo sm LING Palavra cujo significado é expresso por uma parte do significado total de outra palavra.</p> <p>Fonte: http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Md7b8</p>
hypéronyme	hipernonímia	<p>Hiperonímia (processo em que, primeiramente, faz-se uso do termo mais abrangente, que depois, é retomado por um termo mais específico).</p> <p>Fonte: http://www.dle.uem.br/conali2013/trabalhos/154t.pdf</p>
contenant-contenu	Oposição dinâmica	<p>contenant-contenu</p> <p>nm (psychanalyse) rapport d'opposition dynamique</p> <p>Fonte: http://dictionnaire.reverso.net/francais-definition/contenant-contenu</p> <p>A relação “contentor-conteúdo” se tornou clara e evidente. Foi o suporte para o desenvolvimento e aprofundamento do método das cadeias. “Contentor musculoesquelético e conteúdo visceral”.</p> <p>Fonte: http://www.blogfisiobrasil.com.br/2015/05/as-cadeias-fisiologicas.html</p> <p>Ela é relacional e perspectiva, estabelecida na oposição dinâmica de sua configuração a uma ou a diversas outras que contra ele se batem.</p> <p>Fonte: https://books.google.com.br/books?isbn=8574197297</p>
Léxico-syntaxiques	Léxico-	

	sintáticos	
diachronique	diacrônico	<p>Classificação: <u>Linguística</u> <u>Histórica</u></p> <p>Equivalentes: Inglês: diachrony</p> <p>Francês diachroni : e</p> <p>Termos Relacionados: <u>sincronia</u></p> <p>Definição: Dá-se o nome de diacronia ao carácter dos factos linguísticos considerados na sua evolução através do tempo ou disciplina que se ocupa do seu estudo (linguística diacrônica). A diacronia pode ainda ser encarada como uma sucessão de sincronias.</p> <p>Fonte: http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=780</p>
hydronymes	hidrônimos	<p>hidrônimo hi·drô·ni·mo sm Nome próprio de cursos de água, oceanos etc.</p> <p>Fonte: http://michaelis.uol.com.br/busca?id=WoVny</p>
géonymes	geônimo	<p>geônimo ge·ô·ni·mo sm GEOGR Denominação comum de qualquer acidente geográfico.</p> <p>Fonte: http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=ge%C3%B4nimo</p>
translation	translação	<p>Neste sentido, revela-se a não necessária contiguidade entre topônimo original e novo elemento geográfico, no caso de processos de translação toponímica.</p> <p>Fonte: DI TIZIO, Iberê Luiz. Santo André. A causa toponímica na denominação dos seus bairros. São Paulo, 2009.</p>
transcrit	transcrito	<p>Via de regra, “transcrição” é o nome dado ao processo pelo qual registram-se sons lingüísticos de uma língua por meio de símbolos escritos pautados num conjunto de regras padronizadas, com a finalidade de serem reproduzidos os mesmos sons em etapa posterior à de sua codificação escrita.</p>

		Fonte: JUBRAN, Safa Abou-Chahla. Para uma Romanização Padronizada de Termos Árabes em Textos de Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo, 2004.
translittéré	transliterado	Dá-se o nome de “transliteração” ao recurso utilizado para registrar, graficamente, e a princípio letra por letra, um termo de uma língua (que usa determinado sistema de escrita) com elementos de outro sistema de escrita. Fonte: JUBRAN, Safa Abou-Chahla. Para uma Romanização Padronizada de Termos Árabes em Textos de Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo, 2004.
langue cible	Língua alvo	
emprunt	empréstimo	L'emprunt L'« emprunt » consiste en l'utilisation d'un terme étranger dans la traduction. Fonte: Franjié, Lynne. La Traduction dans les dictionnaires bilingues. Editions Le Manuscrit, Paris. Estrangeirismo – é o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Empréstimo - Fonte: BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. Rio de Janeiro, 2009.
Langue source	Língua fonte	
translittération	transliteração	I transliteration Ftranslittération Classificação: Terminologia Definição: Representação dos caracteres de um sistema de escrita alfabética pelos caracteres de um outro sistema. Fonte: NORMALISATION FRANÇAISE (1990). Fonte: https://pt.scribd.com/doc/116306579/Dicionario-de-termos-linguisticos-1
transcription	transcrição	
signe	signo	Classificação: <u>Termos Gerais</u> Equivalentes: Inglês: sign Francês sign : e Termos <u>significado</u> Relacionados: <u>significante</u> Definição: Na terminologia de Ferdinand de Saussure, o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces, a imagem acústica e o conceito, ou mais precisamente o significante e o significado, que se encontram ligadas e se

		<p>postulam uma à outra. A sua principal característica é a arbitrariedade, i.e., não há nada no signo que determine a ligação do significante ao significado, essa ligação é imotivada. Para além disso, a sua existência é condicionada pela dos outros signos com os quais estabelece uma relação de interdependência ao nível dos seus dois elementos constituintes.</p> <p>Fonte: http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=2402</p>
norme graphique endogène	Norma gráfica endógena	
graphèmes	grafemas	<p>Classificação: Filologia</p> <p>Equivalentes: Inglês: grapheme Francês: graphème</p> <p>Termos Relacionados: grafo</p> <p>Definição: Unidade mínima, discreta, do sistema da escrita; compõe-se de um feixe de traços gráficos distintivos.</p> <p>Fonte: http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=522</p>
calque	decalque	<p>Classificação: <u>Sociolinguística; Linguística Histórica</u></p> <p>Equivalentes: Inglês: calque Francês: calque</p> <p>Termos Sinónimos: <u>calco</u> <u>decalque</u></p> <p>Termos Relacionados: <u>empréstimo lexical</u></p> <p>Definição: Caso de empréstimo lexical que se apresenta como uma importação do significado e da estrutura de uma forma estrangeira através de uma combinação original de elementos nativos.</p> <p>Fonte: http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=1997</p>

adaptation	Adaptação	
Appropriation linguistique	Apropriação linguística	
signes diacritiques	Signos diacríticos	<p>Qui sert à distinguer.</p> <p>A.– ORTH. Signe diacritique. (Signe) qui est ajouté à une lettre de l'alphabet pour en modifier la prononciation. [En chinois] l'accroissement des homonymes a obligé les locuteurs à introduire dans leur langue les éléments différentiels des homophones (...) [et] l'écriture ne rend aucun compte de ces signes diacritiques oraux (Langage, Alarcos-Llorach, 1968, p. 530).</p> <p>Fonte: http://www.cnrtl.fr/definition/diacritique</p>
toponymes autochtones	Topônimos nativos	<p>8 synonymes</p> <p><u>aborigène</u>, <u>habitant</u>, <u>indigène</u>, <u>local</u>, <u>natif</u>, <u>naturel</u>, <u>originai</u> <u>re</u>, <u>ressortissant</u></p> <p>Fonte: http://www.crisco.unicaen.fr/des/synonymes/autochtone</p>
traitement synchronique	Tratamento sincrônico	
francisation	Afrancesar	<p>vtd</p> <p>2 Dar aspecto de francês a: Cristina afrancesou a decoração da cas</p> <p>Fonte: http://michaelis.uol.com.br/busca?id=NGqN</p>
lithographie	litografia	
quadrilinguisme	quadrilinguismo	
Langue d'accueil	Língua de acolho/chegada	
synchronie	Sincronia	<p>dans l'approche synchronique l'intérêt est porté sur l'état actuel des toponymes, les propriétés syntaxiques dans le discours ou leur syntaxe interne. C'est pour cela qu'on divise les toponymes en simples et composés; et dans les derniers, on distingue les éléments déterminants et déterminés, du point de vue de la morphologie et transparents et opaques du point de vue de la sémantique.</p> <p>Une approche assez récente complètement à l'opposé de ce qu'on connaît traditionnellement, est l'approche synchronique qui ne s'intéresse plus à l'étymologie des toponymes, mais à leur structure interne, à leurs propriétés syntaxiques et à leur normalisation.</p> <p>Fonte : Statut du Nom propre – l'exemple d'études contrastives de toponymes », dans Les Aspects sémantiques et formels dans les recherches linguistiques, Wydawnictwo Uniwersytetu w Białymstoku, Białystok, 2013, pp. 179-186.</p>

Tabela 2

UNIDADES LEXICAIS

UNIDADE	TRADUÇÃO	COMENTÁRIOS
“poids de l’histoire”	Fardo da história/passado	<p>Peso da história</p> <p>Peso = fardo</p> <p>« Caractère, effet de ce qui pèse psychologiquement, socialement ; ce qui est dur à supporter : Le poids des années. »</p> <p>Fonte : http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/poids/61976#QozRwuMlz06YAeKX.99</p>
soi-disant	supostamente	<p>« Qui prétend être tel : Untel, soi-disant héritier. »</p> <p>Fonte : http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/soi-disant/73221#s28rCzXjVL1v4bp4.99</p> <p>– Adj. inv. Qui passe pour ce qu'il n'est pas. Synon. apparent, censé, présumé, prétendu</p> <p>Fonte: http://www.cnrtl.fr/definition/soi-disant</p>
égide	proteção	<p>Au fig. Protection, sauvegarde.</p> <p>Fonte: http://www.cnrtl.fr/definition/%C3%A9gide</p>
Chinois de Königsberg	Chinês de Königsberg	<p>E aqui podemos encontrar, para nosso espanto, a oportunidade adequada para um paralelo com o exemplo de Kant – do filósofo que Nietzsche injustamente considerava um antípoda de Schopenhauer, e a quem alcunhou o “chinês de Königsberg”, numa referência a seu talento inexcusável para operário da filosofia.</p> <p>Fonte: revistas.ufpr.br/doiPontos/article/download/1962/1628</p>
Chinois de Kaliningrad	Chinês de Kaliningrado	<p>Kaliningrado, Caliningrado ou Calinegrado é a capital da província russa homônima, exclave russo entre a Polónia e a Lituânia, à beira do Mar Báltico.</p> <p>Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Kaliningrado</p>
tracés	Definidos, traçados	<p>– Au fig. Défini, fixé; dont les détails sont calculés, indiqués d'avance.</p> <p>Fonte: http://www.cnrtl.fr/definition/trac%C3%A9s</p>
l’Atlantide engloutie	A Antlântida afundada	<p>Atlântida ou Atlantis é uma lendária ilha ou continente. Localizada “para lá das Colunas de Hércules”, nos contos de Platão, Atlântida era uma potência naval, que anos antes da era de Solon, ou seja, aproximadamente 9600 a.C., conquistou boa parte da Europa Ocidental e África. Segundo os contos,</p>

		<p>Atlântida afundou ...</p> <p>Fonte: https://www.estadosecapitaisdobrasil.com/duvidas/o-que-foi-atlantida-ou-atlantis/ </p>
Quartiers, voies et places	Bairros, vias e praças	
étendues d'eau	Corpos de água	<p>Massas de água ; corpos de água; extensões de água</p> <p>Fonte: http://www.reverso.net/translationresults.aspx?lang=FR&direction=français-portugais </p>
les plaines, les plateaux, les courants marins	As planícies, os planaltos e as correntes marítimas.	<p>Plain Vieilli. Qui est plat, uni, sans relief.</p> <p>Fonte : http://www.cnrtl.fr/definition/plaine </p> <p>Plateaux – Surface plane et peu épaisse de quelque chose; ce qui constitue une telle surface. Fonte : http://www.cnrtl.fr/definition/plateaux </p> <p>Planície e planalto</p> <p>La plaine et le plateau sont tout deux des étendues planes. Dans les plaines, les rivières et les fleuves coulent lentement dans de larges vallées ; Sur les plateaux, les rivières et les fleuves coulent dans des vallées creusées dans les roches.</p> <p>Fonte : http://tnfrance.tableau-noir.net/pages/plaines_plateaux_france.html</p> <p>Planalto-É a superfície irregular com altitude acima de 300 m .É produto de processos erosivos sobre as rochas cristalinas,também conhecidas como metamórficas ou sedimentares.</p> <p>Planície-É a superfície mais plana com até 100 m de altitude.</p> <p>Fonte: http://www.portalamazonia.com.br/amazoniadeaz/inter-na.php?id=820 </p>
selon que le nom propre reste inchangé,	Desde que o nome próprio não seja alterado	
empruntée		Emprestada ?

sens strict	Stricto sensu	sentido stricto ; stricto sensu ; sentido estrito Expressão do latim.
norme ISO	Normas da Organização Internacional para Padronização	l'Organisation internationale de normalisation. A ISO (Organização Internacional para Padronização) é uma organização não governamental formada por diversas entidades em vários países do mundo que realizam o trabalho de definir, divulgar e aprovar normas técnicas. Fonte: https://www.normastecnicas.com/iso/o-que-e-iso/
pallier	paliar	– Dissimuler, faire excuser (une faute, une chose fâcheuse) en présentant sous un jour favorable, en mettant en avant un élément positif. Fonte : http://www.cnrtl.fr/definition/pallier 1. Aliviar momentaneamente, tornar menos intenso; MITIGAR; ATENUAR: "...consequia paliar as revoltas da amante." (Aluísio de Azevedo, Casa de pensão)) 2. Revestir de falsas aparências; ENCOBRIR; DISFAÇAR; MAQUIAR: Isabel paliava sua timidez contando anedotas. Fonte: http://www.aulete.com.br/paliar
Étendues de terre	Area de terra	Extensões de terra ; área de terra Área de terra tem maior ocorrência no google.
on se heurte aux problèmes évoqués précédemment relatifs à la transcription ou à la translittération	Entramos em conflito com	b) Emploi factitif. Heurter qqc. à, contre qqc.Faire entrer en contact avec. S'entrechoquer. Toucher, entrer en contact avec (plus ou moins brutalement, et généralement de façon non intentionnelle). Fonte: http://www.cnrtl.fr/definition/heurter
vecteur d'uniformisation pour le français	Vetor de uniformização para o francês	Vetor Vecteur 5 synonymes <u>axe</u> , <u>direction</u> , <u>facteur-trice</u> , <u>tenseur</u> , <u>transmetteur</u> Fonte : http://www.crisco.unicaen.fr/des/synonymes/vecteur
est sis	Está/é situado	I. – Part. passé de seoir*.

		<p>II. – Adj., DR. ou littér. Situé (en tel lieu).</p> <p>Fonte : http://www.cnrtl.fr/definition/sis</p>
la mise sur pied de répertoires	A construção/criação/organização de repertórios	<p>Mettre sur pied</p> <p>Action de construire, créer. Synonyme : constituer, mettre en place. Traduction anglais : to get something on its feet. Cette expression signifie aussi : fait d'organiser, constituer, c'est-à-dire élaborer, installer, structurer, programmer un projet du début à la fin.</p> <p>http://www.linternaute.com/expression/langue-francaise/19699/mettre-sur-pied/</p>
À cette diversité vient s'ajouter le problème des langues non écrites	<p>Junta-se a esta diversidade o problema das línguas não escritas.</p> <p>Junto a esta diversidade vem/está o problema das línguas não escritas.</p>	Estrutura
a fortiori	a fortiori	<p>A FORTIORI (diga /a forcióri/) é o início de uma expressão latina — a fortioriratione — que significa “por causa de uma razão mais forte”, ou seja, “com muito mais razão”.</p> <p>Fonte: sualingua.com.br/2009/05/05/a-fortiori/</p>
germanophone	Alemão	
est suffisamment courte pour trouver sa place ici.	é muito curta para ter espaço aqui.	
En regard du passé commun	<p>Por causa do passado comum</p> <p>Tendo em vista o passado comum</p>	<p>en regard de, qui signifie « en vis-à-vis de, en face de »</p> <p>Fonte : http://www.academie-francaise.fr/en-regard-de-au-sens-dau-regard-de</p>
débaptisées	desbatizadas	<p>Desbatizar ?</p> <p>v. tr. tirar a graça do batismo (a alguém), excomungar: Permito-te que o tentes; se logreres caçá-lo, desbatiza-o e inferna-o muito embora. (Castilho.) Tirar ou mudar o nome de batismo a. -, v. pr.perder</p>

		<p>ou mudar o nome de batismo: Um adepto que... não se desbatizasse do seu nome de batismo. (Herc.)</p> <p>Fonte: http://www.aulete.com.br/desbatizar</p>
patois franc-comtois	Patoá Franco-condês	<p>Franc-comtois = de Franche-Comté</p> <p>Franco-Condado – sites portuguesas</p> <p>Franco-condês</p>
mulhousien	Da cidade de Mulhouse	<p>Employé comme adjectif relatif à Mulhouse dans le Haut-Rhin</p> <p>Employé comme nom originaire ou habitant de cette ville</p> <p>Fonte : https://www.universalis.fr/dictionnaire/mulhousien/</p>
sous peine de se faire taxer de pangermanisme	<p>Sobre risco de ser taxado de pangermanismo</p> <p>Correndo/corre o risco de ser taxado/rotulado de pangermanismo</p>	<p><u>Sous risque de</u>, <u>sous menace de</u></p> <p>Fonte: http://www.linternaute.fr/dictionnaire/fr/definition/sous-peine-de/</p>
l'un aux dépens de l'autre	Um às custas do outro	<p>A. – Emploi subst. Frais à la charge de quelqu'un.</p> <p>Fonte: http://www.cnrtl.fr/definition/d%C3%A9pens</p>
plaque	Chapa	<p>I. – Élément ou objet de surface plane, peu épais, faisant ou non partie d'un ensemble.</p> <p>A. – Matériau se présentant sous forme de feuilles plus ou moins épaisses, peu ou pas travaillées et dont l'utilisation n'est pas toujours définie au départ.</p> <p>Fonte : http://www.cnrtl.fr/definition/plaque</p>
rattachement	Juntar/anexar/atribuir	<p>6 synonymes <u>adjonction</u>, <u>affiliation</u>, <u>annexion</u>, <u>incorporation</u>, <u>rabattement</u>, <u>réunion</u></p> <p>Fonte : http://www.crisco.unicaen.fr/des/synonymes/rattachement</p>
tokénisation		<p>Tokenização ? Toquenização ?</p> <p>Textos são geralmente representados em computadores por meio de arquivos que contêm uma sequência potencialmente longa de caracteres. Para a maioria dos tipos de processamento lingüístico é necessário identificar e categorizar as palavras de um texto. Esta se revela uma tarefa nada trivial. Neste capítulo iremos introduzir os toquens como sendo os blocos</p>

		<p>constituíntes dos textos e mostraremos de que forma estes últimos podem ser toquenizados.</p> <p>Fonte: http://nltk.sourceforge.net/doc/pt-br/tokenize.html</p> <p>Análise léxica é o processo de analisar a entrada de linhas de caracteres (tal como o código-fonte de um programa de computador) e produzir uma sequência de símbolos chamado "símbolos léxicos" (lexical tokens), ou somente "símbolos" (tokens),</p> <p>Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Análise_léxica</p>
de forme NPRcomp et non ADJ NPR		
Accessoirement	Secundariamente/ eventualmente	<p>de façon accessoire.</p> <p>6 synonymes auxiliairement, concomitamment, éventuellement, incidemment, secondairement, subsidiarement</p> <p>Fonte: http://www.crisco.unicaen.fr/des/synonymes/accessoirement</p>
pas de Calais (déroit).	Estreito de Pas de Calais/Estreito de Dover	Estreito

Tabela 3

PRESENÇA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA (ALEMÃO)		
UNIDADE	TRADUÇÃO	COMENTÁRIOS
StAGN (Ständiger Ausschuss für Geographische Namen)	StAGN (Ständiger Ausschuss für Geographische Namen)	Sigla não traduzida para o francês.
Grosser Atlas der Welt	Grosser Atlas der Welt	Nome não traduzido para o francês.
Zatoka Pomorska	Zatoka Pomorska	Nome não traduzido para o francês.
Pommersche Bucht	Pommersche Bucht	Nome não traduzido para o francês.
Frankreich = la France, die Schweiz = la Suisse.		
Steiermark = la Styrie, die Westindischen Inseln = les Antilles		
der Balkan = les Balkans		
München	München	Nome não traduzido para o francês.
Kreuzberg, Goethestrasse, Savignyplatz	Kreuzberg, Goethestrasse, Savignyplatz	Nomes não traduzidos para o francês.
der Stift in Frankfurt, der Englische	der Stift in Frankfurt, der Englische	Nomes não traduzidos para o francês.

Garten in München, die Wiener Staatsoper	Garten in München, die Wiener Staatsoper	
der Stift = le « crayon », der Englische Garten = le Jardin anglais, die Wiener Staatsoper = Opéra national de Vienne		
der Rhein = le Rhin, der Bodensee = le lac de Constance, das Mittelmeer = la Mer Méditerranée		
die Wüste Gobi = le désert de Gobi, der Schwarzwald = la Forêt- Noire		
Der Saturn = Saturne, Andromeda = Andromède, der Hundstern = Sirius		
Utopia = Utopie, Atlantis = l'Atlantide, der Styx = le Styx		
Appenzell, Bregenz, Prater ou Oder,		
White House = Weißes Haus, Maison-Blanche		
Strasse von Dover	Strasse von Dover	
der Genfer See = le lac Léman		
der Aralsee = la mer d'Aral et non *le lac d'Aral		
Bollwerkthurm = tour du bastion		
der Hochkönigsburg	der Hochkönigsburg	
le Haut-Koenigsbourg	le Haut-Koenigsbourg	
die Rhone (f) = le Rhône (m) ; die Seychellen (fpl) = les Seychelles (fpl) ; der Balkan (m) = les Balkans (mpl) ; Paris (n) = Paris (mf).		
Weißes Haus	Weißes Haus	
Er wohnt in der Alten Bergstrasse = Il habite dans la Alte Bergstrasse		
e sommet du Mont Blanc = der Gipfel des Montblancs		
Den Haag = La Haye		

Sachsen = la Saxe der Saturn = Saturne		
der Spargel (#édifice à Francfort),	der Spargel	
Stadt = ville à proximité de Erlau = Eger.		
die Etsch = l'Adige		